



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS,  
LETRAS E ARTES PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA  
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

MICHAELLA ARAUJO FARIAS

**“TRANQUILO E FAVORÁVEL”:** UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DA  
PLATAFORMA DE ENSINO HORA DO ENEM

JOÃO PESSOA – PB  
2019

MICHAELLA ARAUJO FARIAS

**“TRANQUILO E FAVORÁVEL”: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DA  
PLATAFORMA DE ENSINO HORA DO ENEM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em linguística.

Área de concentração: Linguística e Práticas Sociais.

Linha de pesquisa: Discurso e Sociedade.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Oriana de N. Fulaneti

JOÃO PESSOA-PB  
2019

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

F224t Farias, Michaela Araujo.

"Tranquilo e favorável" : uma análise semiótica da  
plataforma de ensino Hora do ENEM / Michaela Araujo  
Farias. - João Pessoa, 2019.

113 f. : il.

Orientação: Oriana de Nadai Fulaneti.  
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Linguística. 2. Estratégias enunciativas. 3. Hora  
do ENEM. 4. Interação. 5. Semiótica discursiva. I.  
Fulaneti, Oriana de Nadai. II. Título.

UFPB/BC

CDU 81(043)

MICHAELLA ARAUJO FARIAS

**“TRANQUILO E FAVORÁVEL”: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DA  
PLATAFORMA DE ENSINO HORA DO ENEM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em linguística.

Área de concentração: Linguística e Práticas Sociais.  
Linha de pesquisa: Discurso e Sociedade.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Oriana de N. Fulaneti

Aprovada em 30, agosto, de 2019.

**BANCA EXAMINADORA**

  
Professora Dra. Oriana de Nadai Fulaneti (UFPB)  
(Orientadora)

Prof(a). Dr(a). Danielle Barbosa Lins de  
Almeida  
(Examinadora)



---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Danielle B. Lins de Almeida – UFPB

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luiza Helena O. da Silva – UFT

JOÃO PESSOA –PB  
2019

Aos meus meninos João e Pedro, e aos “combatentes  
que guerreiam sem esperanças de fama ou de glória.  
Se acabam na espuma, se apagam na história.  
Cantando ciranda na beira do Mar”.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à força suprema que me sustentou em todos os momentos desde o ventre, não sei do que chamar, se de Deus, se de potência geradora do universo ou de qualquer outro nome; o que é de fato importante é o quanto a fé foi importante neste e em todos os processos e conquistas da vida. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e à Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba pela concessão da bolsa que tornou possível minha dedicação aos estudos e à pesquisa, sem deixar de ressaltar a importância do coordenador Ferrari e dos colaboradores do Programa de Pós-graduação em Linguística, além desses e os demais colaboradores ao funcionamento da pós e dos demais setores de apoio ao ensino e à pesquisa.

Não tenho palavras para agradecer à minha orientadora, que acreditou em mim desde a graduação e além de apoiadora é uma grande parceira nos trabalhos acadêmicos e na vida. Foi nela que vi o exemplo de uma professora que inspira e encanta, que conhecimento e competência podem estar associados à humildade. Agradeço também à presteza e à benignidade das professoras Danielle de Almeida e Luíza Oliveira por aceitarem compor a banca e auxiliarem no processo de escrita e construção da pesquisa com suas observações atentas na qualificação. Minha gratidão e meu eterno apreço a estas mulheres que foram tão cruciais na realização deste sonho.

Um grande abraço apertado à minha amiga “do mestrado para a vida”, Juliana Santos. Ju, você é um ser tão iluminado que nem toda nebulosidade das adversidades são capazes de te ofuscar. Obrigada por me ensinar o verdadeiro sentido de trabalho em equipe, por todas aventuras e perrengues dos prazos “dando na guela” que vivemos juntas. Eu nunca vou esquecer de você, mesmo que esqueças de mim, quando for uma pesquisadora renomada “nas gringas”.

Gostaria de agradecer a minha mãe por me ensinar que quando não se nasce no privilégio, se vence na raça. E que a vida é muito dura para quem é mole.

Um abraço para Aline Cunha que me acompanha desde a graduação, me dando os melhores conselhos, desde sempre. Outro bem forte na minha Tia Denise, abrangendo toda família Theodósio Amaral, em especial ao meu melhor amigo, gabz, gab, mizr.

“A verdade é revolucionária”

## RESUMO

Neste trabalho, a aula é percebida enquanto texto sincrético, pois justapõe a linguagem verbal e não verbal, linguagem corporal do professor, o quadro, o ambiente sala de aula entre outros elementos. O *corpus* é constituído por uma plataforma de ensino denominada HORA DO ENEM. Tal projeto é voltado aos estudantes que irão se submeter ao Exame Nacional do Ensino Médio. Os objetos de estudo são a primeira aula de linguagem intitulada HORA DO ENEM - X da Questão - Língua Portuguesa 1, e um programa que engloba outra aula, cujo título é: HORA DO ENEM Variação Linguística, Interpretação textual e a língua portuguesa nos quadrinhos. Os objetivos desta pesquisa são: 1) identificar as estratégias enunciativas suscitadas pelos múltiplos narradores; 2) a partir dessas estratégias, compreender qual o perfil de professor, de aluno e o tratamento dado ao conteúdo, 3) e como esses perfis influenciam na produção de sentido e promovem a interação. Para este empenho, nos valeremos da Semiótica Discursiva, dos conceitos cunhados por Greimas (1979), acerca dos níveis do Percurso Gerativo de Sentido, além dele, para apreensão do nível fundamental nos pautamos em Fiorin (2000), já os trabalhos de Barros (2002) e (2004) nos darão aporte para o estudo da narratividade, no estudo do terceiro nível – o discursivo – nos valeremos além dos já citados, dos postulados de Fiorin (2016), que esmiúça as categorias enunciativas instauradas por Benveniste (1974). Para apreciação do plano de expressão acrescentaremos a perspectiva de Floch (2009) e da proposta metodológica explicada por Teixeira (2009), a qual propõe um roteiro para análise dos textos verbovisuais. Os resultados revelam indícios de uma busca de adequação do destinador ao seu destinatário, a fim de promover uma interação por aproximação. Os resultados da análise evidenciaram que o apresentador e professores se colocam como auxiliares do estudante, o qual está em processo de preparação para o ENEM. Percebemos que a enunciação se volta para um letramento de prova, com dicas e resolução de questões. O perfil dos professores é juvenil, moderno e arrojado. A expressão visual no cenário e na vinheta também corroboram para um ensinamento mais leve, sem tanto esforço. O conhecimento é transmitido de forma a ser “tranquilo e favorável”, ou seja, uma imagem pautada na juventude e na modernidade.

**Palavras-chave:** Estratégias enunciativas. Hora do ENEM. Interação. Semiótica Discursiva. Textos sincréticos.

## ABSTRACT

In this research, a lesson is understood as a syncretic text, as it juxtaposes the verbal and non-verbal language, the teacher's body language, the blackboard, the classroom environment among other elements. The corpus is a teaching platform called "ENEM TIME" (HORA DO ENEM). This project is designed for students who will do the National High School Exam (ENEM). The objects of this research are the first language class entitled Enem's time: the heart of the matter - Portuguese Language 1, and a program that covers another class, which title is Enem's time: Linguistic Variation, Textual Interpretation and the Portuguese language in comics. The objectives of this research are: 1) to identify the enunciative strategies raised by the multiple narrators, 2) to understand the teacher's and student's profiles as well as the content, 3) and how these profiles influence the production of meaning and promote interaction. Thus, we will use the Discursive Semiotics and the concepts developed by Greimas (1979) about the levels of the Generative Path of Signification. In addition to it, to apprehend the fundamental level, we use Fiorin (2000), the works of Barros (2002; 2004) which contribute to the study of narrativity, and to study the third level - the discursive one - we use, in addition to those already mentioned, the postulates of Fiorin (2016) that explains the enunciative categories established by Benveniste (1974). To appreciate the expression plan, we add the perspective of Floch (2009) and Teixeira' methodological proposal (2009), which is a script for the analysis of verbal-visual texts. The results reveal signs of a search suitability search by the sender towards the receiver, in order to promote an interaction by approximation. The results of the analysis showed that the hosts and teachers act as student's assistants, the one who is preparing for ENEM. We realized that the enunciation turns to exam literacy, with tips and problem solving. The teacher's profile shows someone young, modern and bold. The visual expression in the scenery and in the opening sequence also corroborate for a lighthearted teaching, which means without much effort. Knowledge is transmitted in a way that is "peaceful and favorable", it is an idea based on youth and modernity.

**Keywords:** Enunciative strategies. ENEM time. Interaction. Discursive Semiotics. Syncretic texts.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Dados do Ministério de Comunicações sobre a venda de computadores 2004-2009 .....	30
Figura 2 - Print do layout da página inicial do e-ProInfo .....	33
Figura 3 - Print do acesso ao ícone links da página do e-Proinfo .....	34
Figura 4 - Print da página inicial do Portal do Professor .....	35
Figura 5 - Print do acesso ao ícone “Multimídia” do Portal do Professor .....	36
Figura 6 - Print da página inicial do Portal Domínio Público .....	37
Figura 7 - Print da página inicial do “Banco Internacional de Objetos Educacionais”...38	
Figura 8 - Dados estatísticos de quantidade de recursos por tipo .....	39
Figura 9 - Infográfico Hora do ENEM .....	41
Figura 10 - Print de Aula de Redação (ep. 225).....	59
Figura 11 - Infográfico Hora do ENEM .....	62
Figura 12 - Print do Hora do Enem página inicial do site.....	63
Figura 13 - Printimagem do site: Aulas do Hora do ENEM por campo do conhecimento.....	64
Figura 14 - Print das aulas de redação e entrevistas .....	65
Figura 15 - Print da última parte da interface .....	66
Figura 16 - Aula 1: Cenário 1 .....	67
Figura 17 - Frame do "cenário 2" da videoaula da professora Priscila Gomes .....	68
Figura 18 - Frame da lousa digital utilizada na aula da professora Priscila .....	68
Figura 19 - Cenário Programa 113 .....	69
Figura 20 - Frame do programa 113 - cenário 2 .....	71
Figura 21 - Frame da Lousa com questão do ENEM .....	71
Figura 22 - Frame da Aula 1 de Língua Portuguesa .....	78
Figura 23 - Frame da Aula 1 (0:23s) de Língua Portuguesa .....	79
Figura 24 - Frame da Aula 1 (1m11s) de Língua Portuguesa .....	80
Figura 25 - Transição de cena: cenário 1.....	81
Figura 26 – Transição de cena: cenário 2 .....	81
Figura 27 - Frame cenário 2 .....	82
Figura 28 - Frame lousa digital .....	83
Figura 29 - Cenário Hora do Enem .....	92
Figura 30 – Frame da vinheta do Programa 113 .....	95

Figura 31 - Modelo de cores utilizados em dispositivos eletrônicos (RGB) .....	96
Figura 32 - Frame da Vinheta Hora do ENEM.....	97
Figura 33 - Frame da vinheta .....	98
Figura 34 - Experimentação .....	98
Figura 35 - Sequência de encerramento da vinheta .....	99

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Gerações e Recursos EAD de acordo com Moore e Kreasley .....	21
Tabela 2 - Esquema do Percorso Gerativo de Sentido .....	43
Tabela 3 - Categorias de análise .....	60
Tabela 4 - Características das categorias e suas respectivas oposições .....	60
Tabela 5 - Elementos da Narrativa na “Aula 1” e no “Programa 113” .....	76
Tabela 6 - Temas e figuras do/no “Hora do ENEM” .....	89
Tabela 7 - Temas e categorias no plano de expressão .....	94

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 .....	50
Quadro 2 .....	54

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>2. ALGUMAS PALAVRAS SOBRE A CONCEPTUALIZAÇÃO DO ENSINO A DISTÂNCIA .....</b>	<b>20</b>
2.1 Desdobramentos e desenvolvimento .....	20
2.1.1 Primórdios da Educação a Distância .....	22
2.1.2 Iniciação e desenvolvimento da EAD no Brasil .....	23
2.1.2.1 Desdobramentos da Educação a Distância no Brasil .....	25
2.1.2.2 Quarta Geração da EAD no Brasil; Teleconferência e interatividade em tempo real.....	27
2.2 O que dizem os documentos oficiais sobre o uso da tecnologia na/para educação.....	28
2.3 Políticas públicas de inclusão digital .....	30
2.3.1 Políticas Públicas de Inclusão digital no Brasil voltadas à educação /ou aos recursos educacionais virtuais .....	32
2.3.1.1 Programa Nacional de Informática na Educação (ProInfo).....	32
2.3.1.2 Programa Nacional de Informática na Educação (ProInfo 2007) .....	32
2.3.1.3 Portal do Professor (2008) .....	34
2.3.1.4 Portal Domínio Público .....	36
2.3.1.5 Banco Internacional de Objetos Educacionais .....	37
2.3.1.6 TV Escola .....	39
2.3.1.7 Hora do ENEM .....	40
<b>3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>42</b>
3.1 Semiótica Discursiva .....	42
3.1.1 Sobre o Percurso Gerativo de Sentido .....	42
3.1.1.1 Estruturas sêmio-narrativas .....	44
3.1.1.2 Estruturas Discursivas .....	48
3.1.1.3 Sintaxe Discursiva: debreagem e embreagem .....	48
3.2 Semiótica Sincrética .....	58
<b>4. CAPÍTULO ANALÍTICO .....</b>	<b>62</b>
4.1 Hora do ENEM; o projeto e a interface geral do site .....	62
4.1.1 Do objeto de estudo: Sobre a Aula 1 de Linguagem .....	67
4.1.2 Do objeto de estudo: Sobre o Programa 113 .....	69

4.2 Plano de Conteúdo .....	73
4.2.1 Estruturas sêmio-narrativas na “Aula 1” .....	73
4.2.1.1 Estruturas sêmio-narrativas no Programa 113 .....	75
4.2.1.2 Nível discursivo .....	77
4.2.1.3 Projeções da enunciação no enunciado na Aula 1 de Língua Portuguesa .....	78
4.2.1.4 Projeções da enunciação no enunciado no programa 113.....	85
4.2.1.5 Relações entre enunciador e enunciatário na Aula 1 e no Programa 113 .....	88
4.2.2 Semântica do nível discursivo .....	89
4.3 Plano de expressão; uma análise da aula e do programa enquanto textos sincréticos .....	91
4.3.1 HORA DO ENEM: O plano de expressão no programa .....	91
4.3.2 Cenário .....	91
4.3.3 Do plano de expressão: vinheta .....	95
<b>ALGUMAS ÚLTIMAS PALAVRAS .....</b>	<b>100</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>103</b>
<b>ANEXO I.....</b>	<b>106</b>
<b>ANEXO II.....</b>	<b>109</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A incorporação das tecnologias digitais na vida humana, fenômeno em plena expansão e desenvolvimento, acaba por acarretar mudanças em diversas esferas da sociedade contemporânea. Qualquer que seja o suporte em que se concretize a comunicação – telefones celulares, terminais bancários, telas de computadores, entre outros. Os meios de propagação e acesso ao conhecimento também estão inseridos em um processo de transmutação. Há algum tempo com a expansão da internet, era notável a preocupação do impacto na audiência na TV aberta, no rádio, nas revistas. No entanto, o que se observa é que o fenômeno da digitalização acabou por conectar os meios e transpor à comunicação e ao entretenimento, tendo em vista que não se restringiu apenas aos programas televisionados, aos *blogs*, ao cinema, à música, entre outras manifestações culturais, mas também à educação. Observa-se um aumento gradativo de iniciativas públicas e privadas de investimento na Educação a Distância e na implantação de novas ferramentas tecnológicas ao ensino, as quais estavam em efervescência na gênese deste trabalho (2015/2016), o qual demonstrará a evolução e os marcos das políticas sociais de inclusão e fomento digital nas escolas da rede pública de ensino.

Atualmente, qualquer pessoa pode “googlar”<sup>1</sup> incontáveis assuntos disponíveis na rede mundial de computadores. Entender como se apresentam estes novos formatos e formas de aprender é um desafio que este trabalho pretende desbravar.

Empenhadas em identificar como contribuir com as investigações nos estudos sobre Educação a Distância, na perspectiva semiótica, buscamos por trabalhos que investigassem as estratégias de enunciação em uma plataforma de ensino a distância, (que é o mais próximo do nosso enfoque), mas não encontramos muitos trabalhos que abordassem esse recorte, logo, alteramos um pouco o nosso critério de busca e descobrimos alguns artigos que fazem alusão à semiótica no contexto da educação a distância. Falaremos sumariamente sobre cada um deles.

Souza, Gomes e Souza (2002) convocam a semiótica francesa no artigo “Análise semiótica do conceito de ensino na EAD” na análise de uma imagem verbo-visual para investigar os níveis do percurso gerativo de sentido, dos papéis actanciais de professor, tutor e estudantes e os conceitos de ensino EAD veiculados no texto analisado. A partir

---

<sup>1</sup> Googlar – termo reconhecido em 2006 pelo dicionário Merriam –Webster como sinônimo para pesquisar usando o Google, site de busca mais utilizado no mundo. Fonte: <https://www.publico.pt/2006/07/08/jornal/googlar-reconhecido-como-verbo-87950>. Acesso em 23 de outubro de 2017.

disso, chega à noção de que nos ambientes virtuais de aprendizagem o papel de professor e estudante são reconfigurados, tendo em vista que o estudante passa de receptor para também produtor de conhecimento, desta forma, promovendo uma ressignificação nos conceitos de ensino e aprendizagem.

Matte (2009), cujo trabalho é intitulado *Análise semiótica da sala de aula no tempo da EAD*, tem intencionalidade, essencialmente, discutir a organização do espaço da sala de aula, a relação entre professor e alunos em cada uma dessas configurações, assim como sua mudança com as aspectualizações espacial e temporal; tais aspectos foram ilustrados por imagens de várias organizações de sala de aula ao passar do tempo até a projeção de uma sala de aula futura da Universidade de São Paulo, intitulada Escola do Futuro da USP, cujo projeto consiste em um espaço voltado para o ensino presencial-virtual.

Outro trabalho relevante sobre o ensino EAD, sob o prisma semiótico, é *Semiótica das Práticas Discursivas em EAD. Argumentação, Engajamento e Réplica no Fórum*, que analisa réplicas em fóruns de ambientes virtuais de aprendizagem – AVA - de autoria de Maria Suzana Marc Amoretti (2008). O trabalho suscita além da concepção de *isotopia* greimasiana (1976), os estudos de Charaudeau (2007) acerca dos papéis, lugares e autores do discurso, no chamado “contrato de reconhecimento”. Além das teorias já expostas, também mobiliza o conceito interacionista da comunicação desenvolvido por Kerbrat-Orecchioni (1990). A autora chega à reflexão de que: “Interação discursiva leva em consideração tudo o que torna possível a competência cognitiva dos sujeitos da interação, isto é, antes do /fazer/, os sujeitos devem possuir as modalidades do /querer-fazer/ e/ou do /poder-fazer e/ou do /saber-fazer/. Isto quer dizer que a interação ocorre a partir de uma sintaxe modal”.

O nosso diálogo com as pesquisas mencionadas se dá essencialmente nos seguintes pontos com a de Amoretti (2008) ao analisar as interações entre professor e estudantes, também consideramos que o acesso às aulas é fruto de uma manipulação bem sucedida. Em consonância com Souza (2012) e Amoretti (2008) também abarcamos o percurso gerativo de sentido e os papéis actanciais dos sujeitos envolvidos na plataforma de ensino. Observamos nesses trabalhos, mais especificamente, o estudo sobre os papéis actanciais dos professores e alunos e das interações estabelecidas a partir delas; logo nos valem dessas pesquisas para compreender melhor essas configurações no nosso *corpus*.

O objetivo mais geral desta pesquisa é observar como as estratégias de enunciação colaboram na construção dos efeitos de sentido e como estes visam influenciar/influenciam na interação professoras e apresentador e

estudantes/participantes. E os mais específicos são: identificar as estratégias enunciativas suscitadas pelos múltiplos narradores e a partir dessas compreender qual o perfil de professor, de aluno e o tratamento dado ao conteúdo, e como esses influenciam na produção de sentido e promovem a interação.

Nosso percurso metodológico parte da perspectiva teórico-metodológica da semiótica discursiva, sendo iniciado na busca pela identificação das estruturas semio-narrativas e discursivas e como essas se apresentam na aula 1 de linguagem e no programa 113 do projeto *Hora do ENEM – corpus* –; também levaremos em consideração os elementos verbo-visuais componentes do texto sincrético.

Iniciaremos percorrendo um caminho que parte do surgimento da educação não presencial no Brasil, dissertando sobre: o ensino por correspondência, o televisionado, os projetos de formação por meio de rádio, a implantação das primeiras plataformas de ensino virtual, as primeiras menções ao ensino a distância nos documentos oficiais, os direcionamentos que estes documentos delinearão para compreender como se deu a inserção das tecnologias no contexto educacional. Encerraremos fazendo uma sumarização das plataformas de ensino públicas em funcionamento, essencialmente a direcionada aos estudantes que pretendem ingressar no ensino público superior, *HORA DO ENEM*, plataforma implantada em 2016, pelo Ministério da Educação, com a finalidade de preparar os estudantes advindos de escola pública, para prestarem o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). É essa plataforma que constitui o *corpus* desta pesquisa.

No segundo capítulo, apresentaremos a revisão bibliográfica dos marcos teóricos fundamentais à tessitura deste trabalho. A semiótica discursiva ou greimasiana (1976), ou seja, a raiz fundadora de uma teoria geral dos textos, nos servirá de aporte para compreender como o sentido é enriquecido nos níveis do percurso gerativo de sentido. Além das ricas contribuições de Fiorin (2000) em *Elementos da análise do discurso*, também sobre o PSG. Ainda na esteira semiótica, abarcamos os estudos de Barros (2004) e (2006), para compreender as estruturas semio-narrativas e como se apresentam na tessitura textual. Para compreensão das estratégias enunciativas nos valem de Benveniste (1974), especialmente da sua noção de subjetividade e instauração do “eu” no discurso. Ainda nesse empenho, recorreremos a Fiorin (2016), fazendo uso da obra *Astúcias da enunciação*, que explica todas as categorias enunciativas. Nossa assimilação das estruturas discursivas capturou as nuances da cobertura textual com a lupa dos estudos de Teixeira (2009), à qual desenvolve os estudos de Floch (2009) e expõe uma proposta

metodológica para análise de textos que disserta acerca da influência das cores, formas e organização no espaço e sua influência na produção de sentido, além das relações entre o plano de expressão e conteúdo.

Já no terceiro capítulo, o qual denominamos capítulo analítico, partimos de uma descrição minuciosa do *corpus* que parte do mais geral para o mais específico, em outras palavras, dissertaremos sobre o projeto e sobre a *interface*<sup>2</sup> da plataforma, sucessivamente descreveremos a *Aula 1* e o *Programa 113*, ambos objetos de estudo desta pesquisa. Em seguida explicitaremos o que identificamos enquanto plano de conteúdo; nos tópicos relacionados a ele estudaremos os três níveis do percurso gerativo de sentido, conseqüentemente nos direcionando ao afinamento da discussão, voltando nosso enfoque para as estratégias enunciativas escolhidas pelos múltiplos enunciadores e seus efeitos na produção de sentido. Já no plano de expressão – componente do último patamar do percurso gerativo de sentido – a luz estará sobre a apresentação do texto – o qual conforme já mencionamos – considerado como sincrético, tendo em vista que na sua costura são envoltas as linguagens verbal e visual.

---

<sup>2</sup> Interface é a camada de comunicação entre dois sistemas ou grupos, uma pessoa e uma ferramenta, por exemplo. Na maior parte dos casos é uma interface gráfica de usuário (GUI), ou seja, é algo que alguém vê e manipula com o *mouse* ou tocando a tela (no caso de dispositivos *touch*). A interface é importante porque ela é a tradução, realização e ‘esperança’ do usuário realizar a sua tarefa/objetivo de maneira eficiente. Fonte: <http://wezen.com.br/site/2016/10/o-que-e-uma-interface-uxnow/>. Acesso em 20 de agosto de 2019.

## 2. ALGUMAS PALAVRAS SOBRE A CONCEPTUALIZAÇÃO DO ENSINO A DISTÂNCIA

O Ensino a Distância (EAD), se comparado ao ensino tradicional, é algo novo, em construção, cujas definições, metodologias, recursos utilizados e avaliações dos resultados, são constantemente discutidas, atualizadas e aprimoradas, acompanhando tanto as tendências educacionais, quanto as inovações tecnológicas. A partir do século XIX, e mais expressivamente no séc. XX, surgem os impulsos para o estabelecimento da educação a distância (no próximo subtópico discorreremos sobre alguns). Estimulados por esta tendência e pelos avanços tecnológicos na área de comunicação, alguns estudiosos e pesquisadores voltaram seu olhar para estabelecer conceitos e percursos metodológicos para a modalidade de ensino não-presencial. Desmond Keegan (1996 apud MUGNOL, 2009), tratando sobre as características da EAD, postula que as principais particularidades são;

- sofre influência de uma organização educacional no planejamento, preparação do material de ensino e na provisão de serviços de suporte aos alunos;
- distância física entre professores e alunos;
- utilização da mídia<sup>3</sup> – impressos, áudio, vídeo ou computador – para mediar ações educativas entre professores e alunos no desenvolvimento do conteúdo do curso;
- comunicação bidirecional, de forma que o aluno pode se beneficiar de um diálogo mais estreito com o professor;
- quase permanente ausência de grupos de aprendizagem presenciais, com a possibilidade de encontros, face a face ou através de meios eletrônicos, sendo os estudos individuais responsáveis por completar as necessidades e propósitos de socialização. (KEEGAN, 1996 apud MUGNOL, 2009, p. 339).

Percebemos que, de acordo com a concepção dos autores, a distância e a forma de mediação entre conteúdo – aprendente é mediada pelas tecnologias de informação e comunicação (TIC). Devido à distância física, faz-se necessária a reconfiguração da interação da tríade professor – conteúdo – aluno.

### 2.1. Desdobramentos e desenvolvimento

As matrículas na categoria educação a distância crescem significativamente ano

---

<sup>3</sup> Interessante ressaltar que ao discorrer sobre a utilização de recursos os autores pautaram-se nos recursos utilizados na década de 90, apesar disso, as primeiras tecnologias utilizadas foram as correspondências e a rádio, ainda na década de 70 (conforme veremos no próximo tópico).

após ano e a popularização da modalidade, a democratização do ensino, o custo mais baixo, a amplitude de alcance aos usuários dentre outros fatores são os responsáveis pelo avanço desta variante. Porém, o conceito de EAD ainda é muito relacionado aos dispositivos digitais, a exemplo do *desktop* (computador de mesa), sucessivamente aos *notebooks*, aos *tablets* e atualmente aos *smartphones*. Moore e Kearsley (2007) classificam a educação a distância ordenando-a em cinco gerações. A primeira compreende o século XIX, a qual consistia, essencialmente, no uso dos correios, ou seja o estudante recebia os cursos via correspondência. Ainda segundo os autores, também é denominado “estudo independente”. A segunda geração teve início no séc. XX, quando as configurações metodológicas empregavam a transmissão via rádio e televisão. O momento em que algumas instituições utilizavam mais de uma mídia<sup>4</sup> é o primórdio da educação multimidiática.

A década de 60 é citada pelos autores Moore e Kearsley (2007), no organograma de gerações, como sendo a terceira. É caracterizada pela abertura das Universidades Abertas, além da continuidade do uso das mídias disponíveis, de acordo com o avanço tecnológico de cada período temporal, a exemplo das transmissões via rádio, televisão, telefone, vídeo pré-gravados, conferências via telefone e dos materiais impressos, quando houve a fusão de mais de uma das mídias como metodologia de ensino. Em conformidade com as evoluções tecnológicas e sua interferência na classificação das gerações da EAD, a quarta geração é marcada pelo uso da teleconferência, inicialmente por meio da transmissão de áudio simultânea e multidirecional e posteriormente com áudio e vídeo<sup>5</sup>. A quinta geração, a atual, é baseada fundamentalmente no uso do computador e de seus recursos - a exemplo da internet - nas interações por meio digital. O quadro abaixo expõe uma súmula das gerações e dos respectivos recursos utilizados.

Tabela 1 - Gerações e Recursos EAD de acordo com Moore e Kearsley

<b>Geração</b>	<b>Forma</b>	<b>Recursos Instrucionais e tecnológicos básicos</b>
Primeira	Ensino por correspondência	Materiais impressos, livros e Apostilas

<sup>4</sup> Tomamos aqui o conceito de mídia exposto no dicionário Houaiss, o qual estabelece a acepção: Rubrica: comunicação. Mídia: todo suporte de difusão da informação que constitui um meio intermediário de expressão capaz de transmitir mensagens; o conjunto dos meios de comunicação social de massas abrangem esses meios o rádio, o cinema, a televisão, a imprensa, os satélites de comunicações, os meios eletrônicos e telemáticos de comunicação etc.

<sup>5</sup> Para aprofundamento dos conhecimentos acerca do funcionamento da teleconferência, recomendamos consultar: <http://ensinoadistancia.wikidot.com/teleconferencia>. Acesso em 05 de novembro de 2017.

Segunda	Transmissão por rádio e Televisão	Rádio, Vídeo, TV, Fitas cassete
Terceira	Universidades Abertas	Materiais impressos, TV, Rádio, Telefone, Fitas cassete
Quarta	Teleconferência	Teleconferência interativa com áudio e vídeo
Quinta	Internet/web	Internet, MP3, Ambientes Virtuais de
		Aprendizagem (AVA), Vídeos, Animações, Ambientes 3D, Redes Sociais, Fóruns...

Fonte: VILAÇA (2010)

O percurso escolhido para este trabalho intenciona estabelecer uma linearidade entre essas cinco gerações de acordo com as ferramentas tecnológicas das quais a modalidade fez/faz uso. O *corpus* de nossa pesquisa, a plataforma educacional *Hora do ENEM*, se insere na quinta geração e se configura como uma plataforma majoritariamente multimidiática e acertadamente transmidiática. Dissertaremos mais sobre a plataforma e suas respectivas configurações no terceiro tópico deste texto.

### 2.1.1. Primórdios da Educação a Distância

Segundo Golvêia e Oliveira (2006 apud ALVES, 2011), alguns teóricos consideram as cartas de Paulo remetidas às comunidades cristãs da Ásia Menor no século I, registradas na Bíblia, cujo conteúdo ensinava como se portar de acordo com as normas cristãs, como a origem histórica de educação realizada de forma não-presencial, no entanto, como pode ser observado no artigo de Alves (2011), Vasconcelos (2010); Golvêia e Oliveira (2016), elucidam que a partir do século XIX foram registradas iniciativas que abriram os caminhos para a educação a distância no mundo. O marco inicial foi 20 de março de 1728, em Boston, por meio da publicação na Gazeta de Boston, na qual o professor Caleb Philiphis, de *Short Hand*, ofereceu material e tutoria por correspondência. Sucessivo a essa, outras iniciativas expandiram o formato pelo mundo, essencialmente no continente europeu, a exemplo do instituto Liber Hernandes, na Suécia, que formou 150.000 alunos a partir de 1829. Em 1840, é inaugurada no Reino Unido a primeira Faculdade por correspondência. Cursos de idiomas também foram ofertados via correio, pela Sociedade de Línguas Modernas de Berlim, em 1856. Nos Estados Unidos, em Chicago, na extensão da universidade da cidade, foi concebida uma divisão de ensino por correspondência. A Noruega, por sua vez, estabeleceu uma

legislação específica para escolas por correspondência em 1948. Três anos depois, em 1951, a Universidade de Sudáfrica iniciou os trabalhos para o estabelecimento desse formato de ensino na África, e a instituição continua desenvolvendo cursos de educação a distância atualmente. Percebemos a partir da exposição das informações coletadas do artigo de Alves que a adesão ao uso das cartas como ferramenta de ensino foi representativa na Europa e chegou também aos Estados Unidos e África. Em 1947, o rádio começou também a ser utilizado para fins educacionais.

As aulas de matérias literárias da Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Paris foram transmitidas via rádio da Sorbonne. O Japan National Public Broadcasting implementa o uso do rádio com finalidade complementar, em 1935. Apresentamos alguns exemplos<sup>6</sup> do cenário dos primórdios da EAD no mundo. No entanto, para os objetivos deste trabalho, nos deteremos a explorar o surgimento e desenvolvimento no Brasil.

### **2.1.2. Iniciação e desenvolvimento da EAD no Brasil**

Segundo Maia e Mattar (2007), o primeiro registro de EAD foi no *Jornal do Brasil*, no qual em sua primeira edição em 1981, nos classificados, promoveu o curso de datilografia via correspondência. Porém, ainda segundo os autores, o primeiro empreendimento nesse sentido foi das Escolas Internacionais, de origem norte-americana, que ofereciam cursos por correspondência em classificados de jornais, em vários países do mundo. Neste período ocorreram diversos problemas, dentre eles: não houve tanta visibilidade para o modelo a distância por parte do governo e entidades públicas, além de haver problemas com o serviço dos correios. Decorrente desses fatos se iniciou o uso do rádio como ferramenta educativa.

Em 1923 é fundada por Henrique Morize e Roquete Pinto a Rádio Sociedade Brasileira, a qual ministrava cursos de língua portuguesa, francês, silvicultura, esperanto, radiotelegrafia e telefonia. Posteriormente, em 1936, fora cedida ao Ministério de Educação e Saúde, que a transformou no Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação. A rádio difusora que antes era particular passou a ser pública e retransmitida a diversas localidades do país, urbanas e rurais. Levando em consideração os altos índices de analfabetismo da época, o serviço foi de fundamental importância como ferramenta de combate a este problema social. Outros movimentos em prol de

---

<sup>6</sup> Para extensão dos conhecimentos históricos recomendamos a leitura de Alves (2011). A autora apresenta cronologicamente o panorama de consolidação da Educação a Distância no mundo.

melhorias na educação ganharam força na década de 90 no Brasil, a exemplo da criação da Comissão de Cinema em Educação, em 1927, também no Rio de Janeiro. Em 1934 o Roquete Pinto funda a Rádio-Escola no Rio de Janeiro, que além das aulas difundidas via rádio os estudantes recebiam material impresso e esquemas via correio. Seguindo o movimento impulsionado pelas já citadas, outras foram fundadas.

O Instituto Universal Brasileiro (IUB), criado em 1941, operava apenas via correspondência. Menezes (2011) explana que o IUB foi um importante propagador do ensino a distância no Brasil no século XX, tendo por estratégia anúncios em jornais e revistas de circulação nacional, além de disponibilizar folhetos nos correios, os quais poderiam ser selados e pagos para que os cursos fossem enviados<sup>7</sup>. Chegou a oferecer mais de 30 cursos, sendo os mais populares os de eletrônica, mecânica de automóveis, corte e costura e desenho artístico.

Segundo Maia e Mattar (2007), como referência de pioneirismo nos ensinamentos voltados ao campo religioso, temos “A Voz da Profecia”, projeto fundado nos Estados Unidos em 1929 e transmitida no Brasil em português a partir de 1943. O programa, que inicialmente apresentava séries bíblicas, cresceu e ganhou proporção de canal. Outra iniciativa eclesial foi realizada em 1959 pela Arquidiocese de Natal, capital Rio Grande do Norte, a fundação da Escola Radiofônica, a qual deu origem ao Movimento de Educação de Base<sup>8</sup>. O MEB promoveu e promove ações pedagógicas com a finalidade de combater a desigualdade social por meio da alfabetização e letramento de jovens e adultos.

Maia e Mattar (2007) também expõem que o conhecido “Sistema S”, composto pelas entidades: Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (SESCOOP), Serviço Social do Transporte (SEST), Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte (SENAT), Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), Serviço Social da Indústria (SESI), Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), Serviço Social do Comércio (SESC), também contribuíram para a difusão dessa modalidade de ensino. O SENAC e o SESC participaram diretamente da história da educação a distância brasileira, fundaram em 1941 a Universidade no Ar. O intento durou dois anos e foi retomado em parceria com emissoras associadas em 1947. A universidade ofereceu até 1961 cursos comerciais via

---

<sup>7</sup> Fonte de dado: experiência pessoal da autora do trabalho, que ao ir aos correios na infância, sempre lia as ofertas de cursos.

<sup>8</sup> Para saber mais sobre o movimento e ações da CBB consultar: <http://www.meb.org.br/quem-somos/>. Acesso em 02 de novembro de 2017.

rádio, suplementados por apostilas e com resolução de exercícios, nos quais os estudantes eram auxiliados por monitores na execução (o que podemos considerar como tutoria). Em 1976 o SENAC empreende o Sistema Nacional de Telecomunicações que - apesar do título- tinha inicialmente como enfoque o ensino por correspondência, no entanto, com o passar do tempo, se expandiu para rádio e televisão. Não trataremos dessa última tecnologia por hora, pois foi estabelecido um recorte pautado na primeira e segunda geração de EAD, na qual o uso das tecnologias era limitado à correspondência e à radiodifusão.

A capacitação de profissionais da administração pública também foi contemplada. Maia e Mattar (2007) registram que, em 1967, o Instituto Brasileiro de Administração Municipal deu início a disseminação de cursos de capacitação para área de gestão via correspondência. A partir do exposto, pudemos perceber não foram poucos os empreendimentos que fizeram uso da tecnologia para fins educacionais. A maioria dos citados se manteve no mercado, no entanto reconfiguraram-se acompanhando as novas tecnologias e algumas expandiram seus cursos de qualificação para graduação e pós-graduação.

### **2.1.2.1. Desdobramentos da Educação a Distância no Brasil**

Os avanços tecnológicos contribuíram e continuam contribuindo para melhoria, expansão e democratização do acesso à informação e à educação. Nesta perspectiva, Menezes (2011) expõe que, em 1974, foi iniciado um projeto inovador que intentava utilizar os meios de comunicação de massa para democratizar o acesso à educação. Na década de 70 o índice de analfabetismo era muito alto no Brasil, fator que dificultava a modernização do país, principalmente nas regiões Norte e Nordeste. Para atender a essa demanda, surge o projeto SACI (Satélite Avançado de Comunicações Interdisciplinares). Abarcava as quatro primeiras séries do que era chamado na época de primeiro grau. Quanto aos métodos Menezes e Santos (2011) esclarecem:

Iniciativa conjunta do Ministério da Educação, do Centro Nacional de Pesquisas e Desenvolvimento Tecnológico (CNPq) e do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), o projeto Saci utilizava o formato de telenovela. Inicialmente, fornecia aulas pré-gravadas, transmitidas via satélite, com suporte em material impresso, para alunos das séries iniciais e professores leigos, do então ensino primário no estado do Rio Grande do Norte – onde foi implantado um projeto piloto. Em 1976, registrou um total de 1.241 programas de rádio e TV, realizados com recepção em 510 escolas de 71 municípios.

(MENEZES & SANTOS, 2011, p. 1).

Apesar do insucesso do projeto SACI, outras iniciativas tiveram êxito com uso da televisão. Idealizado pelo fundador da Rede Globo, Roberto Marinho, O Telecurso 2º Grau, em 1978, teve seu funcionamento iniciado. O projeto consistia em possibilitar que os telespectadores pudessem concluir o segundo grau, atual ensino médio. Três anos depois da fundação desse, o primeiro grau, atual ensino fundamental, também foi abrangido pelo Telecurso 1º Grau. Os estudantes adquiriam fascículos nas bancas de jornais e acompanhavam os programas diariamente, no fim do curso submetiam-se a provas aplicadas pelo governo, para serem diplomados em um ou ambos os graus. Ainda segundo o site do Telecurso<sup>9</sup>, inicialmente as aulas eram ministradas por atores, atrizes e pessoas famosas.

A estratégia de colocar celebridades ministrando aula para atrair público foi abandonada em 1995. O projeto foi reformulado, as aulas e o conteúdo passaram a ser o enfoque principal, salas de aula foram instaladas em todo país por meio de convênios firmados entre a Fundação Roberto Marinho e instituições públicas e privadas. Desde então passou a ser também uma política pública de acesso à educação. A metodologia de ensino fazia uso dos recursos adotados desde o princípio, televisão e apostilas<sup>10</sup>, mas suplementados nesse ano pelas chamadas Telessalas, nas quais eram transmitidas as aulas e realizados exercícios com auxílio de um professor. Além das tevês, as salas foram equipadas com aparelhos de DVD/vídeo, mapas, livros, dicionários e outros materiais didáticos. O número de espaços educacionais instalados em igrejas, associações, escolas, entre outros, chega a 32 mil e já atendeu 7 milhões de educandos. No ano de 2008, foi novamente reformado, incluindo as disciplinas do currículo do ensino médio vigente e as outras matérias tiveram seu conteúdo atualizado. Nesse ano também foram adicionados os cursos profissionalizantes. Atualmente, a política pública e o curso são chamados de Telecurso. Os participantes podem se locomover até as Telessalas ou acompanhar as transmissões pela televisão em casa e fazer as provas oferecidas pelas secretarias de educação conveniadas<sup>11</sup>.

---

<sup>9</sup> Fonte: <http://educacao.globo.com/telecurso/noticia/2014/11/historico.html>. Acesso em: 07 de novembro de 2017.

<sup>10</sup> Importante esclarecer que, o uso de tais recursos configura a estratégia de ensino como multimidiática

<sup>11</sup> Mais informações em: <http://educacao.globo.com/telecurso/noticia/2014/11/como-estudar.html>. Acesso: 07 de novembro de 2017.

### 2.1.2.2. Quarta Geração da EAD no Brasil; Teleconferência e interatividade em tempo real

Os autores Maia e Mattar (2007) ainda relatam que o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, SENAC, e o Serviço Social do Comércio, SESC, transmitiam por meio de sua rede de televisão via satélite a Rede Nacional de Teleconferência, em 2000. A grande inovação trazida por este intento era a participação dos usuários em tempo real, seja por e-mail, por fax, telefones, seja nas unidades físicas permanentes ou nas itinerantes (sobre rodas ou balsa – escola). O livro de Maia e Mattar (2007) registra que no ano de publicação o projeto ainda estava em funcionamento. Em nossa pesquisa – para realização deste trabalho – foi encontrado o registro do programa *Teleconferência em Foco*, de 2015. Segundo o portal do Senac<sup>12</sup>, no qual achamos o programa na íntegra, são convidados especialistas para falar sobre os temas como educação, saúde, meio ambiente, cidadania e turismo, entre outros. A participação do público acontece via *e-mail* e *twitter*.

Ainda na década de 90 – em menor alcance – idealizado e executado por Roquete Pinto, o inicialmente chamado de “Jornal da Educação” foi ao ar em 1991, na TV Educativa do Rio de Janeiro. Segundo o portal do programa<sup>13</sup>, desde o início de sua trajetória se pautava na formação continuada de professores. Ainda segundo a página, o projeto é pioneiro não apenas com relação à formação continuada de professores, mas por promover a interatividade com os telespectadores em uma época anterior à popularização das redes sociais. Tal tendência teve continuidade na quinta geração, a atual geração da educação a distância.

Pudemos perceber no breve panorama apresentado que essa modalidade de ensino foi essencialmente voltada à formação profissional e ao ensino básico (fundamental I, II e ensino médio), mas o ensino superior também foi influenciado pela tendência. No entanto, distinto ao que ocorreu com os outros níveis educacionais, a implantação da EAD no ensino superior teve intervenção governamental. Como relatam Maia e Mattar (2011), em 1972 o Governo Federal enviou à Inglaterra um grupo de pesquisadores liderados por Newton Sucupira. A finalidade das pesquisas era elaborar um relatório sobre o funcionamento da Open University, para a implantação da Universidade Aberta e a Distância no Brasil.

---

<sup>12</sup> Portal Senac onde podem ser encontradas algumas gravações do atual programa Teleconferência em Foco: <http://www.sesc.com.br/portal/sesc/rdt/teleconferencias/>. Acesso em: 12 de novembro de 2017.

<sup>13</sup> Para saber mais sobre a história do programa *Salto para o Futuro* acesse: <https://tvescola.org.br/tve/salto/quemsomos>.

A Universidade de Brasília (UnB) criou o Programa de Ensino a Distância (PED), em 1979, oferecendo diversos cursos por jornal, fazendo uso dos correios, fax, telefonia, e-mail e internet. Além da UnB, outras universidades começaram, na década de 90, a fomentar os cursos a distância, impulsionadas pelo desenvolvimento de novas tecnologias e possibilidade de abrangência de públicos que não estavam nas regiões próximas às instituições. Nesta conjuntura, fez-se latente a necessidade da regulamentação da modalidade de ensino<sup>14</sup>, assim como um direcionamento acerca do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) aplicadas ao ensino.

## **2.2. O que dizem os documentos oficiais sobre o uso da tecnologia na/para educação**

O século XX foi marcado por necessidades de reformas no Brasil, tanto por crises econômicas e políticas, quanto educacionais, segundo o Manifesto Nova Escola (1932) e o Manifesto dos Educadores (1959). As declarações públicas pensadas por grandes nomes da educação elucidaram a carência de diversas mudanças nas políticas voltadas à educação, motivados pela falta de cientificidade, de unicidade na escolarização nacional, de técnicas, capacitação dos professores, estrutura, diretrizes, dentre outras faltas apontadas no conjunto de concepções vocalizadas. A partir destas, foram propostas novas políticas educacionais, dentre elas a necessidade do uso das tecnologias informacionais. Também na década de 90, ocorreu a consolidação da reformulação das Leis de Diretrizes e Bases da Educação, no ano de 1996. No documento há a primeira menção à Educação a Distância. Conforme lê-se abaixo:

Art. 80. O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada. (Regulamento)

§ 1º A educação a distância, organizada com abertura e regime especiais, será oferecida por instituições especificamente credenciadas pela União.

§ 2º A União regulamentará os requisitos para a realização de exames e registro de diploma relativos a cursos de educação a distância.

§ 3º As normas para produção, controle e avaliação de programas de educação a distância e a autorização para sua implementação, caberão aos respectivos sistemas de ensino, podendo haver cooperação e integração entre os diferentes sistemas. (Regulamento)

§ 4º A educação a distância gozará de tratamento diferenciado, que incluirá:

I - custos de transmissão reduzidos em canais comerciais de radiodifusão

---

<sup>14</sup> Consideramos neste trabalho modalidade de ensino, tal qual uma classificação dada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a determinadas formas de educação que podem localizar-se nos diferentes níveis da educação escolar (educação básica e educação superior). Conforme o documento, a Educação a Distância é uma modalidade de ensino.

sonora e de sons e imagens;

I - custos de transmissão reduzidos em canais comerciais de radiodifusão sonora e de sons e imagens e em outros meios de comunicação que sejam explorados mediante autorização, concessão ou permissão do poder público; (Redação dada pela Lei nº 12.603, de 2012)

II - concessão de canais com finalidades exclusivamente educativas;

III - reserva de tempo mínimo, sem ônus para o Poder Público, pelos concessionários de canais comerciais. (BRASIL, LDB, 1996).

O reconhecimento da necessidade de novas formas de ensinar e de que as Tecnologias de Informação e Comunicação devem ser utilizadas como instrumento de aprendizagem é reforçado com a conceptualização do que seria a modalidade de Educação a Distância no decreto número 2.494/98, que regulamenta o art. 80 da LDB 9.394/96, no qual a educação a distância é assim definida:

Educação a Distância é uma forma de ensino que possibilita a autoaprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados e veiculados pelos diversos meios de comunicação. (LDB, 1996).

O aumento do interesse de Instituições de Ensino Superior (IES) em ofertar cursos EAD, como já dito anteriormente no subtópico anterior, de certa forma impulsionou a regulamentação por parte do poder público. Segundo Maia e Mattar (2011), é a partir de 1998 que se normatizam os procedimentos de credenciamento das instituições para oferta de cursos de graduação e de educação profissional tecnológica a distância, além dos cursos presenciais já regulamentados como se lê na portaria abaixo:

PORTARIA Nº 2.253, DE 18 DE OUTUBRO DE 2001

O Ministro de Estado da Educação, no uso de suas atribuições, considerando o disposto no art. 81 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e no art. 1º do Decreto nº 2.494, de 10 de fevereiro de 1998, resolve: Art. 1º As instituições de ensino superior do sistema federal de ensino poderão introduzir, na organização pedagógica e curricular de seus cursos superiores reconhecidos, a oferta de disciplinas que, em seu todo ou em parte, utilizem método não presencial, com base no art. 81 da Lei nº 9.394, de 1996, e no disposto nesta Portaria. (DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, 19 de outubro de 2001).

A publicação também previa o percentual de carga horária a distância para cursos presenciais que deveria ser no máximo de 20%, além dos cursos de modalidade não presencial em sua totalidade que deveriam submeter plano de ensino à Secretaria de Ensino Superior para serem julgados por conselho especializado, assim como o credenciamento dos cursos presenciais, os cursos de graduação ou tecnólogos devem ser credenciados individualmente e submetidos à avaliação e renovação. Outro fator

importante a ser ressaltado é que as avaliações nos cursos a distância devem ser realizadas presencialmente. O governo posterior deu continuidade à implementação de políticas públicas de acesso à informatização e de uso das ferramentas tecnológicas no setor educacional, a exemplo do que estabelece a Portaria 4.631. A publicação estabelece que o credenciamento e credenciamento das Instituições de Ensino Superior devem, a partir de então, ser feitos por meio do Sistema de Acompanhamento de Processos das Instituições de Ensino Superior – SAPIEnS/MEC, os quais são esclarecidos nos artigos seguintes:

§ 1º. O SAPIEnS/MEC é um sistema informatizado que possibilita a inserção de documentos, despachos e relatórios nos respectivos processos, por meio da Internet com utilização de tecnologias de informação, de forma a permitir a interação entre as instituições de educação superior e os órgãos do Ministério da Educação, visando a tramitação dos processos, o acompanhamento e o controle.

§ 2º. As informações constantes dos arquivos do SAPIENS/MEC constituem, para todos os fins legais, a base de dados oficial do Ministério da Educação, em relação aos processos mencionados no caput deste Artigo.

§ 3º. A Secretaria de Educação Superior - SESu é o órgão gestor do SAPIEnS/MEC, podendo, para tanto, estabelecer normas, procedimentos e os critérios para acesso e utilização do Sistema, em consonância com as especificidades das atribuições da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica - SETEC e do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP. (DOU, Seção 1, p. 65- 66).

Depreende-se a partir do exposto que o governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva deu continuidade à expansão do uso das tecnologias de informação e comunicação também na maneira de gerir o sistema educacional. A informatização dos dados e de acesso aos órgãos gestores competentes promoveu uma simplificação do processo e uma maior interação entre as IES e Secretarias/Ministério da Educação. Além disso, faz-se necessária a citação de outras políticas públicas que impactaram a estrutura do ensino no Brasil, essencialmente no que toca a democratização do acesso à informação consequente da inclusão digital.

### **2.3. Políticas públicas de inclusão digital**

A partir de 2005, compreendendo a necessidade de promoção ao acesso às tecnologias de informação e comunicação, o Governo federal põe em prática o Programa Computador para todos. Basicamente tratava-se de redução de impostos e financiamento de computadores ao consumidor final. Havia também uma ramificação para facilitar o financiamento aos professores. O projeto contribuiu para o aumento da comercialização,

que atingiu 13,7 milhões de computadores em 2010, quase o triplo de 2004.

Figura 1 - Dados do Ministério de comunicações sobre a venda de computadores 2004-2009



Fonte: <http://cetic.br/publicacoes/indice/pesquisas/page:4>. Acesso em 21 de novembro de 2017.

Em 2006, são abertos os primeiros Telecentros Comunitários, que são espaços onde a comunidade tem livre acesso gratuito a computadores, decorrente do impacto social promovido por esses espaços. Sete anos depois, em 2013, o Centro de Estudos sobre as Tecnologias Informação e Comunicação – CETIC.br – divulgou uma pesquisa<sup>15</sup> que revelava a percepção e a importância dos Telecentros implantados. O saldo mostrou-se positivo, quando 41% dos usuários se disseram muito satisfeitos e 54% satisfeitos, 85% dos gestores consideraram que os centros fazem a diferença na vida dos usuários. Além destes dados, constatou-se que 45% dos frequentadores fizeram algum curso oferecido pelo Telecentro. Outro relevante resultado é que 41% dos usuários ouvidos na pesquisa adquiriram/desenvolveram suas habilidades digitais nos centros de inclusão. Ainda no cerne desse movimento inclusivo, em 2010, fora lançado o Programa Nacional de Banda Larga<sup>16</sup>, o qual teve por finalidade aumentar o acesso à internet com maior qualidade e menores preços. Além desses, houveram programas especialmente voltados à educação, sobre os quais dissertaremos no próximo subtópico, tendo em vista o interesse do presente trabalho.

<sup>15</sup> Para ter mais dados sobre a pesquisa recomendamos o acesso à mesma na íntegra. Disponível em <http://cetic.br/publicacoes/indice/pesquisas/page:4>. Acesso em 21 de novembro de 2017.

<sup>16</sup> Para mais informações sobre o Programa Nacional de Banda Larga, tais como municípios contemplados, oferta, entre outros detalhes, recomendamos a consulta da matéria da Agência Nacional de Telecomunicações e ao Decreto 7.175/2010 disponíveis em: <http://www.anatel.gov.br/setorregulado/plano-nacional-de-banda-larga>. Acesso em: 22 de novembro de 2017.

### **2.3.1. Políticas Públicas de Inclusão digital no Brasil voltadas à educação /ou aos recursos educacionais virtuais**

#### **2.3.1.1. Programa Nacional de Informática na Educação (ProInfo)**

Lançado em 1997, pela Portaria nº 522, de 9 de abril de 1997<sup>17</sup>, o ProInfo faz parte das ações da Secretaria de Educação a Distância (SEED), por meio do Departamento de Infraestrutura Tecnológica (DITEC). Segundo o portal do Ministério da Educação<sup>18</sup> o programa tem seu funcionamento vinculado às secretarias municipais e estaduais de educação. Os recursos tecnológicos e educacionais são fornecidos às escolas e as instituições devem disponibilizar estruturas físicas e profissionais qualificadas. O objetivo é promover a aplicação das tecnologias de informação e comunicação nas escolas da rede pública. O monitoramento do funcionamento do programa é responsabilidade dos Núcleos de Tecnologia Educacionais<sup>19</sup> (NTE). A partir deste programa surgiram diversos outros recursos. Vamos falar sobre alguns, para exemplificar e contextualizar o surgimento da plataforma de ensino que será estudada neste trabalho.

#### **2.3.1.2. Programa Nacional de Informática na Educação (ProInfo 2007)**

O decreto nº 6.300, de 12 de Dezembro de 2007 atualizou o programa, mantendo as mesmas metas de 1997, no entanto aumentou as especificações da Portaria que oficializou a criação do programa. Vejamos os objetivos estabelecidos no primeiro artigo do documento.

Art. 1º O Programa Nacional de Tecnologia Educacional - ProInfo, executado no âmbito do Ministério da Educação, promoverá o uso pedagógico das tecnologias de informação e comunicação nas redes públicas de educação básica.

Parágrafo único. São objetivos do ProInfo:

2.3.1.2.1. - promover o uso pedagógico das tecnologias de informação e comunicação nas escolas de educação básica das redes públicas de ensino urbanas e rurais;

2.3.1.2.2. - fomentar a melhoria do processo de ensino e aprendizagem com

<sup>17</sup>Para mais informações consultar a portaria em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001167.pdf>. Acesso em 23 de novembro de 2017.

<sup>18</sup> Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/proinfo>. Acesso: 23 de novembro de 2011.

<sup>19</sup> Segundo o site do Ministério da Educação, são núcleos regionais de tecnologia educacional. Os núcleos contam com equipe interdisciplinar de professores e técnicos qualificados para oferecer formação contínua aos professores e assessorar escolas da rede pública no uso pedagógico e na área técnica (hardware e software).

Disponível em [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=7590&catid=210](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=7590&catid=210). Acesso em: 23 de novembro de 2017.

o uso das tecnologias de informação e comunicação;

2.3.1.2.3. - promover a capacitação dos agentes educacionais envolvidos nas ações do Programa;

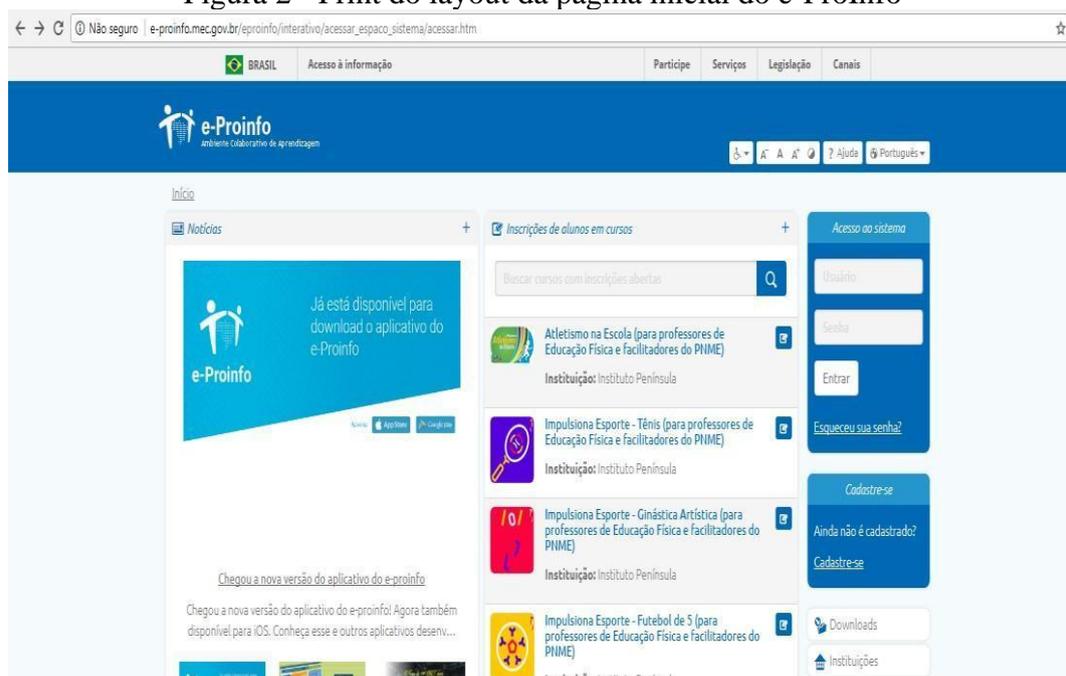
2.3.1.2.4. - contribuir com a inclusão digital por meio da ampliação do acesso a computadores, da conexão à rede mundial de computadores e de outras tecnologias digitais, beneficiando a comunidade escolar e a população próxima às escolas;

2.3.1.2.5. - contribuir para a preparação dos jovens e adultos para o mercado de trabalho por meio do uso das tecnologias de informação e comunicação; e

2.3.1.2.6. - fomentar a produção nacional de conteúdos digitais educacionais. (Decreto nº 6.300, de 12 de dezembro de 2007).

O sexto subitem é a diretriz que abarcaremos nos próximos subtópicos, tendo em vista o recorte deste trabalho, como já dito antes, uma plataforma de ensino criada pelo MEC. A partir do decreto percebeu-se esforços governamentais no sentido de estabelecer portais de acesso a conteúdo informativo, a cursos de formação continuada e recentemente a plataforma *Hora do ENEM*, lançada em 2016. Antes de apresentá-la, vamos expor algumas outras plataformas educacionais.

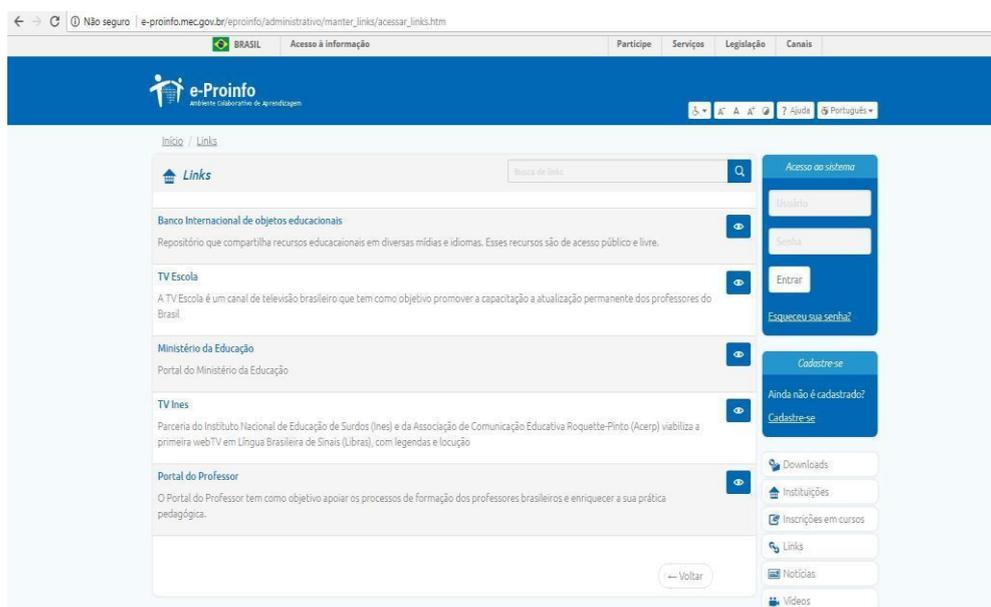
Figura 2 - Print do layout da página inicial do e-ProInfo



Fonte: [http://e-proinfo.mec.gov.br/e-proinfo/interativo/acessar\\_espaco\\_sistema/acessar.htm](http://e-proinfo.mec.gov.br/e-proinfo/interativo/acessar_espaco_sistema/acessar.htm). Acesso em: 24 de novembro de 2017

Como percebemos, no print da *tela* apresentada, o envolvimento do visitante é estimulado. A interface apresenta convites e chamamentos ao cadastro e participação ativa. Observa-se também, no lado direito da tela: o anúncio do aplicativo, chamadas para inscrições nos cursos destinados à formação continuada de professores, além de materiais didáticos complementares, para que os docentes estudem ou façam uso em sala de aula.

Figura 3 - Print do acesso ao ícone links da página do e-Proinfo



Fonte: [http://e-proinfo.mec.gov.br/eprinfo/interativo/acessar\\_espaco\\_sistema/acessar.htm](http://e-proinfo.mec.gov.br/eprinfo/interativo/acessar_espaco_sistema/acessar.htm). Acesso em 24 de novembro de 2017

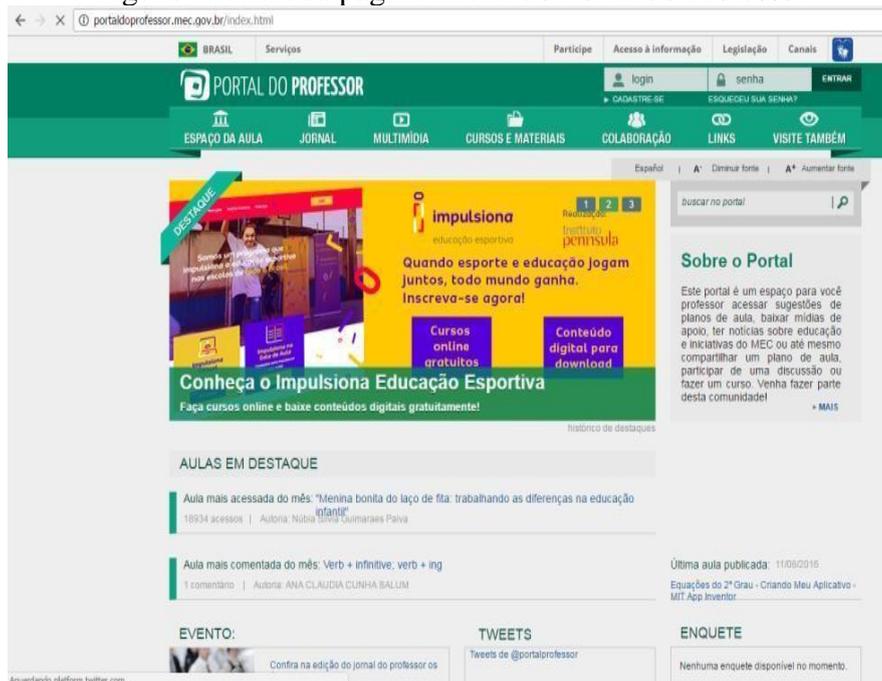
Como pode ser observado na figura 4, as plataformas de conteúdos educacionais são interligadas ao próprio site do e-ProInfo. Descreveremos sumariamente os portais e por último o projeto *Hora do ENEM*, o qual compõe a programação da TV Escola também *hiperlinkada* ao e-ProInfo. Também nos pautamos para o recorte das plataformas a serem apresentadas neste trabalho no Guia de Tecnologia Educacional lançado em 2008 pelo MEC<sup>20</sup>.

### 2.3.1.3. Portal do Professor (2008)

Trata-se de espaço virtual criado pelo MEC, vinculado à Secretaria Estadual de Educação a Distância, para compartilhamento de planos de aulas entre professores da rede pública e privada em todo país.

<sup>20</sup> Recomendamos consulta ao material para maiores informações sobre Tecnologias Educacionais desenvolvidas por instituições privadas e que foram aprovadas no âmbito do Edital de Pré-Qualificação de Tecnologias Educacionais que Promovam a Qualidade da Educação Básica. Para as finalidades deste trabalho recortamos as iniciativas públicas geridas e executadas pelo Ministério da Educação. O Guia está disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Avalmat/guia\\_de\\_tecnologias\\_educacionais.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Avalmat/guia_de_tecnologias_educacionais.pdf). Acesso em 24 de novembro de 2017.

Figura 4 - Print da página inicial do Portal do Professor

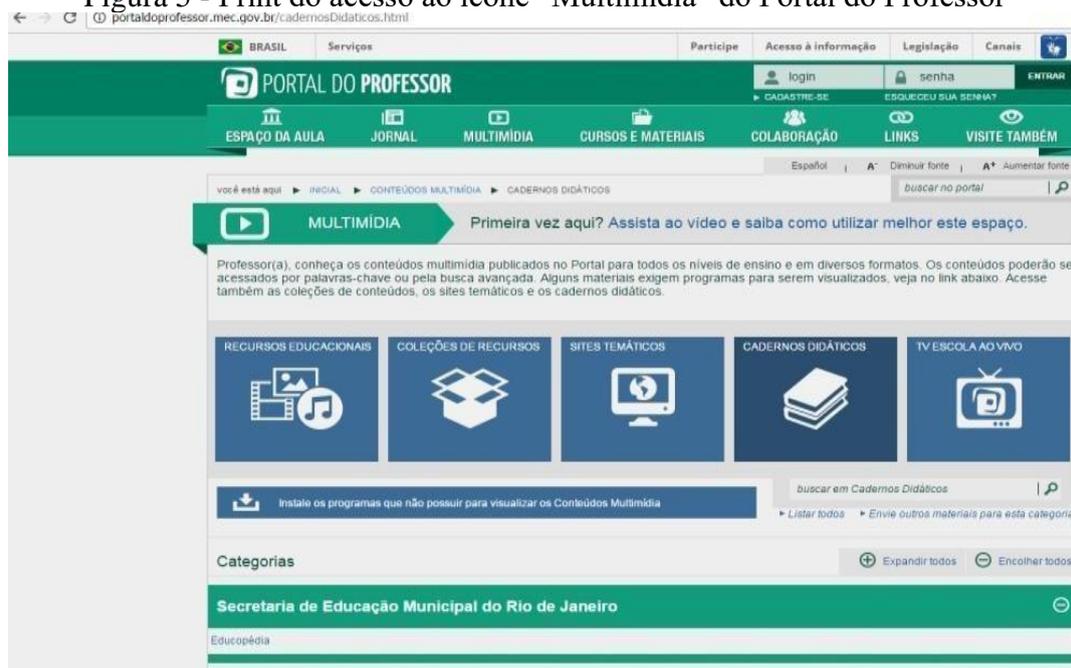


Fonte: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/index.html>.

Podemos visualizar na barra de ferramentas, na parte superior central da imagem, que o *site* disponibiliza ao professor diversos conteúdos educacionais em diversos formatos. O professor(a) também pode ser um colaborador, pois pode efetuar cadastro e alimentar a página com aulas. O espaço virtual favorece a interatividade entre os professores, devido à possibilidade de criação de fóruns. Além de ser interligado a outras redes sociais e de compartilhamento, a exemplo do *twitter* e *youtube*. A plataforma é constituída por diversos recursos digitais. Na barra menu, o terceiro ícone chamado “Multimídia” é formado por hipertextos<sup>21</sup>, o que possibilita o acesso aos recursos sonoros, audiovisuais e textuais demonstrados em azul na imagem abaixo.

<sup>21</sup> Tomamos a noção de Hipertexto da definição estabelecida por Márcia R. Sawaya no Dicionário de Informática e Internet o qual expõe que: Hypertext – hipertexto. É a possibilidade de ver um ou mais documentos em qualquer ordem sem precisar seguir uma sequência. Permite saltar, a partir de uma palavra, frase ou assunto, para outro texto com assuntos relacionados ao tema inicial. Muito usado em multimídia. A WWW (World Wide Web) é um sistema de hipertexto em escala global. Disponível em: <http://comp.ist.utl.pt/aaa/Prog/Diccion%20de%20Inform%20tica%20&%20Internet%20Ing%20Portugu%20As.pdf>. Acesso em: 23 de novembro de 2017.

Figura 5 - Print do acesso ao ícone “Multimídia” do Portal do Professor



Fonte: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/index.html>.

Além da disponibilização de objetos educacionais, já citados anteriormente, há ainda a possibilidade de *hiperlinkar*<sup>22</sup> para outras produções em páginas da internet e a transmissão da TV Escola, da qual falaremos brevemente.

#### 2.3.1.4. Portal Domínio Público

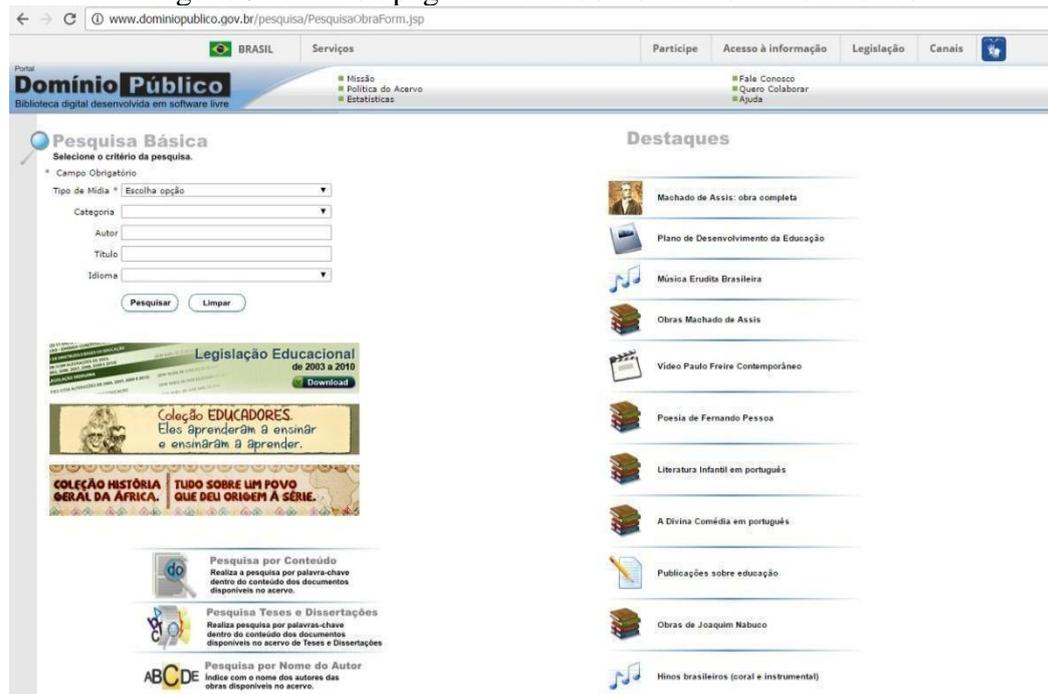
Uma das maiores bibliotecas virtuais em funcionamento do país. Segundo o portal do MEC<sup>23</sup>, em 2009 já se contavam mais 18,4 milhões de visitas, desde sua criação em 2004. Nesse mesmo ano os dados computavam 163 mil obras, segundo o Guia de Tecnologias Educacionais do MEC<sup>24</sup>, em 2008 o acervo contava com 183.000 títulos.

<sup>22</sup> Tomamos a noção de Hiperlink do dicionário já referenciado acima, o qual expõe que: Hyperlink – hiperlink. Mais usualmente chamado de link, é uma conexão eletrônica em um documento HTML que conduz para outra localidade (site) da WWW, ou a outra localidade dentro do mesmo documento. É normalmente uma frase ou palavra (podendo também ser uma figura), sublinhada ou mostrada em uma cor diferente do texto que a envolve, que recebe cliques para efetuar a conexão. (W-1)

<sup>23</sup> Mais informações disponíveis em: <http://portal.mec.gov.br/dominio-publico>. Acesso em 23 de novembro de 2017.

<sup>24</sup> Para saber mais sobre portais do MEC e de instituições privadas recomendamos a consulta ao: Guia de Tecnologias Educacionais. Neste trabalho nos detemos as páginas governamentais, essencialmente as geridas pelo MEC ou em parceria com o ministério. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Avalmat/guia\\_de\\_tecnologias\\_educacionais.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Avalmat/guia_de_tecnologias_educacionais.pdf). Acesso em 23 de novembro de 2017.

Figura 6 - Print da página inicial do Portal Domínio Público



Fonte: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp>

Na imagem também podemos observar que, à direita da tela, o usuário poderá acessar vários recursos multimidiáticos, a exemplo de músicas e vídeos. O portal é um dos mais importantes meios de acesso à informação e cultura, geridos pelo Ministério da Educação. Qualquer pessoa física ou jurídica pode colaborar cedendo obras, das quais detenha o direito autoral.

### 2.3.1.5. Banco Internacional de Objetos Educacionais

Segundo o site do BIOE<sup>25</sup>, atualmente o portal tem 19.842 objetos publicados. Afonso, Eirão, Macedo, Silva e Viriato (2011) mencionam que o site foi criado em 2007 e lançado em 2008. É apoiado por algumas universidades brasileiras, dentre as quais a Universidade de Brasília (UnB), que trabalha para catalogação, avaliação e localização do material. Os autores também citam que, em 2009, já computava 1.089.495 acessos de 156 países diferentes, nesse ano o número de objetos educacionais disponíveis era 9.077.

<sup>25</sup> Banco Internacional de Objetos Educacionais. Disponível em: <http://objetoseducacionais2.mec.gov.br/>. Acesso em 24 de novembro de 2017.

Figura 7 - Print da página inicial do “Banco Internacional de Objetos Educacionais”



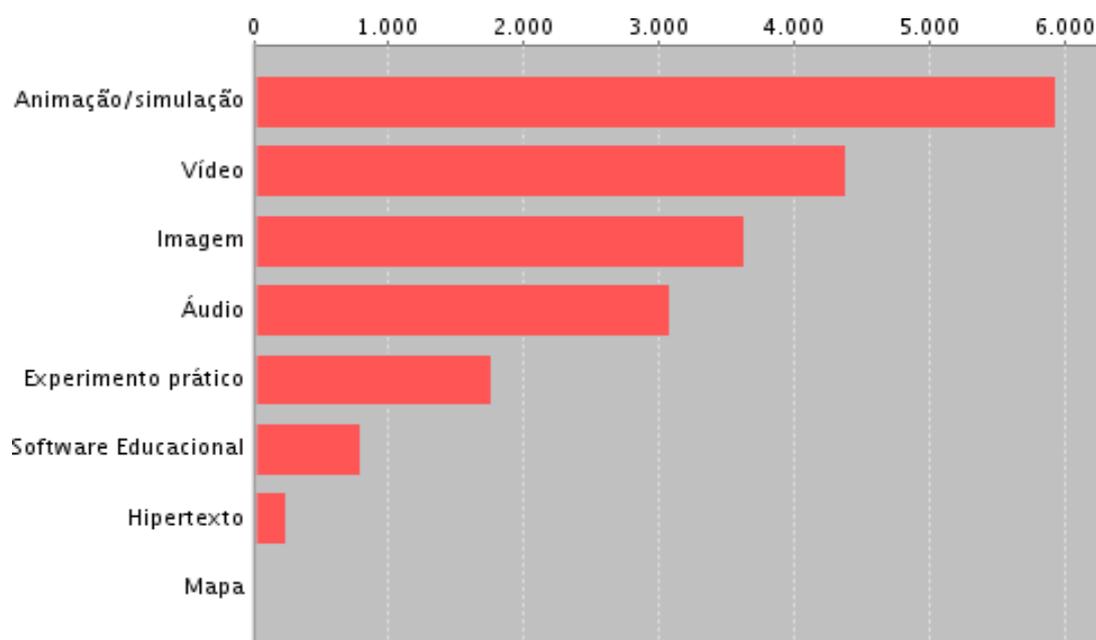
Fonte: <http://objetoseducacionais2.mec.gov.br/>

No canto direito da tela, acima podemos ver os ícones de acesso ao Portal do Professor, a TV Escola e ao Domínio Público. No centro da tela há os ícones coloridos, como podemos ver no *print* acima; a busca pode ser realizada por níveis de ensino. A divisão dos níveis de ensino está em consonância com a Lei de Diretrizes e Bases de 1996. No acesso às modalidades de ensino encontramos objetos para aprendizagem voltados à Educação de Jovens e Adultos e Educação Indígena. Quanto aos objetivos do portal, Afonso *et al.* (2011) elucidam que:

Cabe ao BIOE localizar, catalogar, avaliar, disponibilizar, manter e compartilhar objetos educacionais digitais de acesso livre, disponíveis em diferentes formatos, considerados relevantes e adequados à comunidade educacional brasileira e internacional. Tem por objetivo disponibilizar objetos educacionais digitais, de acesso livre, em diferentes idiomas e formatos, para estimular o seu uso na educação, promovendo a democratização da informação de forma colaborativa. (AFONSO *et al.*, 2011, p. 152-153).

Os recursos dividem-se em: tipo e quantitativo, conforme podemos ver no gráfico abaixo.

Figura 8 - Dados estatísticos de quantidade de recursos por tipo



Fonte: <http://objetoseducacionais2.mec.gov.br/statistics>.

Além de serem disponibilizados, tais recursos são livres para as consultas de sugestões de aula na seção “Aulas em Destaque”. Os recursos são complementados por coleções de aulas que estão no banco de dados tanto do site, quanto no Portal do Professor. Já falamos nos outros subtópicos sobre o Portal do Professor, além do Domínio Público, ambos *linkados* à página do BIOE, falaremos agora sobre a TV Escola.

### 2.3.1.6. TV Escola

A TV Escola é o canal televisivo e virtual do Ministério da Educação em parceria com a Organização Roquette Pinto de Comunicação Educativa. Segundo o MEC, foi criado em 1996, desde então tem transmissão durante 24 horas, diariamente. O canal se configura como uma ferramenta útil ao ensino a distância, prova disso é que em cada estado o canal tem uma Coordenação de EAD. Sobre a caracterização do programa o site se apresenta desta forma:

A TV Escola é o canal da educação, a televisão pública do Ministério da Educação destinada aos professores, educadores, alunos e a todos interessados em aprender.

A TV Escola não é um canal de divulgação de políticas públicas da educação, é uma política pública em si, com o objetivo de subsidiar a escola e não substituí-la. E, em hipótese alguma, substituir também ao professor.

A TV Escola não vai “dar aula”, ela é uma ferramenta pedagógica disponível

ao professor: seja para complementar sua própria formação, seja para ser utilizada em suas práticas de ensino. (Quem Somos<sup>26</sup>, apresentação da página virtual da TV Escola, <https://tvescola.org.br/sobre/>).

O canal TV Escola, assim como outros intentos educacionais, já citados anteriormente neste trabalho, tem configuração multimidiática. Presente nas redes sociais, na TV e na internet, o *site* faz uso dessas estratégias de propagação de informação e conhecimento. Não identificamos na página virtual *links* para acesso às plataformas: Portal do Professor, Domínio Público, e-ProInfo ou ao Banco Internacional de Objetos Educacionais, e demais plataformas aqui expostas, no entanto, identificou-se o destaque dado ao *Hora do ENEM*. Dissertaremos sobre o projeto no próximo tópico.

### **2.3.1.7. Hora do ENEM**

O *Hora do ENEM* é apresentado pelo MEC como um projeto que visa preparar o participante do Exame Nacional do Ensino Médio por meio de simulados, planos de estudo, videoaula, programa de TV, notícias, orientações, além de troca de experiências com outros candidatos. O acesso pode ser feito através de celular, *tablet* ou *smartphone*. O programa de TV, veiculado pela TV Escola tem horário e conteúdo pré-determinado, mas os recursos virtuais podem ser acessados a qualquer momento.

Durante o mês de abril de 2016, a plataforma recebeu mais de 2.358.246 de acessos e 1.497.380 de inscrições, conforme informações cedidas pelo MEC ao portal de notícias G1<sup>27</sup>. Segundo o portal do Guia do Estudante, o *site* obteve de 30 de abril a 01 de maio 580 mil participantes, sendo 79% estudantes de escola pública, em seu primeiro simulado, o que fez com o que o Ministério da Educação repetisse a primeira aplicação no fim de semana subsequente. A partir da simulação, o sistema gera um plano de estudos individual voltado para as áreas em que o participante apresentar mais dificuldade. Além dos simulados, ainda estão disponibilizadas 600 videoaulas. Para melhor entendimento das ações envolvidas vejamos o infográfico.

---

<sup>26</sup> Na revisão deste trabalho, momento em que percebemos que o link não havia sido disponibilizado nas referências, consultamos o site que havia sido modificado/reformulado, no entanto, a descrição permaneceu a mesma mudando apenas o nome da seção que agora se chama “Sobre” e não mais “Quem Somos”.

<sup>27</sup> Disponível em: <http://guiadoestudante.abril.com.br/vestibular-enem/hora-enem-mais-1-milhao-estudantes-ja-acessaram-plataforma-945873.shtml>. Acesso em: 30 de agosto de 2016.

Figura 9 - Infográfico *Hora do ENEM*

Fonte: <https://tvescola.mec.gov.br/tve/serie/hora-do-enem/conheca>

O programa tem diversos meios de interação com seus usuários, a exemplo do Facebook, Instagram, *twitter* e e-mail. Nos dias que antecederam o ENEM a produção do programa disponibilizou um número de celular, para que os estudantes pudessem enviar suas dúvidas por meio do aplicativo *whatsapp*. A iniciativa só reafirma a propensão das plataformas educacionais de empenhar-se na criação de relações de proximidade com os usuários, de forma a lançar mão não só das redes sociais, mas também de estratégias discursivas e visuais. Na tentativa de apreensão da influência desses estratégias na produção de efeitos de sentido, assim como a visão de aluno, de professor e de conteúdo. Para tanto, nos ancoramos na *semiótica discursiva* cunhada por Algirdas J. Greimas nos postulados de Fiorin (2000, 2006) acerca do Percurso Gerativo de Sentido e dos elementos da enunciação e de suas astúcias; no estudo da narratividade desenvolvido por Barros (2004, 2002) e do nível discursivo mobilizando essencialmente Fiorin (2016) e Teixeira (2009), especificamente, nos seus estudos acerca da semiótica sincrética.

No momento, não nos ateremos a dissertar acerca das teorias que respaldam nossa investigação, tendo em vista que o faremos no próximo tópico. Enquanto ao detalhamento do *corpus* mencionado acima, a plataforma de ensino *Hora do ENEM*, fazê-lo-emos no capítulo último, esse reservado a análise dos objetos de estudo se iniciará com a descrição do *corpus*.

### 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

#### 3.1. Semiótica Discursiva

A semiótica discursiva – também chamada de francesa ou greimasiana – parte do princípio de que o texto deve ser considerado em sua totalidade, ou seja, diferente de outras tendências também estruturalistas, não são consideradas as unidades mínimas, mas o texto em sua unicidade. As condições gerais da semiótica discursiva são:

- deve ser *gerativa*, ou seja, conceber modelos que apreendam o conteúdo em patamares sucessivos, que vão do mais abstrato ao mais concreto;
- deve ser *sintagmática*, vale dizer, procurar explicar não unidades lexicais isoladas, mas discursos;
- deve ser *geral*, isto é, reconhecer que o sentido pode ser manifestado por diferentes planos de expressão (Cf. GREIMAS; CORTÈS, 1975, p. 396).

Por ser geral, a teoria abarca todas as formas de manifestação textual, seja um texto verbal, uma pintura, uma música, um filme, uma escultura entre outras. Sendo sintagmática, não estuda os vocábulos ou sentenças, mas o discurso em sua totalidade. Em outras palavras,

[...] é por conseguinte uma teoria geral da produção e interpretação do sentido dos textos, quer se manifestem verbalmente, visualmente, por uma combinação de planos de expressão como visual e o verbal etc. os objetos da semiótica não são os signos, mas a significação, ou seja, as relações diferenciais responsáveis pelo sentido do texto, presentes tanto no plano de conteúdo, quanto no plano de expressão. (FIORIN, 2017, p. 151 -152).

Considerando o plano do conteúdo, a semiótica também estabelece um caminho metodológico a ser seguido nas análises, o qual vai do mais abstrato ao mais concreto. A essa proposta de metodologia de análise dá-se o nome de percurso gerativo de sentido.

##### 3.1.1. Sobre o Percurso Gerativo de Sentido

A abordagem metodológica da semiótica defende que os textos têm características gerais que podem ser descritas independente de suas particularidades. Fiorin (2017) esclarece que o discurso é fruto do sistema e do acontecimento, sendo o sistema um conjunto de invariantes, ou seja, de generalizações comuns a uma cultura, as quais se concretizam variavelmente no processo discursivo que é da ordem do acontecimento. A partir do interesse em identificar as invariantes e detalhar as variantes, Greimas instaurou

o percurso gerativo de sentido, os níveis. Conforme Fiorin,

O percurso gerativo de sentido é constituído de três patamares: as estruturas fundamentais, as estruturas narrativas e as estruturas discursivas. [...] no domínio do conteúdo. As estruturas discursivas serão manifestadas como texto quando se unirem a um plano de expressão no nível da manifestação. Cada um dos níveis do percurso tem uma sintaxe e uma semântica. (2017, p. 15).

Sabendo que os níveis são três, o fundamental (ou profundo), o narrativo e o discursivo, e que cada um destes têm sintática e semântica. Passemos à explicitação da distribuição dos subcomponentes de cada um destes na tabela abaixo. Posteriormente passaremos à descrição de cada patamar e respectivas sintaxe e semântica.

Tabela 2 - Esquema do Percurso Gerativo de Sentido

	<b>Componente Sintático</b>	<b>Componente Semântico</b>
Estruturas Sêmio-narrativas	Nível profundo - Sintaxe Fundamental	Semântica fundamental Semântica narrativa
	Nível de superfície - Sintaxe Narrativa	
Estruturas Discursivas	Sintaxe discursiva Discursivização (actorialização, temporalização, espacialização)	Semântica discursiva Tematização Figurativização

Fonte: FIORIN (2000, p. 17)

A semiótica greimasiana se propõe a ser uma teoria geral dos textos, como já mencionado, não é que o falante (de qualquer língua) percorra cada um dos níveis separadamente e tenha o seu entendimento a partir do mais simples ao mais concreto em um processo de complexificação<sup>28</sup>. O simulacro metodológico é que se configura na separação entre plano de conteúdo e de expressão e percorre este caminho para apreender a produção e compreensão dos textos. Neste trabalho seguiremos o quadro acima descrito, abordaremos as estruturas semio-narrativas considerando o imbricamento entre nível fundamental e nível narrativo, que buscaremos tornar mais compreensível no próximo subtópico.

<sup>28</sup> A este procedimento Fiorin denominou não-ontológico (FIORIN, 2017, p. 153).

### 3.1.1.1. Estruturas sêmio-narrativas

O nível fundamental abriga as categorias semânticas mais profundas e gerais do texto. Segundo Fiorin (2000), é no nível fundamental que estão presentes as oposições de uma categoria semântica, sendo opostos por terem algo em comum, a partir disso estabelece a diferença.

Os semas opostos são as unidades de sentido e recebem valorização positiva ou negativa, as quais constituem o nível fundamental, estas chamamos de eufórica, aquela disfórica, as quais estão imanentes no texto, porém não fixas, que podem variar de acordo com o discurso e sua intencionalidade, estando para a semântica. Já o engendramento desses valores ocorre por meio da sintaxe, que se configura como estrutura de operacionalização dos valores defendidos ou contestados em um dado discurso.

Para Fiorin (2000, p. 19) estas relações apresentam-se da seguinte maneira: “a) afirmação de a, negação de a, afirmação de b; b) afirmação de b, negação de b, afirmação de a”. Sabendo que a sintaxe fundamental se constitui da negação e asserção e a semântica das categorias semânticas de base. Nas palavras de Oliveira,

Enquanto a sintaxe aborda os mecanismos formais que constroem as significações, a semântica trata dos mecanismos de investimento de sentidos na construção sintática. Essa perspectiva conferiu uma abrangência nunca antes pensada em razão de, num mesmo arranjo sintático, poder estar investido mais de um conteúdo semântico. (1998, p. 90).

A dinamização dos semas e valores presentes no nível profundo ocorre por meio da narratividade. Tomamos o conceito de narratividade explicitado por Fiorin (2000), o qual defende que narratividade é um componente de todos os textos. Têm-se uma narrativa mínima quando há um estado inicial, uma transformação e um estado final. As narrativas complexas são agrupamentos de várias narrativas mínimas. Tomemos por exemplo um sujeito que, ao sofrer manipulação de si mesmo decide entrar em conjunção com um valor x (pode ser um emprego, um concurso, ingresso na faculdade, entre outros). A partir de então, inicia um percurso com a finalidade de alcançar este objeto/valor, ele passa a adquirir as competências, ou seja, as ferramentas necessárias (capacitação, formações, cursos, entre outros), realiza a *performance*, que é o processo de seleção, e finalmente a *sanção*, que é conseguir o emprego, o qual seria a passagem do estado de desempregado a empregado; a passagem de um estado a outro. Tal mudança corresponde à transformação mínima.

Na narratividade os constituintes do nível fundamental são revestidos por enunciados, os quais dividem-se em dois tipos que se correlacionam, os enunciados de estado que instituem uma relação de junção (conjunção e disjunção) entre um sujeito e um objeto. Os enunciados de fazer são os que explicitam as transformações de um estado para outro. Fiorin (2000) também explicita que sujeito e objeto referem-se a papéis narrativos<sup>29</sup>, podendo ser retratados por pessoas, coisas ou animais. O linguista também expõe o esquema canônico das narrativas.

Os textos não são narrativas mínimas. Ao contrário, são narrativas complexas, em que uma série de enunciados de fazer e de ser (estado) estão organizados hierarquicamente. Uma narrativa complexa estrutura-se numa sequência canônica, que compreende quatro fases: a manipulação, a competência, a *performance* e a sanção (FIORIN, 2000, p. 22).

O nível narrativo é composto por programas narrativos que podem ser simples ou complexos, sendo os complexos formados por mais de um programa, onde pode haver uma hierarquização em programa principal e secundário(s). Segundo Barros (2002) ainda podem ser classificados em descritivos e modais, estes modais ou descritivos; tal classificação é delineada pelo objeto.

Importante lembrar que o objeto aqui é tomado como um actante narrativo, que pode ser representado no nível discursivo por um objeto concreto ou por um valor. Os objetos são categorizados em objetos modais e objetos-valor/descritivos. Os modais são aqueles que possibilitam o fim, conforme explica Fiorin (2000) são o querer, o dever, o saber e o poder fazer, são os elementos necessários para realização da *performance* e os objetos-valor são o fim, a conjunção ou disjunção ocorrida na *performance*. Sobre as correlações entre objeto e valor, o autor ilustra:

O valor do nível narrativo é o significado que tem um objeto para um sujeito que entra em conjunção com ele. Assim, por exemplo, quando num conto maravilhoso, uma fada dá ao príncipe uma espada mágica para que ele mate o dragão e capture a princesa, a espada é a concretização, num nível mais superficial de um objeto modal/poder- vencer (este sim elemento do nível narrativo). Os ovos de ouro, que a galinha da fábula punha, são a manifestação concreta do objeto-valor /riqueza/. Um objeto narrativo, por ser mais abstrato, pode ser concretizado de múltiplas maneiras. Assim o objeto-valor/riqueza/ pode ser concretizado como um pote-de-ouro no fim do arco-íris, jóias, ações, obras de arte, etc. Por outro lado, um mesmo objeto concreto, dependendo da narrativa em que esteja colocado, pode ser objeto-modal ou objeto-valor ou, então, concretizar objetos-valor distintos. [...] O objeto-modal é aquele

---

<sup>29</sup> Vide dicionário de semiótica Papel e actante. Em semiótica narrativa e discursiva, papel no nível narrativo assume um caráter actancial, que opera as transformações no desenvolver do percurso narrativo, no nível discursivo os papéis temáticos se configuram como actantes de temas ou de percursos temáticos

necessário para obtenção de outro objeto. O objeto-valor é aquele cuja obtenção é o fim último de um sujeito. (FIORIN, 2000, p. 28-29).

A manipulação semiótica é a tentativa de um destinador fazer com que um destinatário aja de uma determinada maneira, quando bem sucedida, resulta em um fazer-fazer, que é determinado pela aceitação de contrato, no caso do exemplo o sujeito pode procurar um trabalho e/ou aceitar. Importante ressaltar que destinador e destinatário podem não ser o mesmo sujeito. Essa instância é para Greimas (1979) um dos componentes principais do esquema narrativo. A manipulação pode ser realizada de quatro formas diferentes, as quais exemplificaremos fazendo uso de enunciados veiculados por plataformas virtuais de ensino ou discursos sobre o ensino a distância veiculados em sites voltados aos estudantes, tendo em vista que tais enfoques abeiram o *corpus* deste trabalho. Na **manipulação** por tentação, o manipulador oferece uma recompensa a fim de alcançar o seu objetivo. Exemplo: “Você pode ter tido uma graduação perfeita, mas sempre há motivos para se aperfeiçoar. A pós-graduação é uma forma de aumentar suas oportunidades no mercado de trabalho<sup>30</sup>. Na **intimidação**, a manipulação é realizada por meio de ameaça. Exemplo: “Devido à característica mais flexível do curso a distância, o estudante pode cair na armadilha da procrastinação e empurrar para frente, até o máximo que puder, os trabalhos, provas, conteúdo etc.” E conseqüentemente ser reprovado<sup>31</sup>. **Sedução**, quando o manipulador eleva a autoestima do manipulado. Exemplo: “Se você optou por fazer um curso a distância, então é porque deseja aprender e conhecer mais sobre a área que escolheu. Por isso, mantenha-se comprometido com você mesmo, encare seu estudo como algo importante, batalhe por ele, defenda-o e acredite que ele é muito valioso<sup>32</sup>.” Já na **provocação**, ao contrário dessa última o faz negativamente. Exemplo: Você não faz um curso a distância porque não consegue organizar seus horários de estudo<sup>33</sup>. O programa narrativo se constrói, como dito antes, com narrativas mínimas que se aglutinam e formam as narrativas complexas. Reiteramos que não nos referimos à narrativa enquanto relato, mas como soma de transformações causadas e/ou sofridas pelo sujeito. As transformações são denominadas

---

<sup>30</sup> Disponível em: <https://www.uninassau.edu.br/noticias/5-maiores-vantagens-de-fazer-pos-graduacao-ead>. Acesso em: 06 de abril de 2018.

<sup>31</sup> Disponível em: <http://www.fumec.br/blog/vestibular-2/cursos-a-distancia-ead/>. Acesso em: 06 de abril de 2018.

<sup>32</sup> Disponível em: <http://www.fumec.br/blog/vestibular-2/cursos-a-distancia-ead/>. Acesso em: 06 de abril de 2018.

<sup>33</sup> O exemplo foi criado pela autora, porque não foi encontrado na pesquisa um enunciado que servisse ao propósito da exemplificação.

ações e para que o sujeito aja é necessário que ele esteja revestido por competência, que seja provido de um poder e/ou um saber.

O poder também estar investido em um objeto, como por exemplo as varinhas de condão, as espadas, anéis, livros de magia, poções, entre outros instrumentos que possibilitem ao sujeito entrar em conjunção com um objeto. A plataforma *Hora do ENEM* assim se configura, tendo em vista que, é através dela que o estudante adquire o conhecimento/saber, para que alcance uma performance e posteriormente uma recompensa/ reconhecimento (sanção). A fase da *performance*, por sua vez, é a etapa em que ocorre a transformação principal da narrativa. Ainda sobre esta penúltima fase da manipulação e a atuação do sujeito, Fiorin esmiúça:

O sujeito que opera a transformação e o que entra em conjunção ou disjunção com um objeto podem ser idênticos. Quando, na fábula, o lobo mata o cordeiro, há dois sujeitos distintos: um que efetua a transformação (o lobo) e outro que entra em disjunção com a vida (o cordeiro). Quando se narra um suicídio, ambos são idênticos. (2000, p. 23).

O último estágio do *Percurso Narrativo Canônico*, a *sanção*, é marcado pelo reconhecimento da *performance*, essa pode ou não ser seguida de recompensa, seja negativa ou positivamente, castigos ou prêmios. A ordem descrita acima foi apresentada na sequência denominada canônica, no entanto nem sempre são apresentadas nesta combinatória conforme explana o professor e semiótico.

Na narrativa realizada, o narrador pode organizar as diversas fases da sequência canônica de diversas maneiras. Elas, então, não precisam aparecer na ordem lógica: manipulação, competência, *performance*, sanção. O narrador pode dispor as fases de maneira diferente. Como elas se encadeiam em função de relações de pressuposição, o leitor vai apreendê-las corretamente (FIORIN, 2000, p. 26).

Escolhemos fechar este subtópico comentando sobre os actantes e atores, haja vista que concordamos com Greimas (1983), que considera que a marca distintiva entre actantes e atores ressalta a transação do nível narrativo ao discursivo. Nas palavras do autor, os actantes pertencem a uma sintaxe narrativa e os atores podem ser reconhecidos nos discursos específicos que são manifestados. Sendo assim, podemos estabelecer que a relação entre actante e ator é de inclusão, isto é, ocorre em ambos níveis, sendo concretizada nos enriquecimentos semânticos no desenrolar do percurso gerativo de sentido.

Descritas as estruturas semio-narrativas e os seus constituintes, explanaremos sobre

o terceiro patamar, cobertura dessas estruturas, a qual a teoria denominou nível discursivo. O momento em que receberá uma roupagem, o revestimento da tematização e da figurativização, onde os conteúdos narrativos serão discursivizados.

### 3.1.1.2. Estruturas Discursivas

Informados que o conteúdo se converte em discurso neste nível, tomemos ciência de que o responsável por esta conversão é o enunciador. Esse cria relações com o seu enunciatário por meio de projeções na enunciação. A sintaxe discursiva é composta pela projeção da enunciação no enunciado e pela relação entre enunciador e enunciatário, a qual é revelada nas estratégias argumentativas, aquela pelos processos de actorialização, temporalização e espacialização. Fiorin (2000) pontua que são três os procedimentos de discursivização: a actorialização, a espacialização e a temporalização. Retomando o conceito de enunciação encontraremos os constituintes *ego*, *hic et nunc*, que se referem respectivamente ao eu - aqui – agora. Se considerarmos que a enunciação é produzida por um eu, que fala de um lugar e em um determinado momento, teremos, assim, a instauração da categoria de pessoa e a fundação da própria enunciação. Os conjuntos de procedimentos são operacionalizados na sintaxe discursiva. Para Barros (2004), há dois efeitos básicos produzidos pelo discurso com a finalidade de convencerem de sua verdade, são o de *proximidade* ou *distanciamento* da enunciação e o de *realidade* ou *referente*.

Sabendo que o nosso estudo é delineado pelos movimentos da discursivização, tanto quanto da enunciação, focaremos nossa investigação nos dois mecanismos que causam efeito de proximidade ou distanciamento: a embreagem e a debreagem, das quais abordaremos por ora a segunda.

### 3.1.1.3. Sintaxe Discursiva: debreagem e embreagem

As debreagens/desembreagens<sup>34</sup> são projeções da enunciação no texto (enunciado), são de três tipos: as de pessoa (actancial), as de espaço(espacial) e as de tempo (temporal). Compreenda-se que nenhum enunciado se enuncia sozinho. O que

---

<sup>34</sup> Fundamentamos este tópico em Barros (2002), Fiorin (2000, 2016), este designa o fenômeno debreagem, aquela (Barros) desembreagem, ambos tratam do mesmo fenômeno, mesmo efeito (implicação ou não implicação do eu no discurso), a diferença é na nomenclatura. Logo ao ler-se debreagem ou desembreagem, considerá-los como sinônimos.

ocorre são as implicações ou não-implicações do *eu* no discurso. As debreagens podem ser de dois tipos, enunciativa e enunciva. O emprego da primeira pessoa produz o efeito de debreagem enunciativa, já o uso da terceira pessoa, a enunciva. Examinemos os exemplos abaixo extraídos do discurso da presidenta Dilma na inauguração da plataforma *Hora do ENEM*.

Nós, nos últimos 13 anos, a partir do governo do presidente Lula e no meu governo, implementamos várias políticas para atingir esse propósito, que é fundamentalmente democratizar acesso à informação [...]. E hoje nós estamos aqui dando mais um passo. Criando uma plataforma, uma plataforma interativa chamada Hora do Enem. (BRASIL, 2016).

Percebe-se o uso dos pronomes *nós* e do *meu*. No primeiro a relação de pessoa é de um *eu* incluído, no segundo uma variação do pronome pessoal “eu”, o “meu” indicando uma identificação com o governo anterior, dando uma ideia de continuidade, implicando que nos dois governos buscam a “democratização do acesso à informação”. Ambos apresentam a implicação do enunciador (Dilma) no enunciado, uso da debreagem enunciativa, conseqüentemente produzindo efeito de subjetividade. Exemplificada a debreagem enunciativa, vejamos um exemplo de debreagem enunciva.

[...] Neste caso, não cabem meias palavras: o que está em curso é um golpe contra a democracia. Eu jamais renunciarei. Aqueles que pedem a minha renúncia mostram a fragilidade da sua convicção sobre o processo de impeachment. Porque, sobretudo, tentam ocultar justamente esse golpe contra a democracia. E eu posso assegurar a vocês que eu não compactuarei com isso. Por isso, não renuncio em hipótese alguma.[...] A Justiça brasileira fica enfraquecida e a Constituição é rasgada quando são gravados diálogos da presidenta da República sem a devida, necessária e imprescindível autorização do Supremo Tribunal Federal - gravados e divulgados - em uma evidente violação da segurança nacional. (BRASIL, 2016).

Os trechos acima foram retirados do discurso da presidenta Dilma ao pronunciar-se sobre o processo de impedimento de cumprimento do mandato. Identificam-se no fragmento os dois tipos de debreagem enunciativa e enunciva. No enunciado “Eu jamais renunciarei”, o discurso está em primeira pessoa com o *eu* implicado no pronome “eu” e nas desinências número-pessoais em “renunciarei” e “compactuarei”; é possível afirmar que tal escolha deve-se à intencionalidade de marcar pessoalidade. Enquanto ao enunciar “Aqueles que pedem a minha renúncia mostram a fragilidade da sua convicção sobre o processo de impeachment”, lê-se o pronome referencial “aqueles” conjugado no plural e “sua” pronome possessivo de terceira pessoa no singular, tal elemento singularizou a referência, que não foi determinada no discurso. A terceira pessoa no enunciado constitui

a debreagem enunciativa, tal tipo de discurso assinala um efeito de sentido de objetividade.

Barros (2012) elucida sobre os efeitos provocados pelo uso dos mecanismos enunciativos. Se a debreagem enunciativa é muito frequentemente, o recurso usado para tornar o discurso mais objetivo, o emprego da desembreagem enunciativa em primeira pessoa produz o efeito contrário.

As projeções da enunciação, debreagem e embreagem causam, segundo Barros (2002), efeitos de proximidade e de distanciamento, sendo o primeiro acarretado pelo uso da primeira pessoa, desembreagem enunciativa, o segundo causado na maioria das vezes pelo uso da terceira pessoa, no espaço do lá e no tempo do então, a desembreagem (debreagem) enunciativa.

Barros (2002) também explica que sujeito da enunciação faz uma série de escolhas para projetar o discurso de acordo com o efeito que deseja produzir. Para além de realizar a projeção da enunciação no enunciado, o enunciador pode ainda realizar projeções internas dentro do enunciado, que ocorrem quando outros procedimentos são adotados, a exemplo da delegação interna de voz, por meio da inserção do discurso direto ou a citação, quanto à delegação de voz, Barros estabelece que:

O narrador é o delegado da enunciação no discurso em primeira pessoa. O sujeito da enunciação atribui ao narrador a voz, isto é, o dever e o poder de narrar o discurso em seu lugar. Assim instalado, o narrador pode por sua vez, ceder internamente a palavra aos interlocutores. A delegação interna de voz é outro dos recursos discursivos de produção de efeitos de sentido. (BARROS, 2002, p. 57-58).

Participam desta delegação os participantes da hierarquia expostos no esquema abaixo:

Quadro 1- Hierarquia da delegação de vozes



Fonte: Saraiva e Leite (2011, p. 42)

Lembrando que a enunciação implanta no enunciado um eu, aqui, agora, em outras palavras, pessoa, espaço<sup>35</sup> e tempo, respectivamente. Fiorin (2016) explica que as categorias de pessoa e de tempo são mais recorrentes nos enunciados, tendo em vista que, é marcada no verbo por meio das desinências número-pessoais. Ainda menciona que o espaço é concebido em duas classificações, ambas se relacionam à localização dos corpos nos espaços. Parafraseando Fiorin (2016), todas as debruagens encontram-se na esteira dos estudos de Benveniste, a exemplo do espaço linguístico, onde o *hic* é o lugar do *ego*, o qual é o ponto e centro de referência da enunciação. Tomemos por exemplo a parlenda *Cadê o toucinho que estava aqui*<sup>36</sup>?, no enunciado: cadê o toucinho que estava aqui? O gato comeu [...]. O uso do advérbio “aqui” marca uma posição esvaziada, a qual é preenchida pelo contexto, renovando-se a cada enunciação. Já o espaço tópico é marcado pela noção de direcionalidade de movimento de um corpo. Pode ser referenciado em relação ao enunciador ou a um ponto de referência instaurado no enunciado. Tomemos como exemplo um trecho da narrativa bíblica da ressurreição: “E o Senhor Jesus, depois de lhes ter falado subiu ao céu, e sentou-se à direita de Deus” (Marcos, Cap. 16, v. 19). Nota-se o efeito de movimento, de deslocamento, além da referência de especialidade. O Diabo, por sua vez, também aspirava tal posição e em discurso direto profere, como se lê em Isaías: “Subirei ao céu, acima dos astros de Deus colocarei o meu trono; sentar-me-ei no Monte da Promessa, que está do lado do Aquilão; subirei acima da elevação das nuvens, serei semelhante ao Altíssimo” (Isaías, Cap. 14, v. 13). Esse versículo além de fornecer as referências espaciais, também fornece, semanticamente falando, toda ambientalização. Sobre a correlação entre o enunciado linguístico e o enunciado tópico, Fiorin aclara:

No espaço linguístico propriamente dito, não se estabelecem nem posições determinadas, nem movimentos numa dada coordenada do espaço geométrico, mas apenas os espaços dos actantes com relação ao enunciado. No espaço tópico, os corpos são dispostos em relação a um ponto de referência, segundo um determinado ponto de vista, isto é, uma dada categoria espacial. Isso permite estabelecer a posição do corpo ou a direcionalidade de seu movimento com base numa das dimensões do espaço. Temos, então, uma espacialidade tópica estática e uma cinética. (2016, p. 234).

<sup>35</sup> Fiorin sobre a problemática do espaço menciona, na introdução do capítulo destinado a esta categoria, em seu livro *As astúcias da Enunciação*, que das três categorias da enunciação a menos estudada é a de espaço. Nos pautamos nos estudos desse livro para a circunscrição dos efeitos produzidos por este mecanismo enunciativo.

<sup>36</sup> Retirado do Livro do Aluno. Adivinhas, Canções, Cantigas de Roda, Parlendas, Poemas, Quadrinhas e Trava-línguas, Ministério da Educação, Brasília 2000. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me000588.pdf>. Acesso em 22 de abril de 2018.

O elo entre os dois espaços se dá na necessidade de especificação do enunciado linguístico, essencialmente quando o espaço da enunciação não é conhecido, assim como o enunciado tópico depende do linguístico, estando este explícito ou implícito no enunciado. Tendo ilustrado e dissertado sobre o espaço tópico e o linguístico, nos empenharemos em abordar o fenômeno da debreagem na categoria espaço. Fiorin (2016) informa que o ponto de referência pode ser enunciativo, quando é o enunciador ou o enunciatário, ou enuncivo, quando está inscrito no enunciado. Observemos com atenção o poema abaixo.

Andorinha  
 Andorinha está lá fora dizendo:  
 — Passei o dia à toa, à toa.  
 Andorinha, andorinha minha canção é mais triste!  
 Passei a vida à toa. (BANDEIRA, 2000, p. 39).

Observa-se no enunciado: “Andorinha lá fora está dizendo”, a debreagem enunciativa, pois o “lá” é o não-aqui; o ponto de referência é o espaço ocupado pelo enunciador. O advérbio “fora” é especificador do espaço “lá” que se configura como espaço linguístico. Fiorin (2016) também explica que o espaço instaurado no enunciado, debreagem enunciva, pode estar figurativizada, assim como veremos no poema abaixo.

O chão e o pão  
 O chão.  
 O grão.  
 O grão no chão. O pão.  
 O pão e a mão. A mão no pão. O pão na mão. O pão no chão? Não.  
 (BRASÍLIA, 2000, p. 46).

Observemos que a espacialização se dá internamente no enunciado, e que os espaços estão recobertos pelas figuras “chão”, “mão”, “pão”, que poderiam ser facilmente substituídos por: “lá”, “aqui”, “mesa” e “prato”, por exemplo.

Não nos ateremos, neste instante, à explicação do processo de figurativização, tendo em vista que trataremos deste em breve. Por ora, abordaremos a debreagem de tempo, que para os estudos da enunciação, Benveniste (1974) estabeleceu o tempo da língua. Como reitera Fiorin,

O discurso instaura um *agora*, momento da enunciação. Em contraposição a um *agora*, cria-se um *então*. Esse *agora* é, pois, o fundamento das oposições da língua. O tempo presente indica a contemporaneidade entre evento narrado e o momento da narração. (2016, p. 126).

Se é na discursivização que são manifestos estes mecanismos e engendramentos, é no nível da sintaxe, que podemos considerar o potencial gerador deste *agora*, que assim como as categorias de pessoa e espaço, é reinventada na enunciação. Fiorin (2016) estabelece que o *agora* delinea a categoria concomitância vs não-concomitância, vinculada à *anterioridade vs posterioridade*. Tomando como pressuposto que o momento da enunciação coordena o tempo, somemos a esta noção que é o tempo linguístico que organiza a sucessividade entre estados e transformações ocorridas no texto, as quais podem ser anteriores ou posteriores ao momento de enunciação. Ilustramos com este poema de Cecília Meireles.

#### A língua do Nhem

Havia uma velhinha que andava aborrecida Pois dava a sua vida para falar com alguém. E estava sempre em casa a boa da velhinha, Resmungando sozinha: nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

O gato que dormia no canto da cozinha escutando a velhinha, Principiou também a miar nessa língua e se ela resmungava, o gatinho a acompanhava: -nhem-nhem-nhem-nhem Depois veio o cachorro Da casa da vizinha, Pato, cabra e galinha, de cá, de lá, de além, e todos aprenderam a falar noite e dia naquela melodia nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem... De modo que a velhinha

Que muito padecia por não ter companhia nem falar com ninguém, ficou toda contente, pois mal a boca abria Tudo lhe respondia: Nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem... (BRASÍLIA, 2000, p. 44-45).

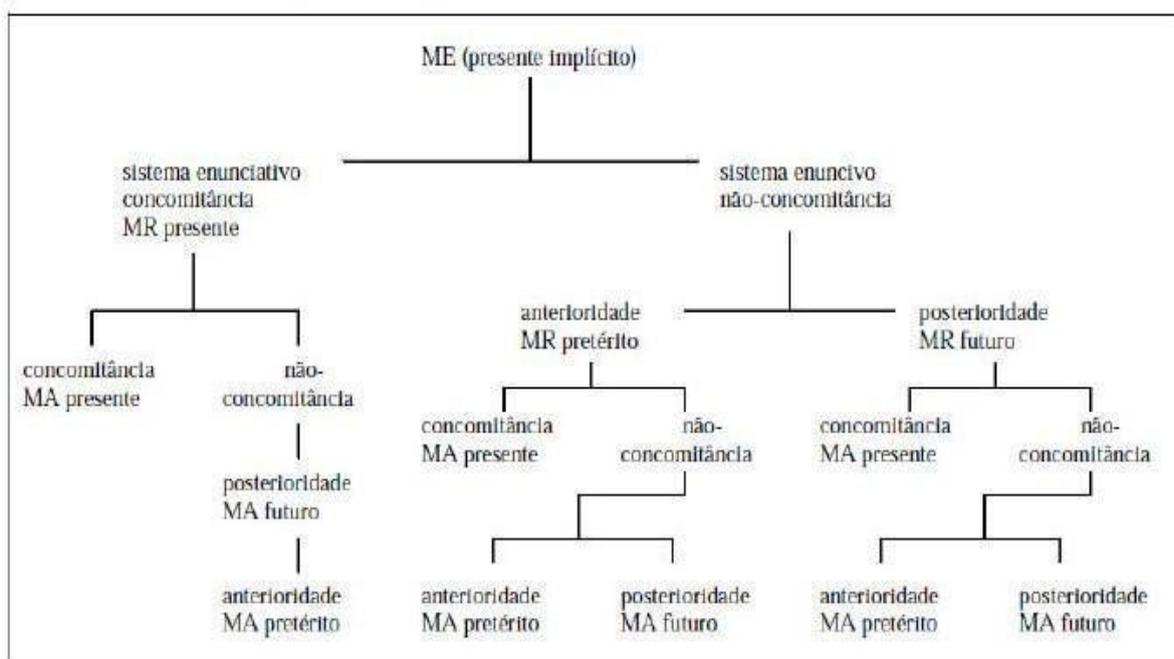
Percebemos que o momento de referência é anterior ao momento da enunciação, sendo, portanto, não-concomitante e situado em uma anterioridade. A manifestação desta temporalidade está expressa, por exemplo, nos verbos: “Havia”, “dava”, “estava”, “acompanhava”, estes classificados quanto ao tempo verbal como pretéritos. Quanto aos sistemas temporais, Fiorin esquematiza:

[...] ao momento de enunciação aplicamos a categoria topológica *concomitância vs não concomitância (anterioridade vs posterioridade)* e obtemos três momentos de referência: concomitante, anterior e posterior ao momento da enunciação. Se o momento de referência é concomitante ao momento da enunciação, utilizamos o sistema enunciativo, já que tudo estará referido ao momento de enunciação. [...] Se o momento de referência for anterior ou posterior ao momento da enunciação deverá sempre ser explicitado. Temos, pois, dois momentos de referência explicitados: um pretérito e um futuro, que ordenam dois subsistemas temporais enuncivos. (2016, p. 129).

A debreagem temporal é assim estruturada, sendo resumidamente de dois tipos: enunciativa, quando o momento de referência é igual ao da enunciação, e enunciva quando anterior ou posterior ao momento de enunciação, esse último sempre implícito no enunciado.

O autor ainda minucia que no sistema temporal são três os constituintes mais relevantes: o momento de enunciação (ME), o momento de referência (MR) e o momento do acontecimento (MA), os quais podem ser identificados no enunciado extraído do poema citado na página anterior: “Havia uma velhinha que andava aborrecida [...]”, temos por ME: o presente implícito, MR: não-concomitante, MA: passado, no caso do poema, o acontecimento é concomitante à referência, ambos estão no passado. Tais projeções, anteriormente citadas, podem ser observadas graficamente englobadas da seguinte forma:

Quadro 2 - Sistemas Temporais Linguísticos



Fonte: Fiorin (2000, 2016)

Dissertamos neste subtópico sobre as debreagens de pessoa, de espaço e por último sobre as debreagens de tempo e a demarcação do tempo linguístico, não descrevemos ainda, como anteriormente anunciado, a embreagem e suas implicações no enunciado. Assim como a debreagem, a embreagem pode ocorrer nas três instâncias da enunciação, pessoa, espaço e tempo. Segundo Fiorin (1995) a embreagem é "o efeito de retomo à enunciação", produzido pela neutralização das categorias de pessoa e/ou espaço e/ou tempo, assim como pela denegação da instância do enunciado. Observemos o seguinte

discurso, pronunciado pela então presidenta Dilma Rousseff (2016):

A Justiça brasileira fica enfraquecida e a Constituição é rasgada quando são gravados diálogos da presidenta da República sem a devida, necessária e imprescindível autorização do Supremo Tribunal Federal - gravados e divulgados - em uma evidente violação da segurança nacional EBC, Agência (BRASIL, 2006<sup>37</sup>).

O uso de “da presidenta da República” supõe uma embreagem, porque a Dilma fala de si na terceira pessoa, produz o efeito implícito de “ela”, no entanto este “ela”, na verdade é o próprio *eu*, o enunciador. Sobre o estudo dos mecanismos de projeção da enunciação no enunciado e sua relevância, Barros (2002) disserta:

O exame das relações entre efeitos e mecanismos é uma das etapas da construção dos sentidos do texto, de seus fins e suas “verdades”. Dá-se já um grande passo em direção ao contexto sócio-histórico e à formação ideológica em que o texto se insere. O estudo das projeções da enunciação permite analisar o discurso como objeto discursivo e atingir um certo fim. Resta abordar, na sintaxe do discurso, os procedimentos argumentativos que definem o discurso como objeto de comunicação manipuladora entre enunciador e enunciatário. (p. 62).

A finalidade ou intencionalidade fundadora do discurso é o convencimento, ainda que o texto seja considerado não-argumentativo, a exemplo do texto informativo, mesmo neste há a finalidade de fazer com que o leitor acredite na “verdade” do texto. Para tanto, lança-se mão de operadores e procedimentos argumentativos.

Os efeitos de enunciação produzidos pelos operadores argumentativos serão melhor ilustrados na análise do *corpus* deste trabalho, por ora citaremos outra construção, a qual se relaciona mais com a semântica do que com a sintaxe discursiva, o efeito de referente, a tal procedimento semântico nomeia-se *ancoragem*, que além da delegação interna de voz é responsável por gerar efeito de realidade ou irrealidade, que pode ser actancial, temporal e espacial, Barros explicita como ocorre afirmando,

[...] pelo procedimento semântico de concretizar cada vez mais os atores, o espaço e o tempo do discurso, preenchendo-os com traços sensoriais que os “iconizam”, os fazem cópias da “realidade”, produzem tal ilusão. (BARROS, 2002, p. 60).

As concretizações ampliam-se no nível da semântica discursiva, no processo de tematização e de figurativização. Na medida em que há uma maior especificação

---

<sup>37</sup> Fonte: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2016-03/dilma-cobra-imparcialidade-da-justica-e-critica-divulgacao-de-gravacoes>. Acesso em 20 de abril de 2018.

aproxima-se da figurativização. Barros (2002) explicita que a disseminação dos temas e a figurativização são tarefas do sujeito da enunciação<sup>38</sup>, que os realiza por meio dos percursos temáticos e figurativos e da coerência semântica, alcançando por consequência os efeitos de sentido citados e consequentemente de realidade. Esses percursos são constituídos por temas e figuras, aqueles mais abstratos e estas mais concretas. Os temas são de natureza conceptual, geralmente já se apresentam na semântica fundamental do texto, são tomados pelos actantes do nível narrativo e recobertos e discursivizados no terceiro nível do percurso gerativo de sentido, tomemos por exemplo as conceptualizações; honestidade, persistência, tolerância etc. Já as figuras remetem a elementos do mundo natural, tomemos por exemplo o computador de mesa e o notebook, temos a representações figurativas de estático e dinâmico, este é possível ser levado para vários lugares e inclusive ser utilizado sem que esteja conectado a uma fonte de energia, já aquele precisa ter uma área de trabalho designada, ou seja, estar instalado em um lugar físico. Acerca da relação entre tematização e figurativização, Fiorin esclarece:

[...] tematização e figurativização são dois níveis de concretização de sentido. Todos os textos tematizam o nível narrativo e depois este nível temático pode ou não ser figurativizado. A oposição entre tema e figura remete, em princípio, à oposição abstrato/concreto. No entanto é preciso ter em mente que concreto e abstrato não são termos polares que se opõem de maneira absoluta, mas constituem um *continuum* em que se vai, de maneira gradual, do mais abstrato ao mais concreto. (2000, p. 65).

Os discursos, grande parte das vezes, não são constituídos por apenas um tema, mas se configuram de um conjunto de temas que se coordenam em percursos figurativos e temáticos. Devemos nos atentar que assim como devemos considerar um percurso gerativo de sentido em que se parte do mais abstrato para o mais complexo, cujo último nível é o discursivo, sobre o qual estamos dissertando, tenhamos em mente também a progressão que leva à concretude e valor de verdade no processo de discursivização, os percursos temáticos e figurativos. Sobre os percursos temáticos, Barros afirma que:

---

<sup>38</sup> Fiorin (2007) esclarece que os sujeitos da enunciação aparecem em três níveis distintos: 1. o autor e o leitor implícitos, que são pressupostos pela própria existência do enunciado, chamados enunciator e enunciatário; 2. aquele que narra e aquele para quem se narra, projetados no interior do enunciado, denominados narrador e narratário; 3. as personagens que dialogam entre si no interior do texto, nomeados de interlocutor e interlocutário. Isso quer dizer que o interlocutor e o interlocutário são sujeitos do enunciado, que são representados como sujeitos da enunciação; o narrador e o narratário são sujeitos da enunciação enunciada... Para aprofundar-se nas questões acerca do sujeito na semiótica recomendamos a leitura do artigo completo disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/viewFile/649/579>.

Os percursos temáticos resultam pela definição proposta, da formulação abstrata dos valores narrativos. A recorrência de um tema no discurso depende, assim, da conversão dos sujeitos narrativos em atores que cumprem papéis temáticos e da determinação de coordenadas espaço-temporais para os percursos narrativos. (BARROS, 2002, p. 70).

Greimas e Courtés (1975) consideram que tal investimento se dá no objeto-valor. Barros precisa que no revestimento figurativo do objeto-valor, o percurso do sujeito é figurativizado: as transformações narrativas tornam-se ações de sair de casa, matar, pintar entre outros. Já Fiorin (2000) acrescenta que um texto pode ter mais de um percurso figurativo, que o número varia de acordo com o(s) tema(s) que se deseje manifestar, podendo os percursos se opor, se complementar, se superpor, entre outros. Os percursos temáticos e figurativos revelam bastante da ideologia do discurso. Um mesmo tema, cotas na educação superior por exemplo, pode ser desenvolvido em um percurso que relaciona cotas a viabilização de igualdade de oportunidades, e em outro discurso privilégio a uma determinada camada da população. Segundo Barros (2002), para examinar os percursos devem-se empregar princípios da análise semântica e determinar os traços ou semas que se repetem no discurso e o tornam coerente.

O enunciador para tornar o discurso coerente lança mão de procedimentos de coerência textual, a reiteração dos temas e das figuras, às quais correspondem a *isotopia* que, de acordo com a espécie de repetições, pode ser temática e/ou figurativa. Barros (2002) explica que a *isotopia temática* decorre da repetição das unidades temáticas abstratas, em um mesmo percurso temático; já a figurativa pela repetição de traços figurativos, o que culmina em uma representação mais próxima da realidade.

Como já mencionamos, o enunciador faz as escolhas de suas estratégias discursivas de acordo com a sua intencionalidade e é por meio delas que se obtêm os efeitos de sentido. Muito pode ser dito sobre o exercício da competência discursiva pelo enunciador, apreendemos que a competência discursiva em sentido estrito compreende o conjunto de procedimentos que visam a constituir o discurso como um espaço e um tempo povoados de atores diferentes do enunciador. Segundo Fiorin (1996), quando se adiciona a essa competência o depósito de figuras do mundo natural e de configurações discursivas, que permite ao sujeito da enunciação o exercício da figurativização, tem-se a competência em sentido lato. Também é importante ponderar que nos situamos até aqui no plano de conteúdo-preocupação primeira das raízes basilares da semiótica – tal como foi pensada por Greimas. Fiorin (2017) acentua que as estruturas discursivas serão manifestadas como texto quando se unirem a um plano de expressão no nível da manifestação. Sabendo que

a teoria se situa na esteira dos estudos hjelmeslevianos e considerando que a função semiótica como a junção de uma expressão a um conteúdo, nas palavras do filólogo.

A função semiótica é, em si mesma, uma solidariedade: expressão e conteúdo são solidários e um pressupõe necessariamente o outro. Uma expressão só é expressão porque é a expressão de um conteúdo, e um conteúdo só é conteúdo porque é conteúdo de uma expressão. Do mesmo modo, é impossível existir (a menos que sejam isolados artificialmente) um conteúdo sem expressão e uma expressão sem conteúdo. (HJELMSLEV, 2003, p. 198).

A proposta metodológica da teoria sugere a “abstração” a “separação” entre plano de conteúdo e plano de expressão, voltando-se para o plano de conteúdo. Após o esquadrinhamento dos três níveis, o fundamental, narrativo e discursivo, alguns semioticistas sentem a necessidade de ampliar a investigação ao nível de expressão. A partir deste empenho surgem as ramificações da semiótica a exemplo da semiótica sincrética.

### 3.2. Semiótica Sincrética

A semiótica sincrética se ocupa em investigar textos que unem duas ou mais formas de expressão, orquestradas por um mesmo enunciador. Tais textos estão cada vez mais presentes nos mais diversos gêneros, suportes e meios de circulação. A partir da expansão da presença deles estudiosos têm se debruçado a desenvolver abordagens teórico-metodológicas. Dentre eles destacamos os importantes estudos de Lúcia Teixeira (2008 e 2009). Segundo a autora, textos sincréticos são aqueles que orquestram mais de um tipo de linguagem, no entanto todas elas se mobilizam em prol da produção de uma unicidade de sentido. Ainda sobre a conceituação, disserta que:

Aplicando a noção à análise das narrativas e dos discursos, a semiótica passa a considerar que há sincretismo quando dois ou mais termos ou categorias são manifestados por uma única categoria semiótica [...] na análise das narrativas as noções de superposição e de contração, o conceito se amplia, para designar como sincrético um objeto que, acionando várias linguagens de manifestação, está submetido, como texto, a uma enunciação única que confere unidade à variação. Na análise de um objeto sincrético será fundamental considerar a estratégia enunciativa que sincretiza as diferentes linguagens numa totalidade significante, o que pode ser feito de modo contratual ou polêmico. (TEIXEIRA *et al.*, 2008).

Floch (2014) analisando uma História em Quadrinho belga, *Tintim*, identificou no plano de conteúdo a recorrência da oposição semântica sagrado *versus* profano. Tal

posição se expressa no plano de expressão não verbal (ilustração da HQ), por meio da verticalidade *versus* horizontalidade. A estas correspondências entre plano de conteúdo e plano de expressão, o autor denominou *semissimbolismo*. Conduzidos por estas perspectivas apresentadas, passaremos para o nível da manifestação, o significante, considerando as particularidades expressivas dos textos. Sob essa ótica, Farias (2016) reitera a ideia greimasiana de que o desafio dos semioticistas é desenvolver modelos metodológicos consistentes, que contemplem a totalidade dos textos em qualquer materialidade.

O objeto de estudo deste trabalho é uma aula de língua portuguesa extraída na plataforma de ensino *Hora do ENEM*, a qual faz uso de diversas linguagens em sua constituição, sendo as verbais e verbo-visuais as de maior predominância, como ilustra o seguinte exemplo.

Figura 10 - Print de Aula de Redação (ep. 225)



Fonte: episódios *Hora do ENEM* no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=tH>

No empenho de analisar a aula, enquanto texto sincrético, nos valeremos dos estudos de Teixeira (2009), os quais estabelecem que se deva examinar o plano de conteúdo, sucessivamente o plano de expressão e a relação entre os dois planos. Para tanto, a semioticista brasileira lança mão dos estudos de Floch, avolumando-o e desenvolvendo um método a partir de quatro categorias de análise do plano da expressão, as quais são cromática, eidética, topológica e matérica<sup>39</sup>, cujas especificidades estão sintetizadas nas tabelas abaixo.

<sup>39</sup> A categoria matérica não será utilizada na análise dos objetos.

Tabela 3 - Categorias de análise

Cromática	Eidética	Topológica	Matérica
O estudo da categoria cromática ocupa-se do estudo da influência da cor e de suas oposições na produção de sentido.	A investigação sobre as formas e sua contribuição.	Abrange a organização e disposição no espaço e é revelada por intermédio das contraposições entre as características expostas na tabela 3.	Expressa pelas manifestações de corporalidade e materialidade que são dadas pelos contrastes ou sua combinação.

Fonte: Adaptado de Farias (2016)

Tabela 4 - Características das categorias e suas respectivas oposições

Características			
Cromática	Eidética	Topológica	Matérica
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Puro vs. mesclado</li> <li>• Brilhante vs. opaco</li> <li>• Saturado vs. não saturado etc</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Côncavo vs. Convexo</li> <li>• Curvilíneo vs. retilíneo</li> <li>• Ascendente vs. descendente etc</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Englobante vs. englobado</li> <li>• Alto vs. baixo</li> <li>• Central vs. periférico</li> <li>• esquerdo vs. direito etc</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Corporalidade, materialidade</li> <li>• Contrastes (pinceladas): Contidas vs. soltas</li> <li>• Descendentes vs. ascendentes</li> <li>• Diluídas vs. pastosas</li> <li>• Rarefeitas vs. saturadas</li> </ul>

Fonte: Adaptado de Teixeira (2008)

O intuito da observação e análise das categorias e características acima não se atém apenas à mera identificação das mesmas, mas sim à investigação das relações entre plano de conteúdo e plano de expressão, que se manifestam verbal e visualmente, ou seja, como a forma mais abstrata, o nível fundamental se concretiza no plano de expressão, independentemente da materialidade em que o texto-enunciado se instaure. Tendo em vista o escopo dessa teoria, faz-se muito importante a apropriação da mesma, para a análise do *corpus*, devido a sua constituição. Mencionamos anteriormente que o interesse da semiótica, a priori, eram os textos verbais, no entanto diversos afiliados da teoria encorpam-na estabelecendo novos olhares sobre as materialidades significantes dos

textos. Sobre os intentos da teoria geral do texto e da significação, Teixeira explica:

O objetivo da teoria é construir um modelo capaz de prever uma gramática das relações entre sujeitos e entre sujeitos prever uma gramática das relações entre sujeitos e entre sujeitos e objetos, manifestando-se nos textos como representação das interações do homem no mundo. (TEIXEIRA, 2009, p. 43).

Estamos em consonância com a autora, logo esta pesquisa se pauta na possibilidade de que por meio das teorias apresentadas possamos entender melhor como se dá a relação entre os sujeitos envolvidos. Também buscamos identificar o perfil de professor e de estudante e a abordagem de conteúdo. A partir disso, compreender como as projeções da enunciação refletem na produção de sentido dos enunciados e nas interações. Faremos a análise na ordem em que a teoria foi apresentada para apreender as textuais, compreender como são construídas as estruturas semio-narrativas e discursivas e, para além disso, identificar as projeções e efeitos de sentido que essas criam no texto.

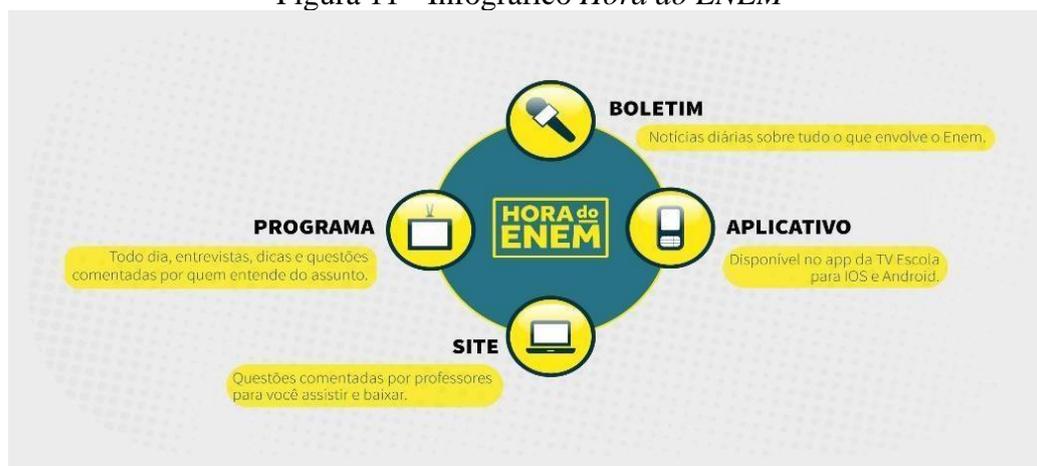
## 4 CAPÍTULO ANALÍTICO

Iniciaremos o quarto capítulo apresentando o *corpus*, não como antes com uma visão global, todavia para os objetivos a serem alcançados pela delimitação do olhar do nosso recorte analítico, em seguida apresentaremos a análise, na qual retomaremos pontos da teoria que se fizerem pertinentes e acrescentaremos outros que se fizerem necessários a partir das demandas apresentadas pelo *corpus*.

### 4.1. Hora do ENEM; o projeto e a interface geral do site

O projeto fundador do corpus desta pesquisa foi lançado, em 2016, pelo Ministro Aloizio Mercadante e a presidenta Dilma Rousseff. Em anúncio televisionado, oficialmente, em 05 de abril de 2017<sup>40</sup>. O ministro explicou em seu discurso que o programa beneficiaria 2,2 milhões de candidatos das escolas públicas e privadas. Sendo o projeto principalmente voltado aos estudantes de escola pública para que eles tenham acesso ao formato do Exame Nacional do Ensino Médio. Neste ano foram realizados quatro simulados on-line. O primeiro realizado dia 30 de abril de 2016 com o propósito de, além de oportunizar o contato com o formato das questões, elaborar a partir dos “erros” um plano de estudo direcionado aos campos do conhecimento em que a nota foi menor. Para melhor entendimento das ações envolvidas pelo programa, vejamos o infográfico.

Figura 11 - Infográfico *Hora do ENEM*



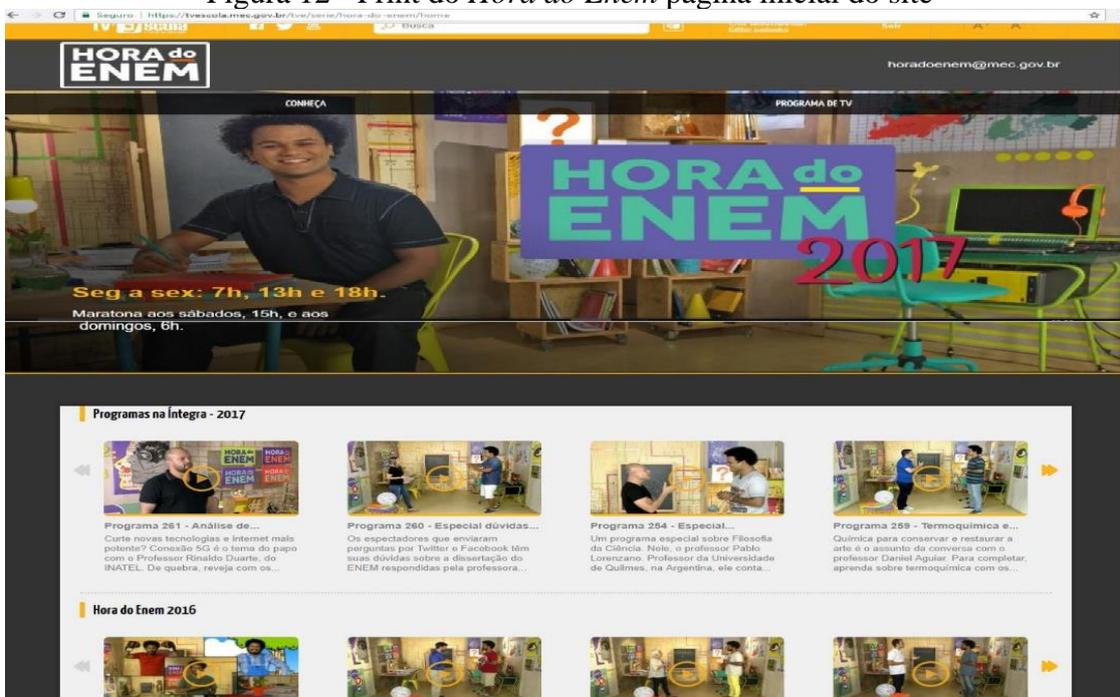
Fonte: <https://tvescola.mec.gov.br/tve/serie/hora-do-enem/conheca>

<sup>40</sup> Pronunciamento oficial disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DJTiTsc9Jy0>. Acesso em 27 de novembro de 2017.

No primeiro ano, 2016, além do Programa de TV, site e aplicativo, havia a plataforma chamada “MECFLIX”, que possibilitava o acesso por aplicativo de celular ou internet a um banco de dados, no qual se poderia fazer *playlists* (listas de vídeos selecionados), compartilhar vídeos e comentar as videoaulas. Em 2017, segundo ano de execução do projeto, o “MECFLIX” não foi disponibilizado. Porém, deu-se continuidade ao programa, que é transmitido pela TV Escola e por mais 40 canais, universitários, legislativos, comunitários, entre outros meios de transmissão, diariamente em uma edição inédita e duas reprises.

Na programação televisionada, a cada aula são debatidas questões referentes aos conteúdos abordados pelo ENEM, na maioria das vezes fazendo uso de questões extraídas do exame. Além das aulas são exibidas entrevistas com especialistas, com estudantes “bem sucedidos” e são mostrados *campi* universitários em todo país. Dentro do programa televisionado, no site e no aplicativo ocorrem boletins diários informativos sobre o ENEM. Os conteúdos disponibilizados nas plataformas, TV, *site* e aplicativo, são iguais ou têm substância semelhante, contudo, os formatos são adaptados aos meios de propagação. Vejamos uma imagem do site para dimensionarmos melhor a composição do programa.

Figura 12 - Print do *Hora do Enem* página inicial do site



Fonte: <https://tvescola.mec.gov.br/tve/serie/hora-do-enem/home>. Acesso em 27 de novembro de 2017

Na primeira parte do site vemos que os conteúdos são expostos no *layout*, ao invés de *links*, o acesso é direto, um click e o visitante pode assistir ao vídeo do programa na íntegra, seja de 2017, primeira linha ou 2016, segunda linha de vídeos, já na segunda, aulas são separadas por campo de conhecimento.

Figura 13 - Printimagem do site: Aulas do *Hora do ENEM* por campo do conhecimento

A imagem mostra uma captura de tela de um navegador web acessando o site <https://tvescola.mec.gov.br/tve/serie/hora-do-enem/home>. O conteúdo é organizado em duas seções principais:

**Matemática e Suas Tecnologias**

- X da Questão - Matemática 28:** O professor Jair Netto do Pitágoras resolve a questão 155 do caderno azul de 2015.
- X da Questão - Matemática 27:** O professor Jair Netto do Pitágoras resolve a questão 155 do caderno azul de 2015.
- X da Questão - Matemática 26:** O professor Jair Netto do Pitágoras resolve a questão 160 do caderno azul de 2015.
- X da Questão - Matemática 25:** O professor Jair Netto do Pitágoras resolve a questão 158 do caderno azul de 2015.

**Ciências da Natureza e Suas Tecnologias**

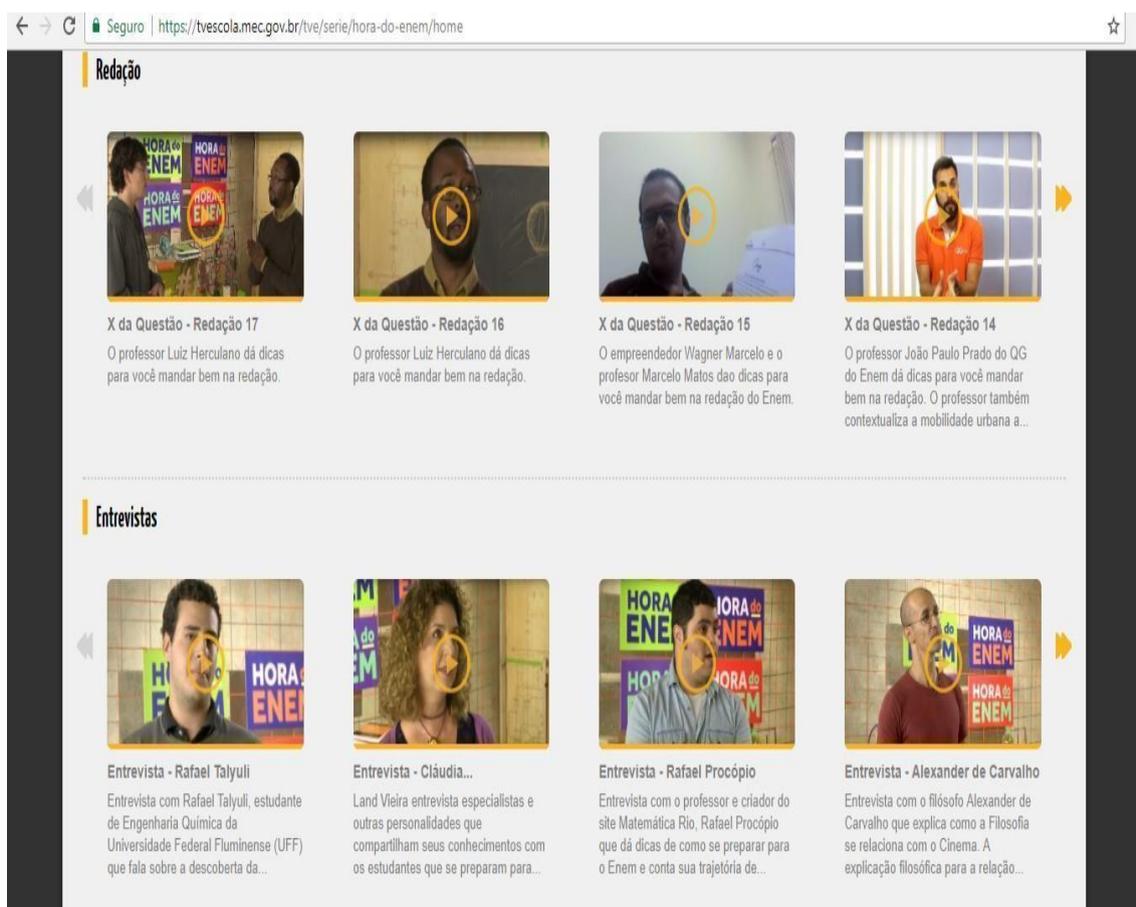
- X da Questão - Biologia 10:** O professor Leandro Clezar do Descomplica resolve a questão 48 do caderno azul de 2011.
- X da Questão - Biologia 9:** O professor Leandro Clezar do Descomplica resolve a questão 68 do caderno azul de 2012.
- X da Questão - Física 7:** O professor Léo Gomes do Descomplica resolve a questão 53 do caderno azul de 2015.
- X da Questão - Química 8:** O professor Allan Rodrigues do Descomplica resolve a questão 52 do caderno azul de 2015.

Fonte: <https://tvescola.mec.gov.br/tve/serie/hora-do-enem/home>

As aulas inicialmente tinham uma duração menor que o programa, porque, como dito antes, o projeto televisionado também tem entrevistas e reportagens, no entanto, como pode ser percebido na segunda aula analisada, os vídeos passaram a ser postos na íntegra, ou seja, serem estruturados com programas, mas em mídias diferentes (*computador, tablet e smartphone*) e com o tempo de acesso livre, retomaremos estes aspectos mais adiante, na análise. Em média as resoluções das questões das provas dos exames anteriores duram de 7 a 15 minutos. A aula é imbricada com a resolução de questões ou conceitos acerca do assunto são apresentados resumidamente.

Posteriormente, é possível descer a barra de rolamento do site e encontrar as entrevistas e aulas de redação. Além das aulas de ciências humanas e linguagens e códigos que escolhemos não descrever, por ora, tendo em vista que o formato das aulas é o mesmo para todas as disciplinas dos quatro campos de conhecimento.

Figura 14 - Print das aulas de redação e entrevistas



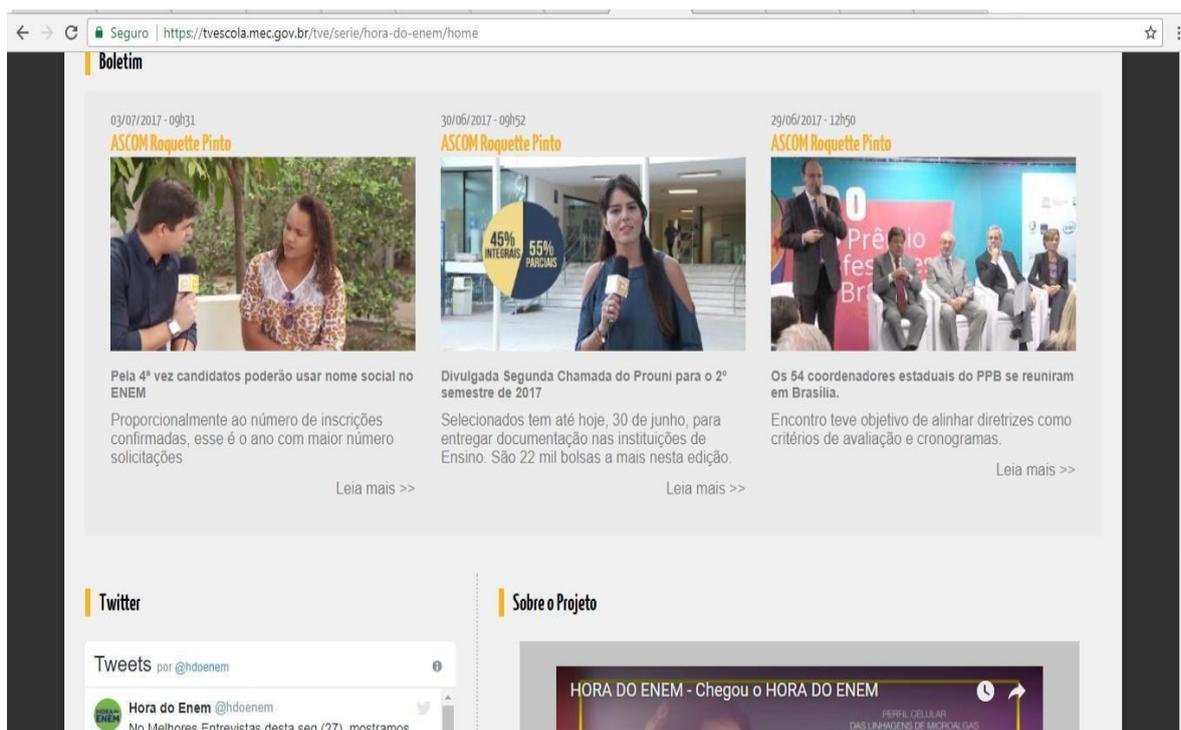
Fonte: <https://tvescola.mec.gov.br/tve/serie/hora-do-enem/home>

Os vídeos relacionados à matéria redação, não se configuram exatamente como aulas. Convidados expõem dicas ou falam sobre suas experiências, estes estudantes, aqueles professores ou profissionais. Há também vídeos em que algum convidado do programa faz uma redação com um tema pré-estabelecido e discute sua experiência com apresentador e entrevistado. Já na seção entrevistas o objetivo não é falar especificamente sobre um conteúdo de um campo do conhecimento, mas sobre experiências de vida e profissionais, que valorizem a educação como estratégia de ascensão pessoal e/ou profissional.

No final da página temos o Boletim, que como dito anteriormente traz informações

correlacionadas, o espaço para o twitter, onde o *feed* é atualizado em sincronia com o da rede social. Informações prévias sobre o programa são compartilhadas na rede. Abaixo podemos ver que há um adiantamento sobre o que ocorrerá na edição seguinte, na segunda-feira dia 27 de novembro. E por fim no canto direito da tela um vídeo que apresenta o projeto.

Figura 15 - Print da última parte da interface



Fonte: <https://tvescola.mec.gov.br/tve/serie/hora-do-enem/home>

Apresentada a interface<sup>41</sup> do site e alguns aspectos de estruturação e composição, passemos a descrição dos vídeos que serão analisados. Ambos têm em sua composição aulas de linguagem e têm o tema Variação Linguística como conteúdo, no entanto, a primeira aula, assim será chamada, tendo em vista que o vídeo é composto apenas pela aula, já a segunda chamaremos de programa, porque além da aula têm outros elementos, além de maior duração, que o assemelham a um programa televisionado, mas longe de as considerarmos distintas, ao contrário mostraremos, para além da estruturação as suas semelhanças.

<sup>41</sup> Interface é a camada de comunicação entre em dois sistemas ou grupos. Uma pessoa e uma ferramenta, por exemplo. Fonte: <http://wezen.com.br/site/2016/10/o-que-e-uma-interface-uxnow/>. Acesso em: 18 de agosto de 2019.

#### 4.1.1. Do objeto de estudo: Sobre a Aula 1 de Linguagem

A aula eleita para ser objeto de estudo deste trabalho foi exibida na *Hora do ENEM*, se trata da primeira aula de português do projeto, intitulada “Hora do ENEM – X da Questão – Língua Portuguesa 1”. Segundo a ficha técnica de produção que é datada em 2016, exibida em maio do mesmo ano, sendo voltada ao público de 16 a 18 anos, foram abordados assuntos relacionados à Variação Linguística.

A composição é um “recorte” do programa televisionado, o qual é formado por outros blocos, tais como abertura, introdução, entrevistas, boletins informativos, apresentação de campus de universidades e eventualmente elementos adicionais. Quanto a sua duração é de 00h06min: 34, voltada a etapa de ensino médio, cujo ano de produção é datado em 2016, exibido em maio do mesmo ano, é voltado ao público de 16 a 18 anos.

A sua apresentação visual é constituída de um cenário com cores vivas, mesa de estudo, quadro de giz, representações de experimentos laboratoriais, além de quadros e um *mapa mundi* “de cabeça para baixo”<sup>42</sup>, como podemos ver na imagem abaixo. A sua mudança de espaço marca as partes do programa. Chamaremos o primeiro cenário, o que “abre” o vídeo de “Cenário 1” e o que é convocado pelo apresentador de “Cenário 2”. Podemos ver a imagem inicial do programa na imagem abaixo.

Figura 16 - Aula 1: Cenário 1



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=1mkWsJIp42E>

<sup>42</sup> Trataremos melhor os aspectos dos cenários ao fazer a análise referente ao sincretismo textual e sua influência na produção de sentidos.

Levaremos em consideração as trocas de cenário e o tempo entre essas, logo a exibição poderia, segundo a nossa hipótese, ser dividida em três partes: na primeira parte (0'00" a 1'13") temos apresentação em 0'00" a 00'10" e o diálogo entre o apresentador Land Vieira e a professora convidada Clemari Marques. Em 1'02" Vieira anuncia a participação da professora Priscila Gomes. Após uma vinheta (1'13") ocorre, além da mudança de interlocutor, uma troca de cenário, que passa a ter cores mais sóbrias e menos elementos visuais, como pode ser visto abaixo.

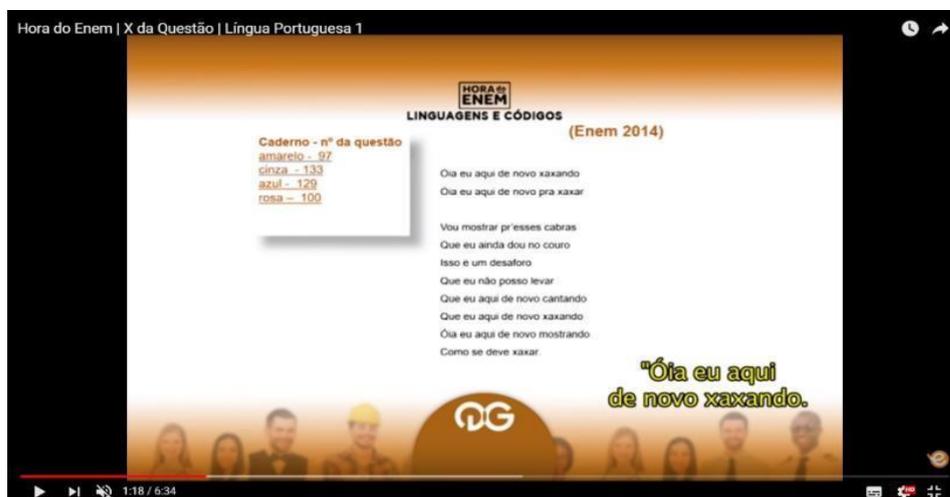
Figura 17 - Frame do “cenário 2” da videoaula da professora Priscila Gomes



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=1mkWsJIp42E>

Há alternância entre a imagem da professora e uma lousa digital (figura 16), exibindo uma questão da prova de Códigos e Linguagens do ano de 2014.

Figura 18 - Frame da lousa digital utilizada na aula da professora Priscila



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=1mkWsJIp42E>

Também é possível observar a presença de uma só pessoa, uso de uniforme e microfone e outros aspectos que exploraremos posteriormente. Com relação à temporalidade dos 1`13” ao 5`43”a docente faz a leitura e resolução da questão em justaposição à exposição do conteúdo, exemplos e dicas para resolução do Exame. Em 5`44”a vinheta aparece novamente sem que a professora anuncie a troca de interlocutor e/ou cenário.

A terceira parte é iniciada com o retorno ao cenário inicial e a retomada da conversa entre o apresentador e a professora convidada, que encerra o vídeo também dando dicas sobre a prova do ENEM.

#### 4.1.2. Do objeto de estudo: Sobre o programa 113

O título “Variação Linguística, Interpretação textual e a língua portuguesa nos quadrinhos” anuncia que houve alteração na composição do texto, com relação ao anterior (a aula 1 de linguagem). Nessa configuração a aula é englobada por um programa, o qual traz mais dois eixos temáticos; a interpretação textual e uma entrevista interdisciplinar - língua portuguesa nos quadrinhos; outro aspecto modificado foi a duração do programa que é de 24m30s. O cenário se manteve, como podemos observar na imagem abaixo.

Figura 19 - Cenário Programa 113



Fonte: <https://api.tvescola.org.br/tve/video/hora-do-enem-programa-113-variacao-linguistica-interpretacao-textual-e-a-lingua-portuguesa-nos-quadrinhos>

Na versão, o apresentador também valora a ação de estudar, no entanto o realiza de forma mais lúdica. O apresentador surge no cenário lendo um livro e caminhando, concomitantemente, a câmera foca em seus sapatos e em uma casca de banana que está no piso, um som instrumental toca ao fundo e Land Vieira enuncia após um sorriso: “Tá pensando o que rapaz, quem estuda não escorrega e roda a vinheta<sup>43</sup>”. Sucessivamente descreve a língua portuguesa fazendo uso do recurso da figura de linguagem personificação: “Ela é dinâmica e cheia de vida, dona de uma variedade de expressões, a língua portuguesa”. Sucessiva a esta introdução que faz referência à temática da aula, o apresentador faz um “gancho” com o eixo interdisciplinar enunciando “... e tudo pode se complementar...” Land Vieira continua, acrescentando:

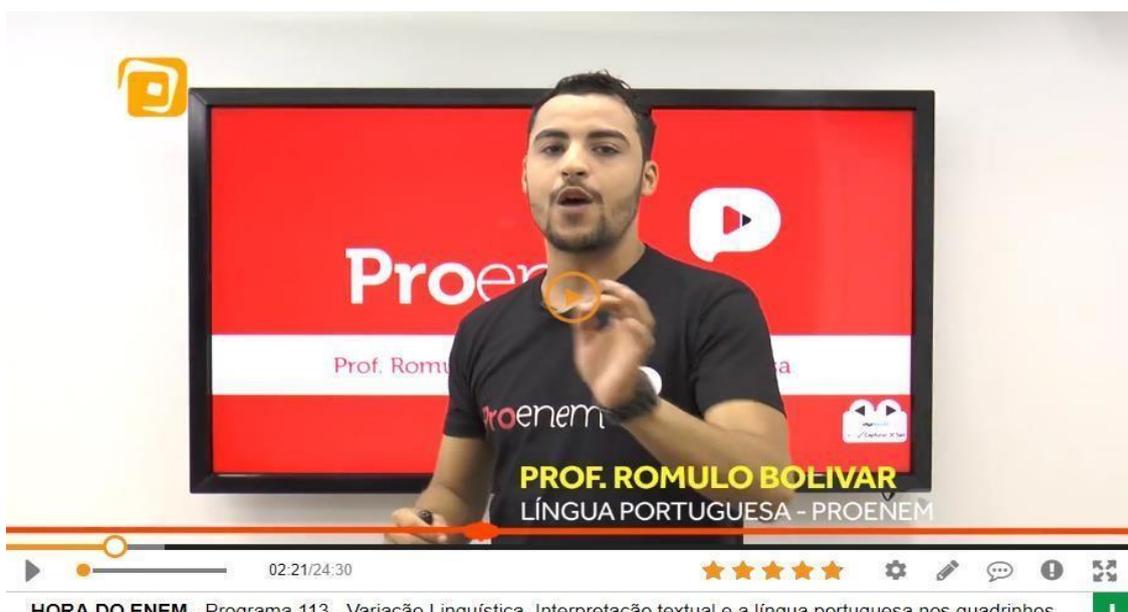
E tudo pode se complementar, quem mostra isso são os gêmeos Fábio Moon e Gabriel Bá. Eles ganharam cinco vezes o oscar do quadrinho nos Estados Unidos e também o prêmio Jabuti por adaptarem um clássico da literatura *O Alienista* de Machado de Assis, mas no terceiro bloco, porque agora, professora Tereza Cruz, por gentileza.” (HORA DO ENEM, 2016, 00”; 32”– 00’55”).

Aos 1m e 30s o apresentador chama a professora de língua portuguesa Tereza Cruz, especialista convidada. Neste momento a interação entre os enunciadore, análogo à aula 1, é estabelecida em troca de turnos. O apresentador questiona a docente sobre como os conteúdos da matéria são cobrados na prova, neste caso a gramática, após a resposta da docente, a qual é fundamentada na abordagem do Exame, o qual contextualiza a gramática em textos, o que indica uma intencionalidade voltada ao letramento de prova. Logo após, o apresentador enuncia: “Renatinho, roda a questão”, um fragmento da vinheta de abertura marca a transição entre o cenário 1 e o cenário 2. Nesse o professor, igualmente à aula 1, surge em um cenário com menos cores e elementos visuais, a parede é branca e no centro há uma televisão, que exerce a função de lousa. Também a alternância entre a imagem do professor e a lousa digital, tal qual pode ser observado nas imagens a seguir:

---

<sup>43</sup> A vinheta é um elemento que não aparece na aula, no entanto, será abordada enquanto elemento do nível de expressão.

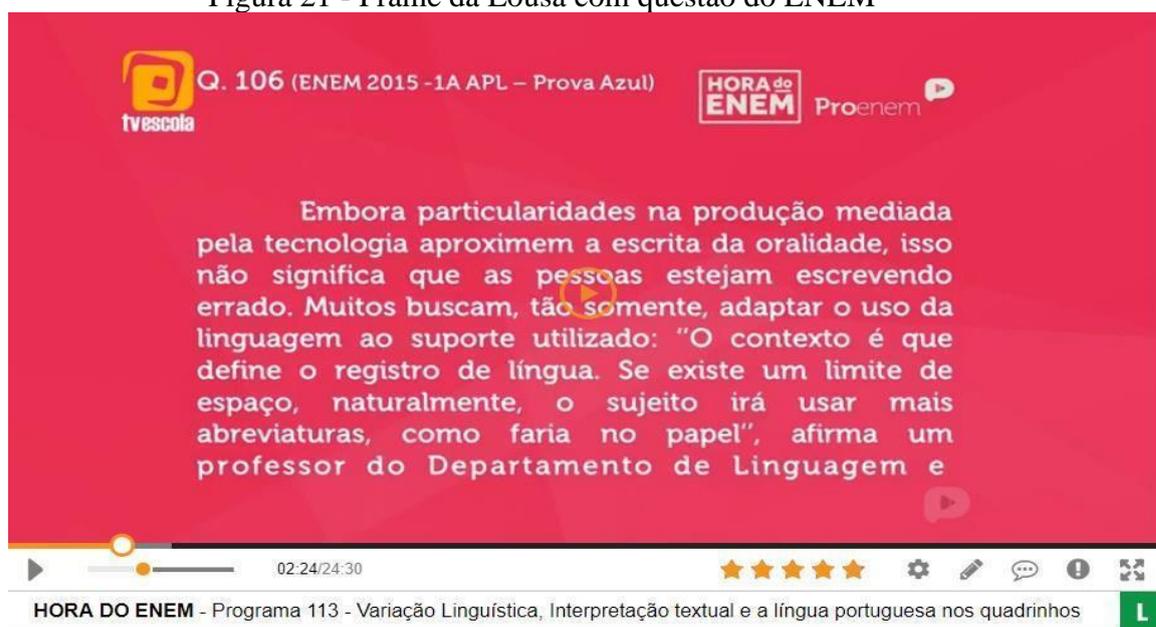
Figura 20 - Frame do programa 113 - cenário 2



HORA DO ENEM - Programa 113 - Variação Linguística. Interpretação textual e a língua portuguesa nos quadrinhos

Fonte: <https://api.tvescola.org.br/tve/video/hora-do-enem-programa-113-variacao-linguistica-interpretacao-textual-e-a-lingua-portuguesa-nos-quadrinhos>

Figura 21 - Frame da Lousa com questão do ENEM



HORA DO ENEM - Programa 113 - Variação Linguística, Interpretação textual e a língua portuguesa nos quadrinhos

Fonte: <https://api.tvescola.org.br/tve/video/hora-do-enem-programa-113-variacao-linguistica-interpretacao-textual-e-a-lingua-portuguesa-nos-quadrinhos>

O professor realiza a leitura do enunciado e semelhante à professora Priscila, do QG do ENEM, que participa da primeira aula, tece comentários sobre a variação da linguagem, desta vez focando na língua e suas adaptações/modificações no ambiente digital. Além disso, há dicas de leitura da prova e de como compreender o “comando” da questão. Também sem anúncio de mudança de espaço e interlocutores, o que marca a

transição entre os cenários é um fragmento da vinheta.

A terceira parte do programa é marcada pelo retorno ao diálogo entre os participantes, que dão continuidade aos comentários sobre as variações linguísticas, sempre direcionando à resolução de questões, nesse intento o apresentador direciona o diálogo para estratégias de leitura, a professora dá dicas sobre a interpretação de textos e explicita que “é figurinha certa na prova”. Consequente o apresentador enuncia: “Então, vamos ver a questão”. Logo, projeta-se o segundo cenário com outra questão do ENEM, com o mesmo enunciador, professor que respondeu a primeira questão, também com o mesmo foco, os textos em circulação no ambiente virtual, porém com a temática mercado de trabalho e redes sociais.

Após a resolução e comentários sobre a questão, ocorre o retorno ao cenário 1 e se iniciam as questões do apresentador e observações da professora, que encerra sua fala dando dicas e referências de leitura para auxiliar o estudante na resolução da prova. O interlocutor agradece a convidada. Não se vê a saída da mesma.

Consecutivamente, o apresentador retoma a fala introduzindo a quarta parte do programa, na qual será abordado o eixo interdisciplinar língua portuguesa e história em quadrinho com a participação de ilustradores convidados que falarão sobre as suas carreiras de ilustradores, a premiação recebida por adaptações de autores como Laerte, Saramago, entre outros, além de explanar sobre a importância da literatura e da leitura para o seu trabalho e como inspiração para produção dos seus quadrinhos. O apresentador agradece a presença dos gêmeos e encerra o programa reforçando a valorização ao estudar enunciando: “E você está esperando o quê? É com conhecimento que você vai mudar a sua história.”. Após isso, despede-se do espectador e o vídeo é encerrado com a imagem de um dos ilustradores utilizando o quadro do cenário para desenhar um personagem.

Distinto de uma aula presencial, o estudante pode acessar à aula várias vezes, pausar, desistir de ver sem ter que sair de um espaço físico. Tais condicionamentos conferem um caráter particular às aulas, tendo em vista que, o programa tem um horário fixo, já com o uso de recurso audiovisual compartilhado na web o acesso torna-se ilimitado e muito menos moderado que a modalidade presencial.

Partindo desta perspectiva de liberdade de escolha do estudante, de não obrigatoriedade de acesso. A partir disto, podemos inferir a necessidade das estratégias de captação desse internauta, para que ele continue acompanhando a aula, o que se faz por meio, dentre outras estratégias, de aproximação entre o professor e aluno que estão espacialmente distantes.

A partir da exposição do *corpus* e descrição dos objetos, pretendemos observar as estratégias de interação, assim como a imagem de conteúdo, professor e aluno. Começaremos pelo plano de conteúdo, depois dissertaremos sobre o plano de expressão.

## **4.2. Plano de Conteúdo**

Inicialmente discutiremos acerca da aula, que é a primeira aula de linguagem, após cada tópico de cada uma das estruturas, versaremos sobre o programa 113, que é cronologicamente posterior à aula. Tanto a aula, quanto o programa serão abordados como textos-enunciado e os analisaremos seguindo a proposta teórico-metodológica recomendada pelos estudos do Percurso Gerativo de Sentido já expostos no capítulo anterior referente à fundamentação teórica. Iniciaremos com o estudo das estruturas semio-narrativas e posteriormente as discursivas, para que logo após encontremos as relações globais presentes no nível de expressão.

### **4.2.1. Estruturas semio-narrativas na “Aula 1”**

Sabendo que é no nível fundamental que se apresentam as categorias fundamentais, ou seja, a oposição basilar do texto, pensemos que tipo de valorização ocorre em uma aula, certamente o valor engendrado é o estudo, neste caso especificamente o estudo voltado às temáticas abordadas pelo ENEM. A aula em estudo, como já mencionado, aborda a variação linguística.

O enaltecimento ao ato de estudar e se preparar para o exame é reforçado no discurso dos destinadores, do apresentador e das professoras, também sujeitos da interação. Não somente o ato de estudar em si, mas estudar com leveza, com tranquilidade e facilitação, reforçados pela possibilidade de ver a aula mais de uma vez, de voltar à explicação, para além deste aspecto, toda a composição pretende ser diferenciada, dinâmica, não é o que o senso comum cristalizou como tradicional. Tal singularidade nos remete à categoria fundamental positiva, eufórica, estudar com leveza/tranquilidade. Já a disforia, ou categoria fundamental negativa, o estudo mais árduo, pode-se associar também à aula tradicional, a qual pode ser considerada um evento, ao qual não se pode retornar em caso de dúvida ou de insuficiência de conhecimento adquirido, nela há uma relação mais rígida, um distanciamento entre realidade do professor e do aluno.

A narratividade é constituída – como anteriormente explicada na fundamentação

teórica pela instauração dos papéis narrativos e os valores do nível fundamental são revestidos por enunciados de estado e de fazer. No *corpus* (em ambos os objetos-aula 1 e programa 113) analisado o destinador principal é o Ministério da Educação, tendo em vista que é este sujeito que cede a incumbência à TV Escola, ao Geekie Games (todos já anteriormente mencionados e descritos na contextualização), estes na instância da enunciação. A aula em si está para instância do enunciado, neste programa narrativo os destinadores são os professores e o apresentador. Já o destinatário é o aluno, o participante do Exame Nacional do Ensino Médio.

No caso em estudo, o sujeito estudante ao entrar no site e clicar na aula busca adquirir as competências para sua aprovação, a qual se configura de acordo com o esquema canônico com a *performance*, enquanto o ingresso no curso superior a *sanção*. A aula em análise revela que a manipulação está pressuposta, o estudante/participante já está movido pelo querer-fazer, querer passar no Enem, como temos, por exemplo, nos primeiros enunciados.

00” – Apresentador

Pra ficar tranquilo e favorável, a gente vai resolver uma questão do ENEM. E quem ajuda a gente nessa tarefa é a professora Clemári Marques. Por obséquio, professora. 10” – Clemári Marques Ribeiro – Professora de Língua Portuguesa. Nossa! Por obséquio? Andou estudando bastante, hein? (HORA DO ENEM, 2016, 00”- 00”10”).

Ao enunciar “Pra ficar tranquilo e favorável” o apresentador inicia a interação com o destinatário (estudante). Observa-se neste momento da aula a tentativa de convencer que o estudo é algo que trará os benefícios dos quais o participante do ENEM precisa, tranquilidade e um contexto favorável, o qual será alcançado na aula, as explicações e dicas para o exame. A professora convidada por sua vez reafirma a valorização do estudo ao responder ao “Por obséquio” com a interjeição “Nossa!” e afirmando que o apresentador “Andou estudando bastante[...]”. Não apenas neste momento da aula a interação tem por objetivo o convencimento. A aula se configura enquanto doação de competência, o aluno se predispõe a receber este conteúdo, entra na aula se colocando em um percurso narrativo modal, buscando adquirir as competências. Previamente houve a concretização da manipulação, que é primordialmente por tentação, delineada por uma premiação, neste caso a aprovação no ENEM, quem estudar, assistir às aulas vai passar. Tal pressuposição é reforçada nas escolhas enunciativas que demonstram que o conteúdo é relevante, importante, bem apresentado, fornecerá dicas importantes ao participante.

Todos esses esforços têm a intenção de ter a aula sancionada positivamente pelo usuário, que deve permanecer assistindo.

A manipulação exposta no exemplo se manifestou no nível discursivo. No tópico seguinte continuarão sendo expostas estratégias discursivas utilizadas pelo apresentador e as professoras na tentativa de convencer o estudante a permanecer assistindo ao vídeo.

Já a semântica do nível narrativo se ocupa dos valores inscritos nos objetos modais ou descritivos, tal classificação é delineada pelo objeto. No caso em estudo o objeto é modal, tendo em vista que a aula possibilita o fim, que é aprovação no exame. Como já dito no tópico anterior, o objeto modal é o querer, dever, saber e o poder fazer. O estudante convencido de que deve e/ou quer ingressar no ensino superior busca o saber, ou seja, o conhecimento necessário para tanto, o poder já é pressuposto, porque se vai se submeter ao exame é porque tem todos os atributos que permitem sua participação e o fazer.

O formato narrativo nesta configuração estabelece uma interação marcada na “aceitação” e na “colaboração”, o candidato (estudante) está predisposto a aceitar o que os destinadores dizem, não só pelo fato de serem os destinatários, mas pela busca na competência modal e também pela legitimação social que recai sobre as professoras, além da legitimação que recai sobre o Ministério da Educação, destinador, tendo em vista a carga valorativa que recobre esse órgão, instituição máxima da educação no país. Enquanto os destinadores, todos os enunciadores voltam-se para um valor em comum – valorização do saber – e para os intentos de fazer com que o estudante adquira a competência fazem suas escolhas assim balizadas.

O nível narrativo é o segundo dos três patamares de produção de sentido, no entanto é no nível discursivo que o conteúdo se revela por meio do discurso.

#### **4.2.1.1. Estruturas semio-narrativas no Programa 113**

Os semas presentes no programa em conformidade com a aula são relacionados à valorização do estudar, logo apresentador, professora, professor e os ilustradores convidados estarão em consonância com o destinador principal, O MEC, assim como a TV Escola e o Geek Games executores e produtores do projeto desde o seu lançamento até os dias atuais.

Importante salientar que o reforço aos valores presentes na primeira aula se repete no programa 113, o que pode ser notado no fragmento a seguir.

Para deixar os candidatos mais tranquilos com relação à Língua Portuguesa, os Professores Teresa Cruz e Romulo Bolivar relembram duas questões de 2015: uma sobre variações linguísticas e outra sobre interpretação textual. Veja também uma entrevista com os quadrinistas gêmeos Fábio Moon e Gabriel Bá. Eles falam da importância da língua portuguesa para as histórias em quadrinhos e dão dicas para quem quer seguir essa carreira. (HORA DO ENEM, 2016).

Enquanto na aula percebemos o uso da expressão “Pra ficar tranquilo e favorável” (dita pelo apresentador do programa), aqui também no início da fala do apresentador em 0’28”: “... tá achando o quê ô rapaz, quem estuda não escorrega, e roda a vinheta...”. O participante/interessante já convencido previamente por meio da manipulação por tentação, motivado pela “premiação” – passar no ENEM – passa a ser “manipulado” por intimidação e por sedução, pela ideia subentendida no enunciado de que se ele não estudar vai escorregar, ou seja, se dar mal no exame, mas já quem estudar se dará bem, ou seja conseguirá passar. Percebemos que a valorização do ensino na plataforma (*corpus*) e na aula (objeto de estudo) são balizadas pela modalização fazer-fazer, o interessante simboliza ao entrar na plataforma a aceitação ao “contrato”, mas permanece ou não se permanece na aceitação, pois distinto da aula presencial o usuário pode pausar a aula.

O estudante, que acessa o programa 113, também está movido pela busca de um objeto modal, como já mencionado, as plataformas de ensino, no caso em estudo o site “Hora do ENEM” assim se configura, tendo em vista que, é através da aula e dos programas que o participante adquire o conhecimento/saber, para que alcance uma performance e posteriormente uma recompensa/reconhecimento (sanção) em outras palavras, adquire a competência necessária para atingir a *performance*, transformação do estado de estudante de ensino médio (ou em alguns casos de estágio de preparação para o exame), para passar a etapa de estudante universitário, a realização da sanção, isto é, o destinatário se torna estudante universitário.

Tabela 5 - Elementos da Narrativa na “Aula 1” e no “Programa 113”

<b>Elementos da Narrativa</b>	<b>Aula 1</b>	<b>Programa 113</b>
<b>Sujeito da ação</b>	Estudante/Participante/Espectador	Estudante/Participante/Espectador

<b>Destinador-Manipulador</b>	MEC (Destinador Principal) empresas produtoras, apresentador e professoras.	MEC (Destinador Principal) empresas produtoras e professoras.
<b>Coadjuvante (auxiliar do sujeito)</b>	Apresentador	Apresentador
<b>Anti-destinador</b>	Motivações contrárias à permanência da atenção, do sujeito, no vídeo.	Motivações contrárias à permanência da atenção, do sujeito, no vídeo.
<b>Objeto-modal</b>	O site “Hora do ENEM” (por meio dele é possível assistir às aulas que fornecerão as competências necessárias ( <i>saber</i> acerca das áreas do conhecimento) para atingir a performance).	O site “Hora do ENEM”
<b>Valor – modal</b>	O saber proporcionado pelo “Hora do Enem”	
<b>Objeto-valor</b>	Prova do ENEM	Prova do ENEM
<b>Performance</b>	Aprovação no exame (ENEM)	Aprovação no exame (ENEM)
<b>Sanção</b>	Ingresso no Ensino Superior	Ingresso no Ensino Superior

Fonte: Elaborada pela autora

Delineadas as estruturas sêmio-narrativas na aula e no programa, nos voltaremos para o terceiro patamar, cobertura destas estruturas. Onde buscaremos estabelecer as relações das estruturas mais profundas, tanto quanto a projeção dessas no discurso.

#### 4.2.1.2. Nível discursivo

Semelhante aos outros níveis do percurso gerativo de sentido, este é constituído por uma sintaxe e uma semântica. Como dito no capítulo teórico, a sintaxe discursiva manifestava projeções da enunciação no enunciado e pela relação entre enunciador e enunciatário, a primeira pelos processos de actorialização, temporalização e espacialização e a segunda pelas estratégias argumentativas. As nossas observações destes fenômenos serão delineadas pela averiguação da influência destes mecanismos nas interações entre apresentador e espectador. Enquanto a semântica ocorre por meio da

tematização e figurativização, tais elementos são correlatos, sendo aquele mais abstrato engendrado por valores já estabelecidos socialmente, enquanto esse recobre o primeiro por figuras que lhe dão um efeito de realidade na superfície textual.

#### 4.2.1.3. Projeções da enunciação no enunciado na Aula 1 de Língua Portuguesa

Sabemos que são dois os procedimentos de projeção da enunciação no enunciado, a debreagem e a embreagem, ambos produzem efeito de aproximação e distanciamento assim como os principais efeitos de sentido causados. No objeto aula de linguagem da Hora do ENEM ambos os movimentos são utilizados com o objetivo de dinamizar a interação. Vejamos um exemplo de uso do nós inclusivo (eu + tu).

Figura 22 - Frame da Aula 1 de Língua Portuguesa



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=1mkWsJIp42E>

Ao enunciar “... nossa primeira questão...” e projetar o corpo e o olhar para a professora Clemarí, o enunciador (apresentador) cria um efeito de proximidade da convidada. Observe-se também que os sujeitos estão posicionados no centro da tela, olhando-se, até a vestimenta se destaca do resto, mesmo os demais elementos do cenário tendo cores fortes, o enquadramento e foco reforçam que os sujeitos devem ser o centro das atenções. Caso o apresentador estivesse com o corpo e o olhar voltado para a câmera seria possível depreender que a interação era prioritariamente com o sujeito usuário. Este modelo de interação se repete na enunciação da professora Clemarí, como pode ser observado na imagem abaixo:

Figura 23 - Frame da Aula 1 (0:23s) de Língua Portuguesa



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=1mkWsJIp42E>

A projeção exemplificada demonstra o que é recorrente, tanto na aula quanto no programa. O texto é estruturado análogo ao gênero entrevista, que é fundamentado em um diálogo, ao mesmo tempo em que é entre o apresentador e especialistas convidados e concomitantemente com o público, nesse caso o estudante. Logo, sob o olhar semiótico se pode afirmar que é constituído por múltiplos enunciatários. Na ilustração acima se refere à introdução da participação da professora convidada. Vejamos o recorte da transcrição para observar, além dos aspectos corporais, as marcas das escolhas linguísticas do enunciatador, as chamadas projeções da enunciação no enunciado.

22” – Professora Clemári

Vamos por partes, né. Primeiro, o falar popular, você disse. Porque a gente tem uma linguagem formal, aquela usada nos livros, artigos científicos, no material da escola, em televisão, muitas vezes. Por quê? Porque essa linguagem formal, ela é entendida em qualquer lugar, obedece uma norma culta, que é a mesma para todo o país. Só que isso na prática, na hora de falar, entra os “por obséquios” e entra os “nós vai” de vez em quando, né. E aí todo mundo vira e fala: “Nossa. Isso tá errado”. Será que está errado? (HORA DO ENEM, 2016, 00”22 – 1”01”).

O uso do verbo “Vamos”, cuja desinência número-pessoal é de primeira pessoa do plural - nós –, cria, desta forma, um efeito de múltiplos enunciatadores.

Após a menção ao “falar popular”, termo utilizado para remeter-se às variações linguísticas, a professora salienta a usualidade da linguagem formal, para fazê-lo ela faz uso primeiro do pronome “aquela”, que pode causar uma projeção de distanciamento em

outras palavras, um efeito de objetividade, que é reforçado pelo uso da terceira pessoa “ela” (linha 4). Em contraposição ao falar da “prática”, uso da língua, a interlocutora após exemplificar com os termos “por obséquios” e “nós vai”, lança mão de uma pergunta indireta fazendo uso da contração de não é, “né” (linha 8). Percebe-se a metalinguagem no uso da linguagem informal para explicá-la. Conclui sua explicação com a inserção do discurso de outrem, o sujeito “todo mundo” que condena o uso como erro, tal colocação é reforçada pelo uso das aspas no enunciado “Nossa! Isso tá errado”.

A delegação de voz a terceiras pessoas tem por consequência um efeito de distanciamento da enunciação no enunciado. A professora conclui provisoriamente a sua exposição com o questionamento: “Será que isso está errado?”. O sujeito enunciador responde: "1 `02" – Apresentador: É... Não sei, né. Não sei. Vamos ver, então, com a professora Priscila, como que esse tipo de tema cai numa prova do ENEM. Tudo bem? Vamos lá professora.<sup>44</sup>

Em 1 ``02" Vieira anuncia a participação da professora Priscila Gomes. Após uma vinheta (1`13) ocorre, além da mudança de interlocutor, uma troca de cenário, que passa a ter cores mais sóbrias e menos elementos visuais, como pode ser visto na imagem 21.

A postura de lateralidade do apresentador (enunciador/interlocutor ) é modificada ao convocar à professora Priscila, como pode ser visto na imagem abaixo:

Figura 24 - Frame da Aula 1 (1m 11s) de Língua Portuguesa



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=1mkWsJIp42E>

<sup>44</sup> Trecho da Transcrição anexada minuto 1 segundo 02.

A interação passa a ser projetada para o plano frontal, para além disto, ocorre a debreagem de espaço demonstrada pela corporalidade do enunciador, pelo uso do dêitico “lá” e pelo nós inclusivo, tais escolhas enunciativas produzem um efeito de aproximação. A vinheta é o elemento que realiza a transformação do espaço do cenário 1 para o espaço do cenário 2, como podemos observar nas imagens.

Figura 25 - Transição de cena: cenário 1



Figura 26 – Transição de cena: cenário 2



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=1mkWsJIp42E>

Observa-se, na imagem 26, elementos visuais relacionados ao ato de estudar, tal escolha do destinador pode ser considerada também enquanto ato performativo, tal qual elucidada Teixeira (2009) que defende que as imagens são também recursos dos quais o enunciador lança mão para alcançar sua intencionalidade.

Na “25” nota-se o fechamento da imagem, e na figura 26 abertura do outro espaço (cenário 2) e confirmação da debreagem de espaço. Após a vinheta (1’13) ocorre, além da mudança de interlocutor, uma troca de cenário, que passa a ter cores mais sóbrias e menos elementos visuais, como pode ser visto abaixo. Há alternância entre a imagem da professora e uma lousa digital (figura 27) exibindo uma questão da prova de Códigos e Linguagens do ano de 2014.

Figura 27 - Frame cenário 2



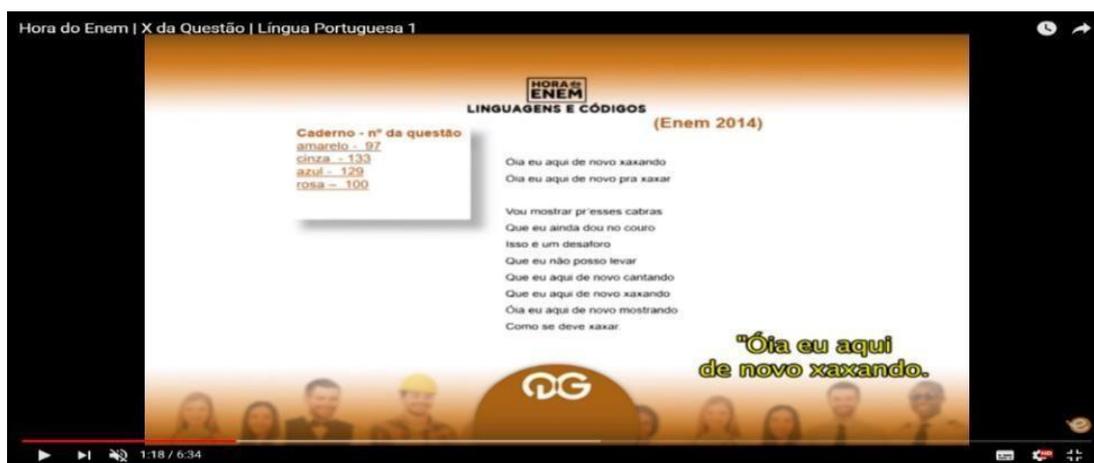
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=1mkWsJIp42E>

Também é possível observar a presença de uma só pessoa, uso de uniforme e microfone e outros aspectos que exploraremos posteriormente. Com relação à temporalidade dos 1'13" ao 5'43" a docente faz a leitura e resolução da questão em justaposição à exposição do conteúdo, exemplos e dicas para resolução do Exame, tais escolhas da enunciadora refletem a intencionalidade da aula, facilitar o aprendizado do participante, buscando construir um letramento de prova, aproximando o espectador do alcance da competência – no sentido semiótico da palavra, tomemos por exemplos o uso de “olhadinha”, que é um diminutivo, que tem o efeito de sentido de dinamizar a aula tornando-a mais rápida e também mais leve. Percebemos também a recorrência do nós inclusivo em “Vamos”, que tem um efeito predominantemente de interação por aproximação, conforme já mencionamos.

Ainda sobre a imagem, a posição da professora é frontal e em sua enunciação ela se dirige ao espectador como podemos ler em: "1'13" – Vamos lá para a questão? Vamos dar uma olhadinha no texto, que fala o seguinte: [...] “O uso do verbo “Vamos”, cuja desinência número-pessoal é o nós, distinto da utilização demonstrada anteriormente, na qual o objetivo seria projetar os sujeitos responsáveis pela enunciação, causando o efeito de aproximação do estudante, propósito que é confirmado pela projeção das mãos, do olhar entre outras marcas da corporalidade que no exemplo apresentado convoca uma mudança de espaço, que foi evidenciada pelo advérbio “lá”. Paraphrasing Fiorin (2016) sabemos que o espaço é reinventado a cada ato enunciativo e que o aqui é o fundamento

das oposições espaciais da língua. Esse *aqui* se desloca ao longo do discurso, mas permanece o *aqui* e, enquanto centro gerador axial, constitui os espaços do não *aqui*. Guiados por essa perspectiva, podemos considerar que ao enunciar “Vamos lá” a imagem exibida passa a ser lousa, como pode ser observado na imagem abaixo, criando-se assim outro espaço enunciativo. Configurando-se, dessa forma, mais um exemplo de estratégia enunciativa.

Figura 28 - Frame lousa digital



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=1mkWsJIp42E>

Sucessiva a leitura da questão acima a professora inicia os comentários sobre o conteúdo. A postura da enunciativa e suas escolhas linguísticas são construídas se valendo de um jogo de aproximação enunciativa e enunciativa que ora aproxima, ora distancia. Observemos no trecho da transcrição exposto abaixo.

Então você tem aí uma música do Antônio de Barros, que trabalha com o tema dessa questãozinha para a gente, que é variante linguística. Gente, a prova do ENEM é uma prova que trabalha com as variações que a língua sofre, a partir da diferença de questões históricas, de questões regionais, de questões sociais. Então a gente sabe que a nossa língua, ela se adapta, em relação a diferentes fatores. Quando você tem as variações sociais, você tem mudanças por questões de classes sociais. (Trecho da transcrição anexada ao trabalho).

Quanto às estratégias enunciativas de pessoa, temos: o uso da aproximação em “você tem” e “gente” direcionando o enunciado ao enunciatário, enquanto em “a gente” inclui a enunciativa na projeção da enunciação no enunciado. Para além disto reforça o efeito de aproximação com o uso de “gente”, pois o uso direciona o seu discurso ao espectador, o que é reforçado pelo uso de “você”, tendo em vista que é um “eu”. Tal jogo de troca de operadores enunciativos está presente em toda construção da aula. Ainda nesse trecho se

nota a reafirmação do perfil de facilitadora de letramento para o Exame – ENEM –, essencialmente marcado pelo termo “questãozinha”, é perceptível que o texto se constitui de dicas e conselhos acerca da prova. Observemos o trecho da transcrição referente à discussão sobre a questão.

Olha só: “A letra da canção de Antônio Barros manifesta aspectos do repertório linguístico e cultural do Brasil”.

Repara como ele associa o uso da língua ao aspecto da cultura. “O verso que singulariza uma forma do falar popular regional é:”

Isso é importante pra você, porque existem diferentes variantes. O foco é o regional. É a variante regional quando ele brinca do “óia”, como se ele estivesse falando “olha”. E aí eu preciso achar uma opção em que esse aspecto regional esteja em evidência. Letra A: “Isso é um desaforo?. Acho que não, né. B: “Diz que tou aqui com alegria”. Eu tenho uma variante aqui de registro, de informalidade, mas o foco dele é o aspecto regional. C: “Vou mostrar pr'esses cabras”. (Trecho da transcrição de aula anexada).

São evidenciados diversos chamamentos ao enunciatário, tais como: “Olha só”, “Isso é importante para você”, o que enfatiza o convite à interação por meio da aproximação, tal estratégia demonstra textualmente o ethos professoral aconselhador, amiga do espectador. Já ao enunciar “Eu tenho aqui” a enunciadora faz uso do mecanismo enunciativo da embreagem, tendo em vista que projeta a primeira pessoa no lugar da terceira, que estava sendo evocada anteriormente. Assim como na ocorrência “E aí eu preciso achar”, a professora fala que o aluno deve achar, há novamente a subversão no uso da primeira pessoa no lugar da terceira. Tal escolha discursiva de instauração de pessoa no enunciado confere uma imagem de docente coadjuvante, em outras palavras, esse não se limita a transmitir o conhecimento - por ser legitimado detentor dele, mas ao buscar auxiliar o acessante a alcançar sua aprovação, por meio de uma relação baseada na intimidade causada pelo efeito de aproximação entre a professora e os alunos /acessantes, para além disso, tal postura também pode ser considerada uma estratégia de manutenção da manipulação, ou seja, na enunciação pressuposta há a intencionalidade de que o estudante não rompa o contrato de permanência até que a aula termine.

Em 5'44" a vinheta aparece novamente sem que a professora anuncie a troca de interlocutor e/ou cenário. A terceira parte é iniciada com o retorno ao cenário e a retomada da conversa entre o apresentador e a professora. Encerramento do vídeo dando dicas sobre o ENEM.

A interação fundamental entre enunciador e enunciatário é fazê-lo ter vontade de acessar/permanecer na aula/programa ou nele reconhecê-la. As estratégias enunciativas contribuem tanto no estabelecimento da interação, quanto na manutenção da mesma.

#### **4.2.1.4 Projeções da enunciação no enunciado no programa 113**

A imagem inicial que temos é a do apresentador fazendo uso da mesa de estudos do programa<sup>45</sup> - aos 00:34s ele chama a vinheta do programa.

No início o enunciador surge no cenário lendo um livro e caminhando, concomitante, a câmera foca em seus sapatos e em uma casca de banana que está no piso, um som instrumental toca ao fundo e Land Vieira enuncia após um sorriso: “Tá pensando o que rapaz, quem estuda não escorrega e roda a vinheta”.

O papel de Land Vieira alterna entre apresentar – ele organiza a continuidade à sequência tanto da aula, quanto do programa – , em outros momentos ele questiona às especialistas, manifestando de forma mais latente o seu papel de coadjuvante. Como podemos ver no fragmento [...] as, no terceiro bloco, porque agora: “Prof.<sup>a</sup> Teresa Cruz, por gentileza, seja bem-vinda”, nesse momento da enunciação sua “função” é organizar o programa, nesse outro o de questionar sobre o conteúdo: “Tudo bem. O ENEM costuma cobrar gramática vinculada ao texto, como que o aluno pode estudar os conteúdos e as regras?” Em resposta ao apresentador a especialista convidada enuncia:

Bom, na prova do ENEM a gramática nunca vai ser associada ao estudo gramatiquero como se fazia antigamente. O que acontece hoje, felizmente, é que o estudo da gramática está associado à leitura e à interpretação. Isso não quer dizer que os conteúdos gramaticais devam ser esquecidos, mas eles devem ser revistos. O candidato precisa ainda saber reconhecer o que é um substantivo, o que é um adjetivo, o que é um pronome, mas não porque isso vai ser cobrado dele dessa maneira né, cobrando nomenclatura e identificação, mas ele precisa saber que relações de sentidos essas palavras vão construir dentro do texto. (HORA DO ENEM, 2016, 1':36" -2':12").

No trecho acima é possível observar no texto a valorização do saber, no entanto há

---

<sup>45</sup> Destacamos na descrição do cenário realizada na descrição da aula 1 no tópico anterior.

um tratamento pejorativo ao ensino dito tradicional, a maneira que a língua portuguesa era ensinada anteriormente, o que é explicitado em: “[...] ao estudo gramatiquero como se fazia antigamente”, logo as o saber de forma leve, favorável, moderna, tal concepção será reforçada com a organização do texto e as estratégias de enunciação utilizadas. A configuração do programa também se assemelha ao gênero entrevista, como é sabido, e já fora anteriormente mencionado, se projeta para o público. O apresentador no programa também se coloca como auxiliar do estudante, que ocupa o seu papel de questionar o que esse gostaria de saber para realizar uma boa prova, tal tática revela uma interação por aproximação, dotada de uma determinada empatia pelo(a) candidato(a). A professora, por sua vez, assim como as demais participantes da aula, também assume um status professoral de coadjuvante, busca auxiliar na resolução da prova de língua portuguesa, não direcionada a uma questão, mas à leitura e interpretação de textos. Tal método reafirma nossa hipótese de que a interação se caracteriza pela busca da aproximação entre enunciador e enunciatário, que se materializa e se mostra nas marcas linguísticas no texto, em outras palavras na projeção da enunciação no enunciado.

Sucessiva a resposta da professora Tereza Cruz, o apresentador “aprova” sua enunciação enunciando “Maravilha” e a convida para ver uma questão, logo em seguida solicita a mudança de cenário dizendo “Renatinho roda a questão”, o que confirma nossa hipótese que ainda que seja um programa educativo tem semelhanças com os de entretenimento e informação veiculados nos canais de TV convencionais, conforme já citamos anteriormente. A transição entre os espaços é realizada por um trecho da vinheta<sup>46</sup>, também característica de programas televisionados, o que reforça o tema moderno e arrojado do projeto, que contrapõe à ideia de educação mais tradicional cristalizada em nosso senso comum.

O professor não faz introdução ao texto, convida o espectador: “O caderno é o de cor azul e a questão é a de número um zero meia – 106. Vamos ao texto?”, assim como a professora Tereza Cruz, Romulo Bolivar faz a escolha de enunciar por meio das estratégias de enunciação que conferem um efeito de proximidade no texto, especificamente mostrado com mais clareza pelo uso do “Vamos” incluindo a primeira e terceira pessoa no discurso, quem enuncia e a quem o discurso é direcionado, o espectador. Após a leitura do texto, que também é apresentado na tela, fato que possibilita o acompanhamento do texto pelos meios sensoriais, audição e visão, simultaneamente, a

---

<sup>46</sup> Trabalharemos a vinheta com mais especificidade no tópico referente ao plano de expressão.

partir desta observação podemos supor que é uma busca evidente de manter o enunciatário atento à enunciação. Subsequente à leitura ele inicia a resolução da seguinte forma:

Primeiro: várias pessoas falam língua portuguesa, mas em comunidades diferentes, como a língua é viva, cada uma vai desenvolvendo suas particularidades, suas gírias, os profissionais vão inventando seus jargões, tudo isso tem validade, mas cada um em seu contexto. Então, você olhar para um texto de internet e começar a dizer ah isso não é português, ah não isso aqui tá tudo errado, as pessoas pensam que a internet prejudicou a língua, pelo contrário a internet, as redes sociais fizeram com que se formassem mais autores, as pessoas se motivaram a escrever. Não que as pessoas estejam escrevendo pior agora, pelo contrário, na verdade elas escreviam como vinham escrevendo, só que agora isso é demonstrado e também vem sendo criticado. Então você querer impor a norma padrão utilizado para um documento, utilizada para um registro, para redação de textos dentro de uma rede social, por exemplo, é de certa forma uma ignorância porque você olha pra língua sem considerar o contexto em que ela é veiculada. Estamos juntos? Ah mas é aquilo não é português, é português também, mas é um português em um registro mais informal, mais abreviado, se adaptando àquele contexto comunicativo. Estamos juntos? Vamos ao comando da questão: ... (HORA DO ENEM, 2016, 4':30"- 5':52").

Podemos perceber nesse trecho que ainda que o enunciador esteja sozinho no cenário, a interação se constitui, assim como na aula 1, a mudança de cenário projeta o espaço da enunciação para um cenário 2, mais “limpo”, com menos elementos visuais e que o foco é a questão, mas ainda assim permanece a busca pelo letramento para a prova e a manutenção da interação com o espectador, com a intencionalidade de manter o contrato aceito por ele. Mesmo com a ausência de múltiplos enunciadores é possível identificar o enunciatário como instância no ato de enunciar, a qual é revelada pelas escolhas enunciativas mostradas pelas marcas linguísticas, semelhante aos outros trechos utilizados como exemplos.

O emprego do “você” pressupõe que a projeção da enunciação no enunciado se deu pela instauração do sujeito por meio da subversão de pessoa, sendo a terceira pessoa substituída pela segunda, tendo em vista que ao invés desta escolha enunciativa poderia ter sido utilizado os termos: o estudante/ o candidato/ o participante / o avaliado, entre outros, desta forma retiraria a referência actancial do enunciado. A eleição do pronome causa um efeito de sentido de aproximação entre enunciador e enunciatário, gerando uma enunciação enunciativa, que é reafirmada no segundo uso em: “você olha pra língua”. Já em: “Estamos juntos? Ah mas é [...], mas é um português em um registro mais informal, mais abreviado, se adaptando àquele contexto comunicativo. Estamos juntos? Vamos ao comando da questão:...”, tanto em “Estamos”, quanto em “Vamos” é por meio da desinência número-pessoal que se estabelece o nós inclusivo, em outras palavras a junção

de um “eu” com um “não-eu”.

Todas as escolhas enunciativas criam/causam um efeito de aproximação entre enunciador e enunciatário, que é reforçada pelo status professoral e também facilitador, para letramento resolução das questões da prova, assim como na aula e em todas as participações das demais especialistas já elencadas, o professor Romulo Bolivar se coloca como coadjuvante no processo de produção de sentido.

#### **4.2.1.5. Relações entre enunciador e enunciatário na aula 1 e no programa 113**

A relação entre as instâncias enunciador e enunciatário confirmam o pressuposto da teoria da enunciação, tendo em vista que é na instauração do “eu” e da projeção de um “tu” que se dá sua gênese. Os múltiplos enunciadores, ao passo que enunciam, projetam uma imagem de espectador, participam intrinsecamente do processo de produção do texto, o que Fiorin (2016) chama de autor implícito. O tratamento dado ao conteúdo, da mesma forma, tem sua tessitura pensada no destinatário/enunciatário deste texto, cuja intenção é coadjuvar o alcance de sua aprovação.

As estratégias enunciativas exemplificadas nos trechos analisados das “aula 1” e do “programa 113” se pautaram essencialmente nas marcas da enunciação deixadas no enunciado, na maioria das vezes os pronomes pessoais, em outras os dêiticos espaciais. Percebemos também em nossa investigação que o uso do diminutivo, o qual reforça a nossa hipótese de que a produção de sentido no texto é permeada pela facilitação e transpassada pela interação por aproximação.

Identificou-se a partir da observação desses a concordância entre enunciação e enunciado, tanto no plano de conteúdo, quanto no de expressão, cujas especificidades veremos no próximo tópico, ou seja, o discurso do *corpus* foi construído de forma a fazer entender o que foi dito e não o contrário – como ocorre na ironia – em outras palavras a compreensão do enunciatário deve ser tal qual o que está sendo enunciado.

As projeções da enunciação no enunciado nos levam a perceber que o texto, sincreticamente falando, está para a argumentação e os procedimentos linguísticos eleitos buscam além de um fazer-creer no valor inerente às suas categorias de base são enriquecidas e reforçadas pela interação que é prioritariamente, como explicitamos no subtópico anterior, construída em uma busca de relação de aproximação entre enunciador e enunciatário.

#### 4.2.2. Semântica do nível discursivo

Identificamos que a aula e o programa, ambos estabelecem um percurso temático baseado na educação e no conhecimento, desde o cenário, a vinheta, a postura dos enunciadores e de como o conteúdo – Variação Linguística, eixo em comum entre os dois vídeos – é abordado. No caso em estudo, o enunciatário é levado a crer não só na importância do conhecimento, mas na legitimidade dos enunciadores – professores, além de um intencional fazer-crer por meio da identificação com o apresentador, no qual é projetada a imagem do estudante (que questiona as possíveis perguntas que o espectador faria).

As configurações e escolhas mencionadas, como exemplo, imprimem no texto o enriquecimento semântico que transita entre a figurativização e a iconização. Essencialmente no que escolhemos chamar de “cenário 1” – em que são recebidos os especialistas e convidados, as escolhas discursivas, tanto verbais, quanto visuais, nos remetem à ideia de conhecimento ao seu público alvo. Tal opção do destinador principal, ao pensar no projeto, são revestidas e reforçadas ao longo do texto (vídeos; aula e programa) por meio das figuras, pelas quais podemos perceber de forma mais evidente os valores engendrados no texto. Para demonstrar tal afirmação com mais clareza, elaboramos a tabela abaixo com os Temas e Figuras, as quais serão esmiuçadas no estudo da semântica discursiva e no estudo do sincretismo no texto, assim como na exploração das relações entre o plano de conteúdo e de expressão.

Tabela 6 - Temas e figuras do/no “Hora do ENEM”

<b>Temas</b>	<b>Figuras</b>
<b>Conhecimento</b>	Professores(as) convidados(as), livros, quadro, lousa digital e o exame.
<b>Ensino Moderno/Juventude</b>	Figurino do apresentador, o formato do programa e da aula, figuração cromática e mobiliário moderno e descolado.
<b>Exame /Avaliação</b>	Lousa apresentando questões do ENEM

Fonte: Elaborada pela autora

Sabendo que o percurso temático é a manifestação das abstrações presentes nas estruturas sêmio-narrativas e se concretiza de forma mais evidente por meio do processo

de figuração, ou seja, a cobertura dos temas. Segundo Fiorin (2000) é nessa etapa do percurso gerativo de sentido que se atribui ao texto um efeito de verdade do discurso veiculado, tal efeito é produzido pelo reconhecimento das figuras no mundo.

A articulação entre o que é dito e como é dito se torna evidente nas estruturas discursivas. Nos objetos analisados encontramos a recorrência de termos correlatos ao vocábulo tranquilidade; na primeira, na aula 1, o apresentador enuncia: “00 – Pra ficar tranquilo e favorável”, a gente vai resolver uma questão do ENEM. E quem ajuda a gente nessa tarefa é a professora Clemári Marques. E a segunda, na sinopse do programa “113: Para deixar os candidatos mais **tranquilos** com relação à Língua Portuguesa.”. Inferimos a partir da investigação realizada que o tema conhecimento se concerne também a estudar com tranquilidade, favorecida por meio desse ensino mais moderno, mais leve, mais arrojado, tais abstrações se revelam no mobiliário colorido, no figurino arrojado do apresentador, na aula que pode ser acessada no *youtube* e o programa no site do *Hora do ENEM*, ambos em qualquer dispositivo, horário e lugar, para além dessas iconizações o programa - que assim como a aula - traz professoras engajadas com um ensino mais voltado a uma visão mais atualizada do ensino da língua. Todas essas figuras estabelecem um percurso figurativo que se inicia com o visual e organização da própria plataforma que se interpõe como figurativização da modernidade, sucessivamente o apresentador que se apresenta de maneira mais arrojada/informal que os apresentadores da área educacional que estamos acostumados a ver, concomitantemente o cenário reafirma a ideia de inovação. Concordante com essa rede de significação a participação dos convidados do cenário 1 e como o conhecimento referente ao conteúdo temático é abordado, por meio de um diálogo – semelhante ao gênero entrevista – essa configuração figurativiza a facilitação, a tranquilidade que busca se proporcionar ao estudante.

A sequência tem continuidade com a mudança para o cenário 2, que trará uma professora na aula e um professor no programa, ambos são jovens. Os enunciadores, que apresentam e comentam a resolução das questões, estão em um cenário com cores mais sóbrias e não têm outro enunciador participando do diálogo, aparecem sozinhos em “companhia da tela” solucionando as questões e também dão dicas para a prova, desta maneira também buscam proporcionar à facilitação do aprendizado e conseqüentemente a aquisição da competência e alcance da *performance*. Esboçadas as tematizações e o percurso figurativo no *corpus*, passemos ao estudo do plano de expressão, para que essencialmente identifiquemos como tais elementos constituintes da produção de sentido no texto se evidenciam visualmente, assim como se entrelaçam resultando em textos

sincréticos.

### **4.3. Plano de expressão; uma análise da aula e do programa enquanto textos sincréticos**

Concordamos com Teixeira (2009) que afirma que não há uma metodologia pronta para análise dos textos sincréticos, porém a autora desenvolve a proposta metodológica cunhada por Floch (2009) e estabelece uma proposta teórico-metodológica que indica alguns caminhos para esse empenho. Para realizar nossa investigação nos pautamos na observação de três categorias analíticas recomendadas pela autora; i- figuras e temas disseminados no discurso, ii – categorias cromáticas, eidéticas e topológicas, iii- mecanismos de articulação entre conteúdo e expressão; para tanto elegemos o cenário e a vinheta, ambos se repetem nos objetos examinados – aula 1 e programa 113, ambos do mesmo *corpus* – o site do projeto Hora do ENEM.

#### **4.3.1. HORA DO ENEM: O plano de expressão no programa**

#### **4.3.2. Cenário**

O cenário é composto por diversos elementos que remetem às áreas do conhecimento e matrizes de competência do Exame, além do mobiliário, cujas escolhas de composição estão relacionadas ao ato de estudar, a integração desses reafirma a valorização ao conhecimento e a busca do saber e, além disso, dão um ar de modernidade, dessa forma criando um efeito de identificação, logo de aproximação do jovem (16-18), os quais são o público-alvo das aulas/programa e projeto. O cenário é o mesmo para os dois objetos de estudo do *corpus* escolhido que se manteve o mesmo desde 2016 (lançamento do Hora do ENEM) até 2018.

Figura 29: Cenário Hora do Enem



Fonte: YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=1mkWsJIp42>

Ao centro o fundo, sobreposto à parede, uma imagem que simula um grande circuito elétrico, em posição frontal e central a esse um quadro negro, no qual geralmente se escreve o conteúdo da aula, ainda na parede principal há um emolduramento que dá um ar de improvisado/simplicidade, entre as duas tiras de madeira à direita (na perspectiva do espectador) um quadro pendurado com a ilustração de um cérebro – em que o lado esquerdo é constituído por uma espécie de engrenagem/motor e o direito da anatomia conhecida, porém com as cores amarelo, lilás, laranja, azul e branco preenchidas à mão com giz, a arte ainda traz gráficos e imagens representativas das disciplinas de química, física e matemática, abaixo dele, na lateral direita da tela, nichos de madeira empilhados, dentro deles tubos de ensaio de experimentos com líquidos coloridos, um sinal de arroba, um símbolo de átomo, de arroba, um ábaco, alguns mini-ventiladores, um boneco de madeira, livros, cadernos e uma lâmpada com fórmulas matemáticas e mini-cones coloridos.

Na parede lateral podem ser observados além de um quadro com um homem montado em uma bicicleta *vintage* e uma aquarela ao fundo, outra ilustração que chama atenção é o mapa-múndi invertido, em que o Brasil ocupa o espaço geográfico que compreende na versão oficial a Europa; tal subversão figurativiza uma abordagem crítica

e reflexiva dos conteúdos. Abaixo dele uma escrivadinha verde – acima dessa um computador – ainda na parede lateral (direita) mais três quadros, o que está em posição superior é composto por um olho “preto e branco” com cílios marcados e globo ocular projetado para cima entre a palavra futuro abaixo e acima do desenho, outro uma ilustração de “mostrinho fazendo careta” na cor verde, ao lado desse um quadro que mostra a imagem de uma lâmpada amarela com a palavra “creative”, toda a parede tem o fundo neutro, o que fornece ainda mais destaque aos quadros que dão um aspecto descontraído ao cenário. Já na parede lateral direita, os elementos também com cores vibrantes, outra mesa de estudo – ocupada por folhas, canetas e livros diversos, também com alguns tubos de ensaio e com uma lâmpada suspensa, tais componentes simulam um espaço de estudo em uso. Ainda no lado esquerdo da tela percebemos o uso de quadros relacionados ao objeto valorizado, o conhecimento, um deles mostra um homem de perfil fazendo uso de um equipamento semelhante a uma lente de aumento, o quadro também é composto por um sombreamento em branco com vários termos em latim e letras do alfabeto grego, ao lado e abaixo desse vários números em alto relevo amarelas, outro quadro também aparece, em posição diagonal inferior ao já descrito, traz vários elementos icônicos justapostos, um óculos de grau, um mapa, um esquadro, uma lâmpada e um livro, todos esses mencionados são sobrepostos a um desenho composto por traços transversais que lembram o mapa nacional, a cor utilizada como fundo também é neutra, e semelhante ao que ocorre com a parede defronte a essa, o destaque são os quadros. Já em primeiro plano do cenário, quase que centralizado percebemos a presença deste aramado amarelo com pastas coloridas e uma luminária branca (com várias fórmulas escritas) sob ele.

Todos os itens descritos e observados são correlatos aos temas e figuras abordados no tópico referente ao nível discursivo e reafirmam a nossa hipótese de que os elementos não-verbais colaboram com a produção uníssona de sentido e se relacionam ao plano de conteúdo. Já referente às categorias cromáticas, eidéticas e topológicas – já explicadas na fundamentação teórica deste trabalho identificamos as configurações que organizamos na tabela abaixo.

Tabela 7 - Temas e categorias no plano de expressão

Temas	Categorias		
	Cromática	Eidética	Topológica
Conhecimento	Amarelo (luz – ilumina) – fundo amarelo	Textos escritos (no quadro, no computador). Com predomínio de horizontalidade e verticalidade	Professor/apresentador/professores convidados (facilitadores no centro)
Modernidade	Multicolor. Cores matizadas <sup>47</sup>	Outros objetos do conhecimento – o cérebro, a pipeta tubos de ensaio, o globo entre outros, predominante curvilíneos.	Cenário do entorno

Fonte: Elaborada pela autora

As categorias explicitadas acima denotam o que já mencionamos no plano de conteúdo, tendo em vista que a cor quente utilizada em predominância no cenário – amarelo - é associada à luz<sup>48</sup>, à claridade, que é reforçada pelo uso da lâmpada na vinheta e no quadro com a palavra “creative”. Ainda com relação ao primeiro tema, exposto na tabela na categoria eidética, temos a predominância de formas quadradas e retangulares, nos quadros, na mesa, nos textos em cima dela, na tela do computador e no circuito centralizado no fundo do cenário. Tais elementos todos relacionados ao saber “simulam” um ambiente de aprendizado e são organizados topologicamente na centralidade e também na lateralidade (à esquerda e à direita), produzindo um efeito visual de englobamento de todo o cenário, produzindo um efeito gradual de direcionamento do olhar para o centro, que é onde se colocam os enunciadores. A posição corporal dos professores e apresentador é predominantemente central e vertical, o que estimula à ação e enfatiza o dinamismo, fluidez e/ou rapidez, também explicitada pela duração de cada momento da aula e do revezamento entre os cenários.

O segundo tema identificado, a modernidade, confirma a nossa hipótese de interação por aproximação e identificação, a mistura de cores reflete a modernidade, a juventude e ao próprio público-alvo que faz parte de uma geração mais arrojada,

<sup>47</sup> Matizadas: Que representa muitas cores; colorido. Que passou gradualmente de uma cor para outra; nuançado. Pintado com cores diferentes; variegado. Repleto de variações, alterações; diversificado. Que se misturou, combinou; combinado. Fonte: Dicionário Online Léxico. Dicionário: <https://www.dicio.com.br/matizado/>. Acesso em 20 de agosto de 2019.

<sup>48</sup> Lembremos correlação entre conhecimento e luz, disseminado desde a corrente iluminista.

descolada e conectada com a inovação e experimentação, que são suscitadas pelas imagens do globo com as fórmulas, os tubos de ensaio e o cenário como um todo, repleto de elementos que figurativizam o conhecimento e a modernidade.

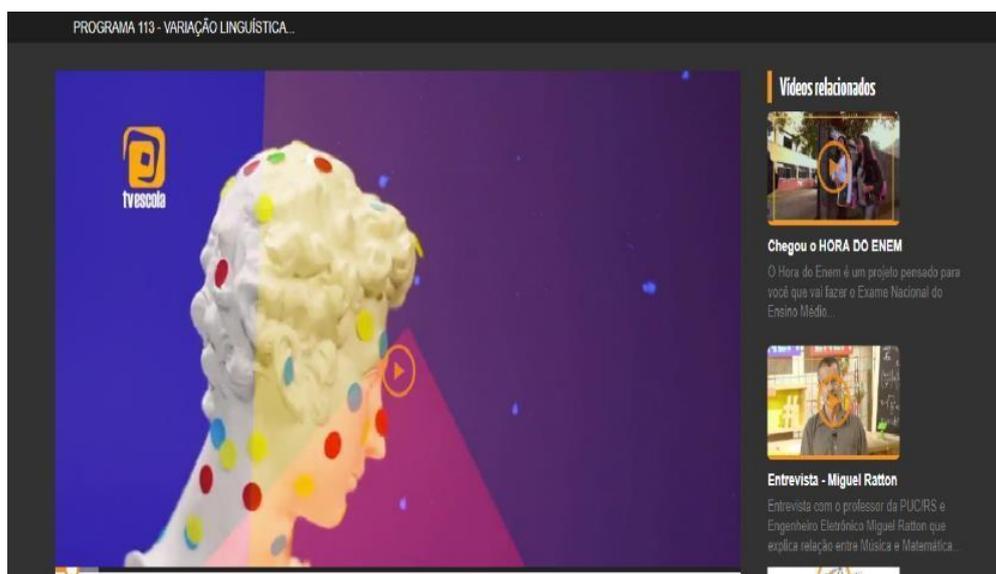
### 4.3.3. Do plano de expressão: vinheta

A vinheta é um tipo de vídeo curto, que sincretiza som, cores, logomarcas, textos, imagens e outros elementos que auxiliam na criação da identidade de um projeto audiovisual.

No nosso objeto de estudo essas escolhas remetem à busca do conhecimento e/ou valorização do saber.

A primeira imagem da sequência é uma lâmpada acesa – consagrada pelo senso comum como imagem de ideia – ao fundo a cor lilás, sucessiva a essa um busto o qual tem os traços das esculturas da antiguidade clássica, em justaposição formas geométricas nas cores rosa, lilás, azul, no entanto todas estas se sobrepõem formando um triângulo, quadrado, e um possível retângulo na lateral esquerda da tela; a imagem gira e se modifica e aparecem coladas nela algumas cores na parte esquerda da tela; a imagem gira e se modifica e aparecem coladas nela algumas cores.

Figura 30 – Frame da vinheta do Programa 113

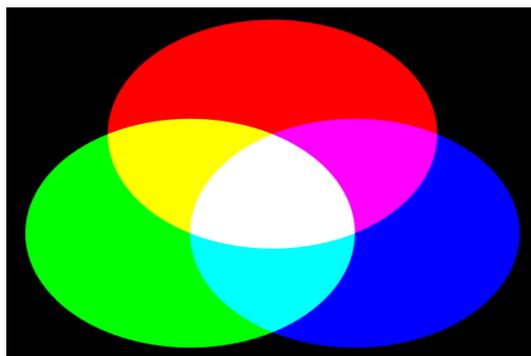


Fonte: <https://api.tv escola.org.br/tve/video/hora-do-enem-programa-113-variacao-linguistica-interpretacao-textual-e-a-lingua-portuguesa-nos-quadrinhos>

Seguindo a sequência do vídeo a terceira imagem é composta por diversos objetos

em formas geométricas em três dimensões – cubo, quadrilátero, cone, cubos e círculos, esses estão em cima de uma base milimetrada, que faz referência aos cadernos com páginas milimetradas, muito utilizados para desenhos, inclusive os geométricos, no canto superior direito, um vaso com água e um “pé” de hortaliça. A quarta é composta por uma lupa em movimento dando destaque às letras de fôrma impressas em quadrados de madeira que estão dispostas aleatoriamente sob uma base com zig e zag de triângulos. Sucessivamente um objeto geométrico piramidal sendo mergulhado em um recipiente com uma mistura de tintas azul e amarela, sobre a imagem da mão mergulhando a pirâmide amarela imagens de pequenos pássaros pretos sobrevoando a ação; o fundo da imagem é azul celestial (parece que a mão está criando uma mistura para colorir o cenário, no caso o céu que está abaixo). Sucessiva a essa surge uma mão segurando uma lupa que está sendo utilizada para ler um texto manuscrito em um papel envelhecido, o mesmo está por cima da base preto e branco com o zig e zag de triângulo, alguns lápis grafite estão agrupados e posicionados à direita do papel. A próxima imagem mostra um ábaco colorido em movimento de “sobe e desce” de suas peças e em volta vários algarismos. Sucessivamente surge uma dentadura com o movimento rápido de mordida e da mola do brinquedo saem faíscas – como que se simulasse um efeito de atrito – o fundo da tela é rosa, também seguindo a paleta de cores azul, verde e vermelho (right, blue e green), que resultam na demonstrada abaixo:

Figura 31 - Modelo de cores utilizados em dispositivos eletrônicos (RGB)

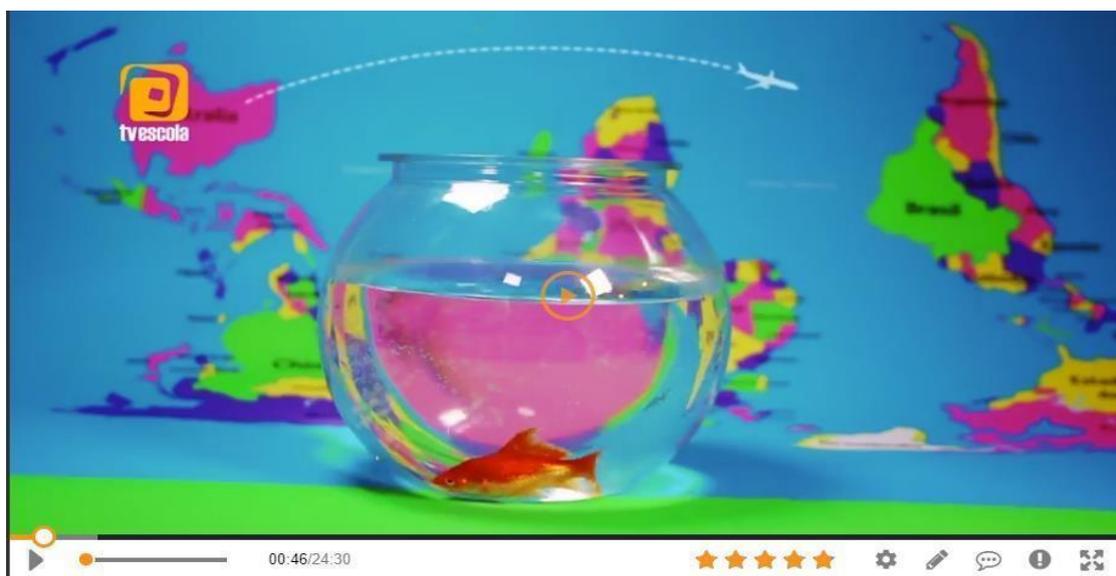


Fonte: <https://www.futuraexpress.com.br/blog/diferencas-entre-rgb-x-cmyk/>

Seguindo o padrão de cores já exposto, a sequência segue com a imagem de um peixe laranja em um aquário em primeiro plano posicionado à esquerda da tela, ao fundo também posicionado do centro até a esquerda um mapa em efeito desfocado – nas cores verdes, amarelo, rosa, azul e ao restante da tela o azul celestial. Subsequente a essa com um fundo de tela amarelo uma experimentação científica com um multímetro digital e

duas batatas. Volta-se para a imagem do aquário, desta vez o peixe se movimenta e um mini avião cruza os continentes, sendo o movimento diferenciado, tendo em vista, que assim como o mapa que decora o cenário, este também está invertido como pode ser visto na imagem abaixo:

Figura 32 - Frame da Vinheta *Hora do ENEM*

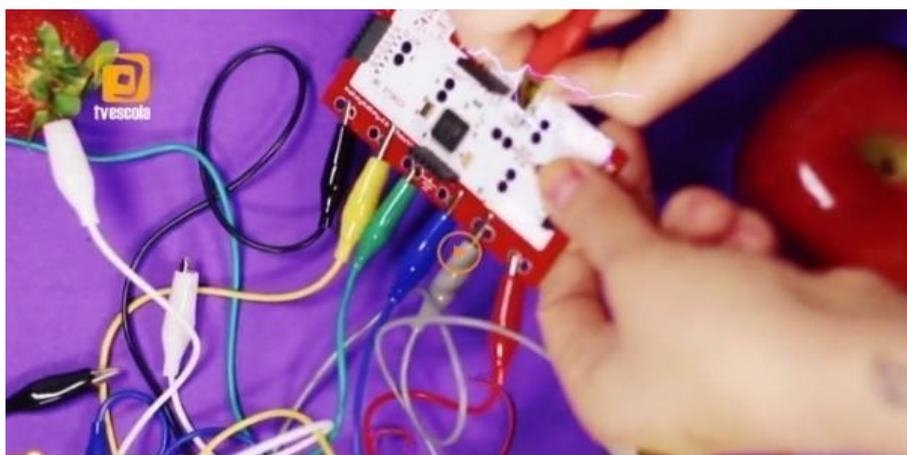


Fonte: <https://api.tvescola.org.br/tve/video/hora-do-enem-programa-113-variacao-linguistica-interpretacao-textual-e-a-lingua-portuguesa-nos-quadrinhos>

A partir do que observamos na imagem, podemos inferir que o “avião” sai da Austrália em direção ao Brasil. A próxima imagem exibe uma mão do canto direito da tela com um tubo de ensaio – ao centro – com um líquido verde que emite uma fumaça verde em direção ao canto esquerdo e para cima, o que se assemelha a um experimento laboratorial. Ainda seguindo a linha de experimentos a imagem seguinte demonstra outro experimento elétrico com uma placa com circuito e *jumpers*<sup>49</sup> coloridos ao centro e à esquerda uma mão e acima dela no canto superior uma maçã alinhada com um morango no canto superior esquerdo. Posteriormente, o vídeo mostra a mão fechando o circuito, como podemos ver na imagem abaixo:

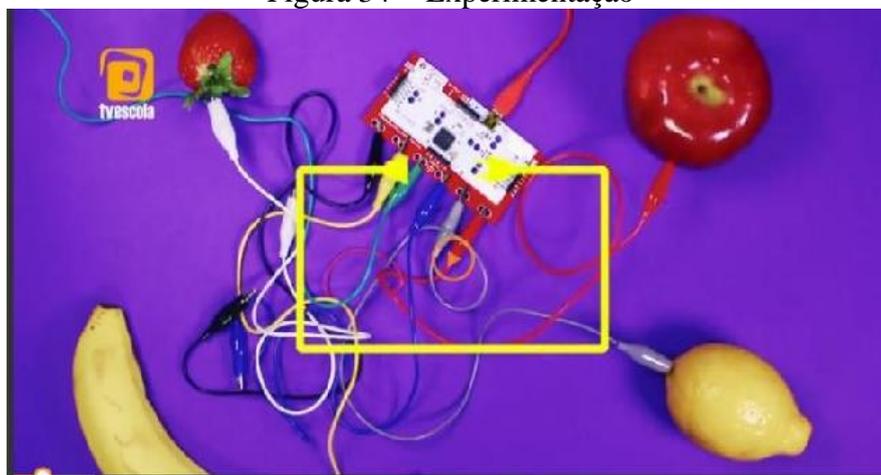
<sup>49</sup> Um jumper é uma peça plástica que contém um pequeno filamento de metal responsável pela condução de eletricidade. De acordo com a disposição destas peças nos chamados pinos, o fluxo de eletricidade é desviado, ativando configurações distintas. Fonte: <https://www.tecmundo.com.br/placa-mae/1385-o-que-sao-jumpers-.htm>. Acesso em: 13 de abril de 2019.

Figura 33 – Frame da vinheta



Fonte: <https://api.tvescola.org.br/tve/video/hora-do-enem-programa-113-variacao-linguistica-interpretacao-textual-e-a-lingua-portuguesa-nos-quadrinhos>. Acesso em: 13 de abril de 2019.

Figura 34 - Experimentação



Fonte: <https://api.tvescola.org.br/tve/video/hora-do-enem-programa-113-variacao-linguistica-interpretacao-textual-e-a-lingua-portuguesa-nos-quadrinhos>

Na primeira imagem a mão pluga um cabo ao borne<sup>50</sup>, do qual sai uma “espécie de raio”, o qual falseia um sinal de energia elétrica, na segunda imagem as frutas são conectadas à placa de teste, além disso a imagem amarela que “simula” um circuito sendo fechado. Na sequência a última imagem ilustrativa e a primeira da sequência com a logomarca. Pode-se observar que a mão não é o elemento em destaque, mas o elemento de contraste com as cores quentes, tanto o amarelo ao fundo, quanto as cores das bolinhas de silicone que estão sendo seguradas. Em seguida a mão desaparece e surge a sequência de cores com a logo, como se pode observar abaixo.

<sup>50</sup> Os bornes servem para conectar fios e mesmo plugues de pontas de prova nos aparelhos. Fonte: <http://www.ilumisul.com.br/bornes-para-que-servem/> Acesso em : 13 de abril de 2019.

Figura 35 - Sequência de encerramento da vinheta



Fonte: <https://api.tvescola.org.br/tve/video/hora-do-enem-programa-113-variacao-linguistica-interpretacao-textual-e-a-lingua-portuguesa-nos-quadrinhos>. Acesso: 13 de abril de 2019

O plano de expressão na vinheta é marcado essencialmente pela sequencialidade, cuja aceleração está em consonância com a música instrumental de fundo, as somatórias entre o elemento sonoro e o visual fazem uso da sinestesia entre os sentidos visão e audição, para intencionalmente serem capazes de produzir um efeito de expectativa. Já os elementos cromáticos apresentados, os quais são em sua maioria saturados, dão um tom de modernidade, enquanto as imagens de protótipos e testes apresentados, de experimentação. Dessa forma, podemos considerar que no plano de conteúdo há uma valorização para o objeto de valor estudar e no plano de expressão uma tematização que se refere ao estudar de uma forma nova, mais “descolada e moderna”, poderíamos afirmar até mais jovem.

## ALGUMAS ÚLTIMAS PALAVRAS

Compreendendo a importância de investigar a expansão da educação a distância, ainda mais na atual conjuntura política, na qual há a possibilidade de sua implantação em todos os níveis de ensino. Esta pesquisa faz uma breve incursão sobre a história da EAD, para chegar ao projeto *Hora do ENEM* e mais especificamente à aula 1 e ao programa 113 com a finalidade de responder a perguntas geradoras desta pesquisa: qual o perfil de professor e de aluno, tratamento dado ao conteúdo e como estes influenciam na interação entre os sujeitos? Para tanto, recorreremos à metodologia proposta pela Semiótica Discursiva (francesa) e aos estudos desenvolvidos a partir dela e tentamos explicitar e refletir acerca dos níveis do percurso gerativo de sentido e estratégias enunciativas por Fiorin (2000 e 2016), dos trabalhos sobre narratividade de Barros (2002 e 2004), Floch (2009), sobre o plano de expressão e Teixeira (2009) por meio de sua proposta teórico-metodológica para análise de textos verbo-visuais. Através desse prisma também buscamos defender o porquê acreditamos que a aula deva ser considerada uma experiência semiótica.

Após a realização da pesquisa, a análise revelou que a estratégia enunciativa preponderante é o uso do nós inclusivo; percebemos que o perfil de professor é jovem, moderno e arrojado, assim como o de aluno. O tratamento dado ao conteúdo é de letramento de prova, tendo em vista que o professor e as professoras mencionam maneiras de como realizar a leitura e resolução das questões; neste contexto, o apresentador “simula” a posição de estudante, pois faz perguntas que possivelmente seriam realizadas por um participante do Exame Nacional do Ensino Médio, todos esses narradores buscam tornar o conhecimento (como dito pelo apresentador na primeira aula) “Tranquilo e favorável”.

Já no plano de expressão há o uso de cores saturadas e diversos elementos que remetem à experimentação e facilitação, dado o uso de elementos que fazem referência ao conhecimento em aplicação, experimentação, logo pudemos inferir que o regime de interação está para aproximação entre conhecimento e aluno. O cenário também corrobora para uma visão arrojada de conhecimento, com o uso das cores, da ambientação de uma mesa de estudos de um jovem moderno, com bastante cores e decoração que pode ser considerada “descolada”, assim como a vestimenta e linguagem dos professores, que marcam um status professoral mais moderno.

Acreditamos que as aulas possam ajudar os estudantes a entender melhor como a

prova se constitui, que sejam capazes de promover um incentivo ao estudo, principalmente por mostrar o saber de uma forma mais leve, mais adequada ao público juvenil. Além disso, fazer uso das ferramentas tecnológicas, assim como de diversas mídias, desta forma, possibilitando o acesso ao conteúdo de diversas formas, o que corresponde a uma ideia de conhecimento mais moderno, mais adaptado à realidade desta geração.

A escolha de analisar a corpora pela “lupa” da semiótica foi bastante frutífera, pois encontramos categorias de análise que nos possibilitaram analisar o uso das cores , a organização do espaço e as formas no cenário e na vinheta , respectivamente as categorias cromática, eidética e topológica.

A semiótica discursiva também nos forneceu respaldo para estabelecer parâmetros para análise da relação entre conteúdo e expressão por meio do percurso gerativo de sentido, assim pudemos compreender que desde o nível fundamental a estrutura semionarrativa preconizava a valorização ao saber e a busca pelo “Hora do ENEM”, não só pelo programa e pelas aulas em si, mas pela compreensão de que há neles um valor-modal - o saber - e é por meio dele que seria alcançado o - objeto-valor - prova , por meio do qual se realiza a performance – aprovação no exame – e se alcança a sanção – ingresso ao ensino superior.

Foi por meio da referida teoria que nos fundamentamos para perceber que as projeções da enunciação no enunciado (embreagem e desembreagem) foram utilizadas com a finalidade de dinamizar a interação, verbal e visualmente, cujo o efeito de sentido, no programa e aula, é de aproximação.

A tessitura deste trabalho e a experiência como tutora na graduação em Letras na modalidade a distância me levaram à reflexão de que é latente a necessidade de trabalhos que contemplem a interação nas plataformas de ensino. A distância espacial não deve ser uma barreira entre os participantes, ao invés disto que as ferramentas tecnológicas sejam pontes entre os sujeitos. Importante ressaltar que não só os estudos acerca do tema, ou projetos de implantação são suficientes, nem garantem a eficácia desta modalidade.

Esta pesquisa me fez compreender ainda mais sobre a necessidade de políticas públicas de fomento e permanência da inclusão digital em uma perspectiva global, em outras palavras, uma democratização de acesso às ferramentas tecnológicas. Observa-se ainda a necessidade de uma investigação de como essas devem ser utilizadas em prol do ensino. A Educação a distância deve possibilitar a aproximação dos sujeitos a uma educação pública, gratuita e de qualidade. Para tanto, além das políticas públicas de

financiamento, gestão e supervisão, contemplem a formação de docentes e pesquisadores para pensar tanto nas estratégias de interação e práticas pedagógicas voltadas à EAD.

Chegamos à percepção de que na aula e programa analisados o plano de conteúdo e de expressão se entrelaçam e corroboram para uma ideia de educação moderna, jovem e arrojada. Diferente da visão cristalizada de educação tradicional, na qual o foco é a transmissão do conhecimento, que deveria ser substituído pelo foco no estudante, para que esse se aproxime do saber, de um saber mais parecido com a geração a qual nasceu, uma geração dinâmica e inserida num viés tecnológico e moderno, contexto este que não deve ser diferente no ambiente escolar, seja na modalidade presencial, a distância ou híbrida.

Sabendo que a educação a distância já é uma crescente, na realidade, esperamos contribuir para os estudos semióticos, como um todo, e, especificamente, com os voltados à educação a distância e à construção desses textos.

## REFERÊNCIAS

AFONSO, Maria da Conceição Lima; EIRÃO, Thiago Gomes; MACEDO, João Henrick Melo, Silva da Jurema; LEITE, Viriato Suellen. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 16, n. 3, p. 148-158, jul./set. 2011. Disponível em: [http://www.brapci.inf.br/\\_repositorio/2011/11/pdf\\_d6e54bc393\\_0019349.pdf](http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2011/11/pdf_d6e54bc393_0019349.pdf). Acesso em 23 de novembro de 2017.

ALVES, Lucinéia. **Educação à Distância: conceitos e sua história no Brasil e no mundo**. Revista Brasileira de Educação Aberta e à Distância, Volume 10, 2011, Art.7. Disponível em: <http://www.abed.org.br/site/pt/>. Acesso em: 30 de outubro de 2017.

AMORETTI, Marc Suzana Maria, **Aperfeiçoando a comunicação no fórum online de desenvolvimento rural**, Trabalho apresentado no 3 Encontro de Redes de Estudos Rurais, realizado entre os dias 09 e 12 de setembro de 2008, em Campina Grande – PB, Brasil. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/download/SuzanaAmoretti-PLAGEDER.pdf> Acesso em: 10 de fevereiro de 2018.

AMORETTI, M. S. M.. **Semiótica das práticas discursivas em EAD. Argumentação, engajamento e réplica no fórum online de Desenvolvimento Rural**. In: 6º Seminário Nacional de Educação à Distância/V Congresso Brasileiro de Ensino Superior à Distância, 2008, Gramado. 6º Seminário Nacional de Educação à Distância/V Congresso Brasileiro de Ensino Superior à Distância, 2008.

Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro-RJ – 4 a 7/9/2015 V Colóquio Brasil-Argentina de Ciências da Comunicação. Resumo do Artigo: **Emissoras educativas X sistema público brasileiro de radiodifusão – o caso da Rádio MEC do Rio de Janeiro (1936-2015)** 1 Sonia Virgínia Moreira, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. “Síntaxe discursiva”. In: \_\_\_\_\_. **Teoria semiótica do texto**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2002. p. 53-67.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. “Estudos do discurso”. In: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à Linguística II: Princípios de análise**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 187- 213.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral**. São Paulo: Nacional Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. São Paulo: Nacional; Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Linguagens, Códigos e suas Tecnologias (Orientações Curriculares para o Ensino Médio)**. Volume 01. Brasília, 2006, p. 239.

BRASIL. Presidente Dilma Rouseff. (2011-2016) **Discurso da Presidenta da República, durante cerimônia de lançamento do Programa Nacional Hora do ENEM**, Palácio do Planalto, Brasília, 05 de abril de 2016. Disponível em

:<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/expresidentes/dilmarousseff/discursos/discursos-da-presidenta/discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-lancamento-do-programa-nacional-hora-do-enem-palacio-do-planalto>. Acesso em: 24 de novembro de 2017.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. p. 174.

**Decreto nº 6.300, de 12 de Dezembro de 2007**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/decreto/d6300.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6300.htm). Acesso em 23 de novembro de 2017.

**Diário Oficial da União, 19 de outubro de 201, Seção 1**, páginas 18-19. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/core/consulta.action>. Acesso em 21 de novembro de 2017.

**Diário Oficial da União, Seção 1, de 30 de dezembro de 2004**, páginas 66-67. PORTARIA Nº 4.361, DE 29 DE DEZEMBRO DE 2004. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/port\\_4361.pdf](http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/port_4361.pdf). Acesso em 21 de novembro de 2017.

**Estudos Semióticos**. [on-line] Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>. Editores Responsáveis: Francisco E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume 6, Número 1, São Paulo, junho de 2010. Acesso em 12 de outubro de 2018.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2016.

FIORIN, José Luiz. **Elementos da Análise do Discurso**. 9 ed. – São Paulo: Contexto, 2000.

FONTANILLE, Jacques. “Práticas semióticas: imanência e pertinência, eficiência e otimização”. In: DINIZ, Maria Lúcia Vissotto Paiva; PORTELA, Jean Cristtus (org.). **Semiótica e mídia — textos, práticas, estratégias**. São Paulo: Unesp/Faac, p. 15-74, 2008.

FONTANILLE, Jacques. **Significação e visualidade: exercícios práticos**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. Tradução de Alceu Dimas Lima *et al.* São Paulo: Contexto, 2008.

**Guia de tecnologias educacionais** / organização JeaneteBeauchamp e Jane Cristina da Silva. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008. P. 86-98  
HJELMSLEV, L. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

LEMONS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MATTE, Fricke Cristina Ana, **Análise semiótica da sala de aula no tempo da EAD**, Revista Tecnologias na Educação, vol.1 , Dezembro de 2009. Disponível em:<http://tecedu.pro.br/wp-content/uploads/2015/07/pal4-vol1-dez-20091.pdf>. Acesso em: 20 de março de 2018

MEC/INEP. **Matrizes Curriculares do ENEM**, 2013. Disponível em [www.ceps.ufpa.br/daves/PS%202014/matriz%20enem-2013.pdf](http://www.ceps.ufpa.br/daves/PS%202014/matriz%20enem-2013.pdf). Acesso em 25/09/2015.

MEC/SEF. **Orientação Curricular para o Ensino Médio. Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto - Secretaria de Educação Fundamental, 2006, Brasil.

MENEZES, EbenezerTakuno de; SANTOS, Thais Helena dos. Verbete Instituto Universal Brasileiro. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil**. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<http://www.educabrazil.com.br/instituto-universal-brasileiro/>>. Acesso em: 02 de nov. 2017.

\_\_\_\_\_ “**Para uma semiótica sensível**”, Educação & Realidade, XXX, 2, 2005.

Prado, Maria Goreti Silva. Jacques Fontanille. “Práticas semióticas: imanência e pertinência, eficiência e otimização”. In: Diniz, Maria Lúcia Vissotto Paiva; Portela, Jean Cristtus (org.). **Semiótica e mídia - textos, práticas, estratégias**. São Paulo: UNESP/FAAC, 2008.

SOUSA, Silvia Maria de. “A transmidialidade como estratégia discursiva”. **CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada**. São Paulo, v. 14, n. 01, p. 241-263, julho, 2016. Disponível em: Acesso em 10 de setembro de 2018. <http://dx.doi.org/10.21709/casa.v14i1.8015>.

TEIXEIRA, LUCIA. “Achados e perdidos: análise semiótica de cartazes de cinema”. In: LARA, Glauca Muniz Proença; MACHADO, Ida Lucia; EMEDIATO, Wander (Orgs.). **Análises do discurso hoje**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

TEIXEIRA, LÚCIA. “Para uma metodologia de análise de textos verbovisuais”. In: OLIVEIRA, A. C. M. A e TEIXEIRA, Lucia (Orgs.). **Linguagens na comunicação: de semiótica sincrética**. 1. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009. p. 41-77.

## ANEXO I - Transcrição

Hora do ENEM/ X da Questão/ Língua Portuguesa 1

Link do programa no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=1mkWsJIp42E>

Duração: 6'34"

Transcrição

00" – Apresentador

Pra ficar tranquilo e favorável, a gente vai resolver uma questão do ENEM. E quem ajuda a gente nessa tarefa é a professora Clemári Marques. Por obséquio, professora.

10" – Clemári Marques Ribeiro – Professora de Língua Portuguesa Nossa! Por obséquio? Andou estudando bastante, hein?

14" – Apresentador

Tudo bem? Hoje, nossa primeira questão de Língua Portuguesa: formas do falar popular regional. Explica isso pra gente?

22" – Professora Clemári

Vamos por partes, né. Primeiro, o falar popular, você disse. Porque a gente tem uma linguagem formal, aquela usada nos livros, artigos científicos, no material da escola, em televisão, muitas vezes. Por quê? Porque essa linguagem formal, ela é entendida em qualquer lugar, obedece uma norma culta, que é a mesma para todo o país. Só que isso na prática, na hora de falar, entra os “por obséquios” e entra os “nós vai” de vez em quando, né. E aí todo mundo vira e fala: “Nossa. Isso tá errado”. Será que está errado?

1'02" – Apresentador

É... Não sei, né. Não sei. Vamos ver, então, com a professora Priscila, como que esse tipo de tema cai numa prova do ENEM. Tudo bem? Vamos lá professora.

1'13" – Professora Priscila Gomes – Língua Portuguesa – QG do ENEM

Vamos lá para a questão? Vamos dar uma olhadinha no texto, que fala o seguinte: “Óia eu aqui de novo xaxando

Óia eu aqui de novo para xaxar Vou mostrar pr'esses cabras Que eu ainda dou no couro Isso é um desaforo

Que eu não posso levar

Que eu aqui de novo cantando Que eu aqui de novo xaxando Óia eu aqui de novo

mostrando Como se deve xaxar

Vem cá morena linda Vestida de chita Você é a mais bonita Desse meu lugar  
Vai, chama Maria, chama Luzia Vai, chama Zabé, chama Raqué Diz que tou aqui com  
alegria”.

Então você tem aí uma música do Antônio de Barros, que trabalha com o tema dessa questãozinha para a gente, que é variante linguística. Gente, a prova do ENEM é uma prova que trabalha com as variações que a língua sofre, a partir da diferença de questões históricas, de questões regionais, de questões sociais. Então a gente sabe que a nossa língua, ela se adapta, em relação a diferentes fatores. Quando você tem as variações sociais, você tem mudanças por questões de classes sociais. O meio, muitas vezes, que a gente frequenta, tem um jeito próprio de usar a língua. As diferenças de registro: formal, informal, gírias... Isso, muitas vezes, está associado, sim, a diferenças sociais. Porque as variantes, elas absorvem todos esses aspectos culturais. Ok?

A segunda variação, que é o foco aqui da música, é a variação regional ou geográfica. Vocês já devem ter percebido que a professora puxa um pouquinho o chiado do “carioquês”. Isso é uma marca regional. Isso é uma variante regional. O sotaque. Às vezes, palavras que em determinadas regiões são pronunciadas ou significam uma coisa, que em outras têm significações diferentes. Então, há nitidamente na nossa língua variações regionais ou geográficas. Eu tenho variantes históricas, que são aquelas relacionadas ao tempo. O “você”, que a gente tanto usa hoje, que vira quase o “cê”, porque a galera encurta, era o “vossa mercê”. Virou o “vosmicê”. Então, olha como a língua vai sofrendo essas transformações ao longo do tempo. Eu tenho diferenças por faixa etária. Uma criança, ela não fala da mesma forma que o idoso. No que eu quero que você tenha atenção para esse modelo de prova e para a questão que eu vou resolver agora com você? Você faz uma prova de linguagens, de códigos, que, na verdade, trabalha a língua não só naquele aspecto da norma, gramática, mas que trabalha com comunicação, com cultura, com variações. E é exatamente em cima disso que o enunciado da questão fala um pouquinho pra gente. Vamos lá.

Olha só:

“A letra da canção de Antônio Barros manifesta aspectos do repertório linguístico e cultural do Brasil”.

Repara como ele associa o uso da língua ao aspecto da cultura. “O verso que singulariza uma forma do falar popular regional é:”

Isso é importante pra você, porque existem diferentes variantes. O foco é o regional. É a variante regional quando ele brinca do “óia”, como se ele estivesse falando “olha”. E aí eu preciso achar uma opção em que esse aspecto regional esteja em evidência.

Letra A:

“Isso é um desaforo?. Acho que não, né. B:

“Diz que tou aqui com alegria”.

Eu tenho uma variante aqui de registro, de informalidade, mas o foco dele é o aspecto regional. C:

Vou mostrar pr'esses cabras”.

A galera do Nordeste que está assistindo já pegou, porque se utiliza muito isso: “cabra macho”, “ô, cabra”, né. Como se eu estivesse falando com um homem, com uma pessoa. Isso é muito regional. Acho que a gente achou a resposta. Mas vamos lá, vamos conferir.

D:

“Vai, chama Maria, chama Luzia”. Até então, nada. E: “Vem cá, morena linda vestida de chita”.

Gente, onde é que eu tenho um traço de fala mais forte, regional? Com certeza, na alternativa de letra “C”. Ok?

5’45” – Apresentador

ENEM também é poesia. Certo, professora? 5’48” – Professora Clemári

Certo. Mas tem que tomar um cuidadinho, né. Porque na hora da redação, se fizer poesia, zerou. Não é o gênero que é pedido. Agora, a poesia aparece em várias questões como essa.

5’59” – Apresentador

Ah! Entendi. E em que momento a gente estuda variações da Língua Portuguesa? 6’05 – Professora Clemári

Então, as variações da Língua Portuguesa estão presentes durante o Ensino Fundamental, em geral. No Ensino Médio, a partir do primeiro e segundo ano, tem um foco maior para que o aluno comece a perceber que nem todo mundo fala da mesma maneira, especialmente num país tão grande quanto o Brasil, né. E cada região tem um jeito de falar especial, que não está errado e que tem que ser respeitado. É isso que o ENEM quer que você entenda direitinho.

## ANEXO II – Transcrição

### HORA DO ENEM / VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, INTERPRETAÇÃO TEXTUAL E A LÍNGUA PORTUGUESA NOS QUADRINHOS

Link do programa: <https://api.tvescola.org.br/tve/video/hora-do-enem-programa-113-variacao-linguistica-interpretacao-textual-e-a-lingua-portuguesa-nos-quadrinhos>

DURAÇÃO: 00:24:30 Transcrição

00”- 00’25” música instrumental com instrumentos de sopro 00”; 26 – Apresentador (Land Vieira)

Há há há ta achando o quê ô rapaz, quem estuda não escorrega, e roda a vinheta... 00’; 32” – 00’55”

Ela é dinâmica e cheia de vida, dona de uma variedade de expressões - a língua portuguesa – e tudo pode se complementar. Quem mostra isso são os gêmeos Fábio Moon e Gabriel Bah(?), eles ganharam 5 vezes o Oscar dos quadrinhos nos Estados Unidos e também o Prêmio Jabuti, por adaptarem um clássico da literatura – O Alienista, de Machado de Assis. Mas, no terceiro bloco, porque agora Prof<sup>a</sup> Teresa Cruz, por gentileza... Seja bem vinda

1’:25” – Teresa Cruz – Professora de Língua Portuguesa (Colégio Pedro II) Como vai?

1’:26” – Apresentador Seja bem vinda

1’: 27” – Prof<sup>a</sup> Teresa Cruz Obrigada. Tudo bem?

1’:30” – Apresentador

Tudo bem. O ENEM costuma cobrar gramática vinculada ao texto, como que o aluno pode estudar os conteúdo e as regras?

1’:36” – Prof<sup>a</sup> Teresa Cruz

Bom na prova do ENEM a gramática nunca vai ser associada ao estudo gramatiquero como se fazia antigamente. O que acontece hoje, felizmente, é que o estudo da gramática está associado à leitura e à interpretação. Isso não quer dizer que os conteúdos gramaticais devam ser esquecidos, mas eles devem ser revistos. O candidato precisa ainda saber reconhecer o que é um substantivo, o que é um adjetivo, o que é um pronome, mas não porque

isso vai ser cobrado dele dessa maneira né, cobrando nomenclatura e identificação, mas ele precisa saber.

2':15" – Profª Vamos lá

2':16" – Apresentador Renatinho roda a questão

2':18" – Romulo Bolivar Prof. De Língua Portuguesa (Proenem)

O caderno é o de cor azul e a questão é a de número um zero meia – 106 vamos ao texto?

**Embora particularidades na produção mediada pela tecnologia aproximem a escrita da oralidade, isso não significa que as pessoas estejam escrevendo errado. Muitos buscam, tão somente, adaptar o uso da linguagem ao suporte utilizado: “O contexto é que define o registro de língua. Se existe um limite de espaço, naturalmente, o sujeito irá usar mais abreviaturas, como faria no papel”, afirma um professor do Departamento de Linguagem Tecnologia do Cefet – MG. Da mesma forma, é preciso considerar a capacidade do destinatário de interpretar corretamente a mensagem emitida. No entendimento do pesquisador, a escola às vezes, insiste em ensinar um registro utilizado apenas em contextos específicos, o que acaba por desestimular o aluno, que não vê sentido em empregar tal modelo em outras situações. Independentemente dos aparatos tecnológicos da atualidade, o emprego social da língua revela-se muito mais significativo do que seu uso escolar, conforme ressalta a diretora de Divulgação Científica da UFMG: “A dinâmica da língua oral é sempre presente. Não falamos ou escrevemos da mesma forma que nossos avós”. Some-se a isso o fato de os jovens se revelarem os principais usuários das novas tecnologias, por meio das quais conseguem se comunicar com facilidade. A professora ressalta, porém, que as pessoas precisam ter discernimento quanto às distintas situações, a fim de dominar outros códigos.**

Muito bem, aqui embaixo está a referência e a autoria do texto.

SILVA JR., M.G; FONSECA V. Revista Minas Faz Ciência, n.51, set-nov 2012  
(adaptado)

Antes de passarmos ao comando da questão vale uma reflexão sobre a questão da norma

padrão, o ensino da norma padrão:

Primeiro: várias pessoas falam língua portuguesa, mas em comunidades diferentes, como a língua é viva, cada uma vai desenvolvendo suas particularidades, suas gírias, os profissionais vão inventando seus jargões, tudo isso tem validade, mas cada um em seu contexto. Então, você olhar para um texto de internet e começar a dizer ah isso não é português, ah não isso aqui tá tudo errado, as pessoas pensam que a internet prejudicou a língua, pelo contrário a internet, as redes sociais fizeram com que se formassem mais autores, as pessoas se motivaram a escrever. Não que as pessoas estejam escrevendo pior agora, pelo contrário, na verdade elas escreviam como vinham escrevendo, só que agora isso é demonstrado e também vem sendo criticado. Então você querer impor a norma padrão utilizado para um documento, utilizada para um registro, para redação de textos dentro de uma rede social por exemplo, é de certa forma uma ignorância porque você olha pra língua sem considerar o contexto em que ela é veiculada. Estamos juntos? Ah mas é aquilo não é português, é português também, mas é um português em um registro mais informal, mais abreviado, se adaptando àquele contexto comunicativo. Estamos juntos? Vamos ao comando da questão:

Na esteira do desenvolvimento das tecnologias da informação e de comunicação, usos particulares da escrita foram surgindo. Diante dessa nova realidade, segundo o texto, cabe à escola levar o aluno a quê?

a) Interagir por meio da linguagem formal no contexto digital?

É isso? Levar aquele comportamento mais engessado para qualquer contexto ou para o contexto digital?

b) Buscar alternativas para estabelecer melhores contatos on-line?

É isso? A gente vai trabalhar agora para multiplicar os seus contatos ou melhorar a qualidade do contato?

c) Adotar o uso de uma mesma norma nos diferentes suportes tecnológicos?

É justamente o contrário, o que o texto mostra é que a norma ela vai se adaptando a cada suporte.

d) Desenvolver habilidades para compreender os textos postados na web?

Ah então agora a gente estuda para aprender a interpretar o que está escrito lá no texto? O texto on-line.

e) Perceber as especificidades das linguagens em diferentes ambientes digitais?

É justamente essa a nossa discussão, a língua se adaptando a novos contextos. Vou ler novamente... Perceber as especificidades das linguagens em diferentes ambientes digitais? De novo, ainda que você ache trabalhoso nesse texto, fique calmo porque a sua pura reflexão pra que serve língua, sobre a variação da linguagem, faz com que você responda com mais segurança a uma questão como essa. Estamos juntos?

7'43'' - Apresentador

Muito obrigado, professor. Dinâmica da língua oral, fala um pouco mais 7'47'' – Prof<sup>a</sup> Teresa Cruz

Um aspecto importante pro qual o candidato tem de atentar nessa prova é que o ENEM se preocupa com a questão do preconceito linguístico e das variações linguísticas. O que significa dizer, então, que o candidato tem de estar atento que embora a norma culta e a língua formal falada ou escrita seja uma só, a gente siga um modelo, é importante que Ele não se esqueça que esse é um modelo entre tantos outros modelos também válidos. É importante perceber que há situações e contextos de uso. A língua varia de acordo com o falante, de acordo com a situação, com o momento histórico, enfim há um leque de possibilidades que vão determinar que um modo de falar ou de escrever seja pertinente em um contexto, mas não em outros. Portanto o candidato na hora de fazer essa questão tem de estar atento a essa mobilidade, a essa flexibilização das variantes né, tanto da modalidade escrita quanto da falada.

8'38'' – Apresentador

Porque os gêneros textuais que surgiram com a internet não eliminaram os já existentes?

8'43'' – Prof<sup>a</sup>

Não há possibilidade de eliminação, uma vez que esses novos modelos são modelos que atualizam os já existentes. Então o gênero carta, o gênero receita, o gênero quadrinho, na verdade são atualizados nesses novos formatos, eles vem somar e mostrar, na verdade, como a língua é dinâmica.

9'02'' – Apresentador

Mas e na escola quando a gente trabalha esse assunto? 9'04'' – Profª...

Esse é um tema que vai aparecendo na formação do aluno, desde o sexto até o terceiro ano. Então é um assunto que é retomado com frequência.

9'12'' – Apresentador

Em uma questão só pode ser cobrado vários tipos de textos, incluindo até imagens e histórias em quadrinhos, como que o aluno deve estudar?

9'21'' – Profª

De maneira geral o candidato deve perceber que há uma estratégia típica do texto verbal e há uma estratégia típica do texto não verbal, portanto esse conteúdo é figurinha certa na prova.

9'33'' – Apresentador Então vamos ver a questão...

9'36'' - Rômulo Bolivar Prof. De Língua Portuguesa (Proenem)

O ano é de 2015, a prova é a azul e a questão é a de número 114... comigo! Rede social pode prever desempenho profissional, diz pesquisa.

Pense duas vezes antes de postar qualquer item em seu perfil nas redes sociais. O conselho, repetido à exaustão por consultores de carreira por aí, acaba de ganhar um status, digamos mais científico. De acordo com o resultado da pesquisa, uma rápida análise do perfil nas redes sociais pode prever o desempenho profissional do candidato a uma oportunidade de emprego. Para chegar a essa conclusão, uma equipe de pesquisadores da Northern Illinois University, University of Evansville e Auburn University pediu a um professor universitário e dois alunos para analisarem perfis de um grupo de universitários. Após checar fotos, postagens, fotos, número de amigos e interesses por 10 minutos, o trio considerou itens como, presta atenção... consciência, afabilidade, **extroversão, estabilidade emocional e receptividade**. Vamos lá, não se verificou aqui se um é mais forte do que o outro, se um trabalha mais do que o outro, se um é mais inteligente do que o outro, não é isso que a rede social mostra. A rede social mostra um pouquinho da personalidade, os dois são fortes, os dois são competentes, os dois são excelentes profissionais, só que um é mais calmo, o outro é mais nervoso, um é mais fácil de fazer amigo, o outro é mais fechado. Então a internet... a gente tem que perceber isso, a rede social a partir desse texto não está medindo competência nem habilidade, ela está demonstrando personalidade, esse é o foco... **Seis meses depois, as impressões do grupo**

**foram comparadas com a análise de desempenho feita pelos chefes dos jovens que tiveram seus perfis analisados. Os pesquisadores encontraram uma forte correlação entre as características descritas a partir dos dados da rede e o comportamento dos universitários no ambiente de trabalho.** Ótimo, aqui embaixo nós temos a referência.

Disponível em: [HTTP://exame.abri.com.br](http://exame.abri.com.br). Acesso em: 29 fev.2012 (adaptado). Vamos ao comando da questão:

**As redes sociais são espaços de comunicação e interação on-line que possibilitam o conhecimento de aspectos da privacidade de seus usuários. Segundo o texto, no mundo do trabalho, esse conhecimento permite** o quê? O conhecimento da rede social do indivíduo faz com que você infira que você deduza o que sobre o indivíduo? Vamos lá

- a) Identificar a capacidade física atribuída ao candidato.
  - Ah um é mais forte o outro é mais fraco, é isso?
- b) Certificar a competência profissional do candidato.
  - Ele vai lá pra saber se ele é bom profissional, se ele trabalha bem ou não?
- c) Controlar o comportamento virtual e real do candidato.
  - É isso? A empresa quer controlar faça assim faça assado? Esse texto não é instrutivo, não visa instruir o candidato.
- d) Avaliar informações pessoais e comportamentais sobre o candidato.
  - Parece que sim. Informação pessoal comportamental está mais ligada à personalidade.
- e) Aferir a capacidade intelectual do candidato na resolução de problemas.
  - Quer saber se um é mais inteligente, o outro é menos inteligente? Também não é isso que se mede. Muito bem, nós chegamos aí a partir de nossas reflexões a resposta certa. Letra d. Voltada para a personalidade, avaliar informações pessoais e comportamentais sobre o candidato. Estamos juntos?

14'01'' – Apresentador

Professor, muito obrigado! Agora saber de redes sociais já basta pra resolver a questão?

14'08'' - Prof<sup>a</sup>

Não. Mas se eu uso a internet eu já tenho esse caminho facilitado. Se esse meu domínio

de leitura está associado ao conhecimento desse universo do qual a questão trata aí a gente chega facilmente a questão.

14'20'' – Apresentador

A internet também pode contribuir para que o aluno aprenda a conviver com a diversidade, tá certo?

14'25'' – Profª

Tá sim. De maneira geral, o que se fala comumente sobre a internet é que ela aproxima, diminui distâncias e se ela pode contribuir também pra que comunicativamente, no sentido de conhecer o outro através da sua seleção vocabular, do seu universo de significação, então ela também tá ajudando a conhecer as modalidades da língua, as variações da língua. E esse conhecimento vai ajudar também a eu perceber que esse modelo que eu tenho de fala é apenas uma manifestação que vai se reconhecer como semelhante, em alguns aspectos, ao modo de seleção vocabular do outro, a cultura do outro e também para perceber as diferenças. Mas a gente deve perceber assim, desse modo mesmo, como semelhanças e diferenças e não como melhores ou piores.

15'10'' - Apresentador